

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICANÁLISE
MESTRADO**

**ALCOOLISMO MASCULINO E IDENTIFICAÇÃO:
UM TRAÇO CRUEL DO PAI?**

Clícia Marina Magalhães Pereira

**RIO DE JANEIRO
2005**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Clicia Marina Magalhães Pereira

**ALCOOLISMO MASCULINO E IDENTIFICAÇÃO:
UM TRAÇO CRUEL DO PAI?**

Trabalho apresentado para defesa de dissertação do Programa de Pós-Graduação em Psicanálise da Universidade do Estado do Rio de Janeiro como requisito parcial para obtenção do título de mestre.

Orientador: Ademir Pacelli Ferreira

Rio de Janeiro
Instituto de Psicologia
2005

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICANÁLISE
MESTRADO

Dissertação intitulada “*Alcoolismo masculino e identificação: um traço cruel do pai?*” de autoria de Clícia Marina Magalhães Pereira, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Ademir Pacelli Ferreira (Orientador)

Prof. Glória Sadala

Prof. Sonia Alberti

Rio de Janeiro, 19 de outubro de 2005.

Aos meus pacientes

Agradecimentos

Ao orientador Ademir Pacelli pela liberdade de empreender um trabalho de minha autoria;

Ao mestrado em psicanálise da UERJ pela aposta neste trabalho;

Aos professores do mestrado pelos seus cursos nos quais pude enriquecer a minha formação,

À Prof. Sonia Alberti por suas preciosas indicações teóricas e clínicas;

À Polícia Militar de Minas Gerais pela oportunidade de fazer esta pesquisa que muito me engrandece;

Aos colegas do Campo Lacaniano que muito me apoiaram em vários momentos desta jornada;

Aos professores de Formações Clínicas do Campo Lacaniano do Rio de Janeiro onde fiz boa parte de minha formação;

Aos meus familiares pois eles têm uma parcela profunda em tudo aquilo que somos e conquistamos.

A todos que contribuíram para este trabalho pois tudo que se conquista não se conquista sozinho.

RESUMO

Esta dissertação é constituída por uma pesquisa sobre casos de alcoolismo de policiais militares nos quais os pais dos pacientes também eram alcoolistas graves. Levantou-se a hipótese de estar ocorrendo uma identificação dos pacientes com o alcoolismo destes pais. Realizou-se, então, um levantamento teórico sobre alcoolismo e identificação, de Freud a Lacan. Desde Freud estamos cientes de que as primeiras identificações, fruto do romance familiar edipiano, possui efeitos gerais e duradouros sobre a constituição do sujeito. Todavia, a identificação é parcial, se dando sempre por um único traço, denominado por Lacan *traço unário* (*einzigster Zug*). Então, na neurose, o sujeito escolhe um traço do objeto investido de libido para se identificar, como um sucedâneo, após ser obrigado a renunciar a esta ligação afetiva. Nos casos de histeria masculina estudados, o traço escolhido, o S1, seria o alcoolismo, pois se trata de uma característica marcante destes pais. Esta identificação se dá na vertente do pai do gozo e não do pai da lei, como um mandamento de gozo do supereu, um dos herdeiros do pai. O sujeito histérico se coloca numa posição de desejo passivo-masoquista, ou seja, no sentido de uma postura de submissão, como objeto do pai.

Résumé

Cette dissertation est constituée par une recherche sur les cas d'alcoolisme de policiers militaires dans lesquels les parents des patients étaient aussi des graves alcoolistes. Par conséquent, on a soulevé l'hypothèse d'arriver une identification des patients avec l'alcoolisme de ces parents. On a alors réalisé une recherche théorique sur l'alcoolisme et l'identification, de Freud à Lacan. Ainsi, depuis Freud, on a plus de connaissance de que les premières identifications, produites du roman familial d'Œdipe, possèdent des effets généraux et durables sur la constitution du sujet; cependant, l'identification est partielle, en se donnant toujours par un seul tracement, nommé par Lacan *tracement unique* (einziger Zug). Alors, dans la névrose, le sujet choisit un tracement de l'objet investi de libido pour s'identifier, comme un succédané, après être obligé à renoncer à cette liaison affective. Dans les cas étudiés d'hystérie masculine, le tracement choisi, le S1, serait l'alcoolisme, parce qu'il s'agit d'une caractéristique remarquable du père. Cette identification arrive dans le versant du père de la jouissance et pas dans laquelle du père de la loi, comme un commandement de la jouissance du Super-moi, un des héritiers du père. Le sujet hystérique se place dans une position de désir passif-masochiste, ou, dans le sens d'une posture de soumission, comme objet du père.

Sumário

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I:	
AS CONTRIBUIÇÕES DA PSICANÁLISE PARA O	
ESTUDO DO ALCOOLISMO	4
1.1 Contribuições de Freud	4
1.1.1 Alcoolismo e histeria masculina.....	4
1.1.1.1 O álcool como um fator de irrupção da histeria aguda	4
1.1.1.2 A anestesia alcoólica como histérica	5
1.1.1.3 Alcoolismo na adolescência	7
1.1.1.4 Alcoolismo e impotência para o trabalho	8
1.1.2 Alcoolismo e delírio de ciúmes	9
1.1.3 Alcoolismo e repetição	12
1.1.4. Alcoolismo: uma satisfação sem obstáculos	15
1.1.5 Alcoolismo: uma solução diante do mal estar	16
1.2 Contribuições dos autores pós-freudianos	18
1.2.1 Karl Abraham: as relações entre o álcool e a sexualidade	18
1.2.2 Sándor Ferenczi: o álcool não é a causa	21
1.2.3 Ernest Simmel: “O supereu é solúvel no álcool”	23
1.3 Contribuições de Lacan	25
1.3.1 O complexo de desmame	25
1.4. Contribuições dos autores lacanianos	26
1.4.1 Alcoolismo e psicose	26

CAP II:

O CONCEITO DE IDENTIFICAÇÃO NA TEORIA DE

FREUD E DE LACAN 30

2.1 A concepção freudiana de identificação 30

2.1.1. Complexo de Édipo 36

2.1.2 Pai da lei e pai do gozo 39

2.1.3 Supereu 41

2.1.4 Ideal do eu 43

2.1.5 Imperativo categórico 46

 2.1.5.1 A severidade do supereu 46

 2.1.5.2 A face amável do gozo 49

2.2 A concepção lacaniana de identificação 51

2.2.1 Estágio do espelho: 51

2.2.2 Classificação das três modalidades de identificação: uma revisão 54

2.2.3 Identificação ao Pai 57

2.2.4 Identificação ao traço 62

2.2.5 Identificação histérica 68

CAPÍTULO III

A SOBERANIA DA CLÍNICA 70

3.1 Alberto: Alcoolismo e histeria masculina 71

3.2 Flávio: A posição da mulher na relação com o alcoolista 77

3.3 Anderson: Alcoolismo e neurose obsessiva 82

3.5 Ricardo: O pai do gozo e a psicose 87

CONCLUSÕES FINAIS	90
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	95

INTRODUÇÃO

O interesse em pesquisar o tema do alcoolismo se deu em virtude da gravidade dos casos atendidos no Centro de Referência em Alcoolismo (CRA), um serviço de tratamento de alcoolistas policiais militares, na premência de encontrar respostas teóricas que auxiliassem na direção do tratamento. Neste serviço, os pacientes atendidos, talvez em decorrência de serem os primeiros casos de um serviço ainda em seu início, tratavam-se de alcoolismo crônico, com duração de 10, 20 anos ou mais. Isto tornou a casuística particularmente grave ou gravíssima, com pacientes já apresentando complicações clínicas severas, óbitos e múltiplas internações em hospital geral e psiquiátrico. Como quase todos os pacientes tinham pais também alcoolistas que, inclusive, a maioria deles, havia morrido em virtude do alcoolismo, surgiu uma indagação sobre este ponto. A severidade desta clínica estaria relacionada a uma identificação a um traço do pai, um ideal mortífero, uma vontade de gozo proveniente do supereu? O supereu constitui um dos herdeiros do pai. Levantou-se a hipótese de que esta situação se devesse a uma identificação a um traço de uma figura estruturante para a vida psíquica, que não é, de forma alguma, uma identificação qualquer. No que diz respeito a uma identificação ao pai, tem-se duas situações: a identificação ao pai enquanto Nome-do-Pai e a identificação a um traço do pai, enquanto uma característica do pai tomada pelo sujeito, que normalmente vai constituir um sintoma. Estas identificações vão se referir a pacientes de estrutura neurótica e tratam de identificações simbólicas. Contudo, temos também a presença de sujeitos psicóticos, que não vão fazer a identificação simbólica ao Nome-do-Pai nem a um traço simbólico do pai. Então, como fica este tema na psicose? Além disso, uma outra indagação se co , em Freud, o pai da lei e o pai do gozo. Assim, estas questões teóricas e clínicas serão, dentro do possível, desenvolvidas na fundamentação teórica, no desenvolvimento dos casos e nas conclusões finais.

No que diz respeito à fundamentação teórica desta dissertação, foi realizado um nológico. O percurso se inicia em Freud até chegar a Lacan e aos autores lacanianos contemporâneos. No primeiro capítulo temos as contribuições da psicanálise para o estudo do alcoolismo. Freud desenvolve os seguintes temas em relação ao alcoolismo: histeria masculina, delírio de ciúmes, repetição, o alcoolismo como uma satisfação sem obstáculos e como uma construção auxiliar contra o mal estar. Quanto aos psicanalistas pós-freudianos, que analisaram o alcoolismo, os principais são

Abraham, Ferenczi e Simmel. Abraham, em 1908, faz uma análise das relações entre o álcool e a sexualidade e afirma que o álcool permite ao sujeito manter uma reputação de virilidade. Essa concepção pode ser entendida, com Lacan, como uma virilidade imaginária. Segundo Abraham, o alcoolismo age sobre as sublimações, regredindo a libido genital a prazeres parciais, anteriormente inibidos ou recalcados. A libido, que de objeto se tornara narcísica, para posteriormente ser desviada em sua finalidade pela sublimação, deixa de ser desviada para seu alvo sublimado e retorna ao eu, que a dirige quase exclusivamente para a bebida. Bebida esta que permite ao sujeito desviar-se momentaneamente do obstáculo do recalco e retomar formas de satisfação interditas ao sujeito. Por sua vez, Sándor Ferenczi aborda a temática do alcoolismo a partir da causalidade da paranóia, no caso de um paciente que apresentava ciúmes delirantes alcoólicos. Todavia, a noção que realmente deixa para a posteridade foi a de que a causa do alcoolismo não está na substância, mas no sujeito que a utiliza. No que concerne a Ernest Simmel, este psicanalista, após sua experiência no atendimento de alcoolistas internados numa clínica instalada por ele, Simmel conclui que o “supereu alcoólico é solúvel no álcool”. Ele afirma que se trata de um modo de sujeitos deprimidos, em decorrência de um supereu exigente e severo, lidar com esta crítica voraz. Contudo, esta posição de Simmel é passível de considerações pois a posição do supereu é ambivalente, já que se o lado crítico do supereu é “dissolvido” pelo álcool, o outro lado é imperativo quanto ao gozo oral mortífero. No que diz respeito a Lacan, a sua primeira referência sobre alcoolismo foi expressa em 1938. Discorrendo sobre os laços familiares, Lacan aborda a fixação à *imago* materna como a causa das perturbações que envolvem as toxicomanias orais, que explica o alcoolismo como uma forma lenta de auto extermínio. Nos autores lacanianos contemporâneos encontrou-se a articulação entre alcoolismo e psicose, em que o álcool faz suplência ao Nome-do-Pai, velando a estrutura. Vai-se levantar a hipótese de que alguns casos graves de alcoolismo podem ser casos de psicose, já que o pai, também alcoolista grave, não teria condições de exercer a função paterna. Nestes casos tem-se a identificação imaginária ao pai ou uma identificação a um modo de gozo do pai e não a identificação simbólica a um traço do pai ou ao Nome-do-Pai.

No segundo capítulo, é analisado o conceito de identificação em Freud e em Lacan em função da perspectiva de investigação desta dissertação. Sabe-se que há uma preponderância das primeiras relações parentais na constituição das determinações inconscientes que formarão o sujeito, as primeiras identificações, os S1s, os significantes mestres aos quais o

sujeito permanece alienado e influenciam o seu destino, enquanto ele se mantém enredado por eles. A identificação é a própria alienação do sujeito ao traço, que é uma escolha forçada em função da alienação necessária do sujeito com o Outro. A identificação é uma captura do sujeito no campo do Outro. Por conseguinte, foram trabalhados temas relativos à identificação desde Freud até Lacan. Iniciamos a pesquisa no complexo de Édipo, discutimos a distinção entre o pai da lei e o pai do gozo e chegamos à contribuições de Lacan. Foi trabalhado o estágio do espelho já que a identificação especular será necessária para o entendimento da psicose. As identificações propriamente ditas, pode-se dizer, simbólicas, são: a identificação ao pai (ao Nome-do-Pai) , ao traço e histórica. Como já referido acima, a identificação que ocorre no alcoolismo não é uma identificação ao pai, mas a um traço do pai, porque a identificação ao pai é o Nome-do-Pai. Como se poderá depreender da teoria descrita adiante sobre o Complexo de desmame, o Nome-do-Pai vem na vertente contrária ao alcoolismo e não ao seu favor, pois barra o parasitismo da criança com a mãe. O pai presente no alcoolismo é principalmente o pai do gozo, um pai pouco viril, ou um pai que nem transmite a lei.

O terceiro capítulo foi desenvolvido a partir da clínica, e contém a descrição de casos nos quais todos os pacientes tinham pais alcoolistas. Pesquisou-se a histeria masculina, a neurose obsessiva e a psicose. Foram feitas articulações entre a clínica apresentada e a teoria descrita na fundamentação teórica. No que diz respeito às conclusões finais, elas se referem principalmente a histeria masculina e à psicose, pois constatou-se que o pai que mais marca sua presença na clínica do alcoolismo é o pai do gozo. Nos casos de histeria masculina há uma identificação ao pai enquanto traço simbólico estrutural, ao Nome-do-Pai, e também uma identificação ao alcoolismo do pai, enquanto um traço de gozo. Pelo contrário, na psicose, o pai é um recurso identificatório ortopédico a um pai degradado, apenas enquanto modelo de uma função de gozo, não constituindo uma identificação simbólica ao Nome do Pai, mas apenas um recurso na vertente do “como se” de Helene Deutsch. A articulação entre psicose e alcoolismo é um dos aspectos que pode explicar a dificuldade de alguns casos de alcoolismo, casos de quase impossível abordagem. Pacientes que parecem neuróticos, pois a estrutura fica velada por um alcoolismo muitas vezes gravíssimo, que pode constituir uma “defesa” do paciente contra um desencadeamento psicótico. Estamos no nível do estágio do espelho, da identificação narcísica, especular, na qual ainda não há uma dialetização.

CAPÍTULO I

AS CONTRIBUIÇÕES DA PSICANÁLISE PARA O ESTUDO DO ALCOOLISMO

1.1 CONTRIBUIÇÕES DE FREUD

1.1.1 Alcoolismo e histeria masculina

As primeiras pontuações de Freud encontram-se em um texto de 1888, sobre histeria, que constitui uma contribuição freudiana para uma enciclopédia. Trata-se de um texto pré-psicanalítico no qual o autor faz algumas observações relacionando o alcoolismo à histeria, em geral, e à histeria masculina, em particular. São elas:

- a intoxicação pelo álcool é uma das causas de irrupção da histeria aguda;
- Citando Charcot, Freud diz que muitas das anestésias alcoólicas não passam de um sintoma histérico;
- homens, em idade juvenil, são particularmente propensos à histeria em virtude do álcool;
- o alcoolismo na histeria masculina está relacionado à impotência para o trabalho.

1.1.1.1 O álcool como um fator de irrupção da histeria aguda

Se Freud (1888) diz que o álcool pode ser um fator de irrupção da histeria aguda, Lacan faz observações que corroboram com esta compreensão freudiana. Em sua tese de doutoramento de 1932, Lacan afirma que vários pesquisadores, principalmente os alemães, ponderam que as perturbações psíquicas que surgem com o alcoolismo, procedem principalmente das disposições psicopatológicas anteriores do sujeito. Assim, se toda neurose é basicamente histérica, entende-se que um sintoma histérico faz sua aparição súbita e, às vezes, violenta, com o álcool. Este último suspende a barreira do recalçamento, permitindo a irrupção do ataque. Em nossa experiência constatamos esta associação entre a embriaguez e a eclosão de sintomas agudos de histeria, tais como, crises de choro, fugas, histeroepilepsia,

blackouts, desmaios, súbita agressividade, paralisias, tremores generalizados, crises nervosas de uma forma geral. Alguns casos descritos neste projeto apresentam vários destes sintomas.

Abraham (1908) também contribui com observações sobre o álcool como um fator de desencadeamento de um ataque histérico. Em 1908, em sua análise das relações entre sexualidade e alcoolismo, este autor diz que a resistência de certos histéricos a se submeter a prescrições médicas de morfina ou ópio, levaram a concluir que esses medicamentos provocam excitação sexual nestes pacientes que, em decorrência de sua estrutura, convertem a excitação em sintomas ou angústia. Por conseguinte, conclui que a intolerância ao álcool de certos neuróticos deve ter origem semelhante.

1.1.1.2 A anestesia alcoólica como histérica

A anestesia é um queixa freqüente nos alcoolistas. Em 1888, Freud ainda aceita a explicação médica corrente de que a conversão histérica é produto da complacência somática. Segundo esta concepção, uma parcela do corpo se torna receptiva à irrupção de uma conversão, por ter-se tornado enfraquecida em virtude de alguma ocorrência como, por exemplo, um traumatismo físico. Aquele ponto pode, assim, se tornar sede de histeria local. Contudo, já em 1893, em “Alguns pontos para um estudo comparativo das paralisias motoras orgânicas e histéricas”, Freud vai adiante em suas considerações, ao elaborar o conceito de *paralisia funcional simbólica*. Ele estabelece a distinção entre paralisias orgânicas e histéricas, situando a paralisia histérica como um modelo de constituição do sintoma corporal na histeria. Freud diz, então, que o que faz com que um braço seja paralisado é o fato de que a concepção do braço, a idéia do braço, seja incapaz de ter acesso às associações do eu consciente. E esta modificação, puramente funcional, é causada pela fixação da idéia do braço numa associação inconsciente, com a lembrança de um trauma psíquico investido de afeto. Portanto, a concepção do braço não ficará disponível à consciência, enquanto a carga de afeto do trauma não tiver sido eliminada pela ab-reação.

Este aspecto simbólico do sintoma, Freud (1895) analisa-o melhor nos “Estudos sobre a histeria”. No Caso Elisabeth von R., Freud (1895) dá vários exemplos do simbolismo no sintoma corporal, na conversão, assim entendendo as dores nas pernas de Elisabeth. Segundo Alberti (2003), sua dificuldade de deambular e se levantar, em virtude das dores, constituíam uma *lesão funcional simbólica*, relativa ao significante *Alleinstehen* (*Allein* = sozinho e *stehen*

= ficar de pé). Ela não consegue ficar de pé em virtude de um complexo de emoções recalçadas. Estas emoções estão em íntima conexão com o grande interesse que desenvolvera por seu cunhado, marido de sua irmã. Elisabeth, que tivera que cuidar do pai enfermo até seu falecimento, não tinha namorado e se sentira ainda mais só com a morte do pai. Um dia, ao realizar uma caminhada ao lado do cunhado, ela pensa na felicidade de sua irmã com seu marido e como sua solidão contrastava com a vida da irmã. Quando esta última falece precocemente, Elisabeth tem o pensamento de que o cunhado, por conseguinte, ficaria disponível para ela. Este complexo de sentimentos produzem grande conflito em Elisabeth, sendo imediatamente recalçados e fazendo eclodir as dores nas pernas. Ela fica impedida de andar e ficar de pé. Esses acontecimentos conflituosos descritos tornaram difícil para Elisabeth o fato de ficar sozinha, após a morte do pai, e lhe deixaram o sentimento de não poder dar um passo à frente. Os pensamentos recalçados encontraram expressão simbólica através do significante *Alleinstehen* que vincula a “solidão” com “ficar de pé”.

Segundo Freud (1895), os melhores exemplos de simbolização são encontrados em Frau Cäcilie, também descritos no Caso Elisabeth. Frau Cäcilie apresentou, durante anos seguidos, uma neuralgia facial. Ela se recupera ao recordar um episódio em que o marido lhe dirigira um áspero insulto, que fora “como uma bofetada no rosto”. Em outro episódio, aos 15 anos, Frau Cäcelie estava deitada, sob o olhar vigilante e desconfiado da avó. De repente grita, pois sentira um dor penetrante na testa, que durou semanas. Na análise, ela conclui que a avó lhe dirigira um olhar tão penetrante, que fora direto até o cérebro. Ao dizê-lo a dor desapareceu. Freud conclui que a linguagem está incluída no sintoma corporal ou, como se refere, as pernas de Elisabeth começam a participar da conversa. Ele afirma, ademais, que a conversão, pela simbolização, parece exigir a presença de um grau mais elevado de modificações históricas.

Em “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, em uma nota de rodapé incluída em 1915, na seção em que conceitua as zonas erógenas, Freud (1905) afirma que qualquer parte do corpo, interna ou externa, pode ser erogeneizada. E é a erogeneização do corpo um dos fatores envolvidos na conversão. Portanto, para ocorrer uma anestesia histórica, não é necessária a presença de uma complacência somática, pois qualquer parte do corpo pode ser sede de histeria. No texto sobre o narcisismo, Freud (1914: 100) complementa: “Podemos decidir considerar a erogenicidade como uma característica geral de todos os órgãos e, então, podemos falar de um aumento ou diminuição dela numa parte específica do corpo”. As partes

do corpo podem atuar como uma zona genital, qualquer parte específica do organismo humano.

A partir das contribuições da teoria lacaniana, pode-se esclarecer melhor a equivalência simbólica entre o inconsciente e o corpo. O inconsciente engata no corpo, que é feito de significantes e não apenas de carne e osso. E os significantes recalçados vão se expressar pela conversão somática na histeria, quando o sujeito não consegue falar através das palavras, pois o saber é desconhecido por ele. O mecanismo é o mesmo do sonho, através de um deslocamento, via metonímia, daquilo que foi traumático, para o sintoma corporal, como no caso Dora: a pressão do órgão sexual do Sr K sobre uma parte do corpo de Dora - lembrança recalçada traumática, em virtude do encontro com o sexo - produz um sintoma de pressão no mesmo local. O que, na verdade, é traumático, para o sujeito, é o encontro com o sexo. E, assim, retornando ao tema da anestesia no alcoolismo, a mesma expressa um certo conteúdo inconsciente para o sujeito alcoolista, que pode ser investigado na subjetividade de cada um. Em um caso de alcoolismo descrito neste projeto, o paciente apresenta uma paralisia, não conseguindo se levantar da cama, após sua esposa ameaçá-lo de separação.

1.1.1.4 Alcoolismo na adolescência

Como dito acima, no texto de 1888, Freud faz, ainda, uma consideração notável sobre a histeria masculina em adolescentes. Ele diz que homens, em idade juvenil, são particularmente propensos à histeria, em virtude do uso de álcool. Sobre esta pontuação, Alberti (2004) faz a seguinte reflexão:

“Hoje se diz que os jovens bebem muito, cada vez mais e mais cedo. Então, a partir desta observação freudiana, até que ponto não se poderia levantar a hipótese de que o fato dos homens jovens beberem tanto, não estaria associado a algo do discurso histórico na *pólis*, no mundo de hoje. Provavelmente, se trata de uma relação do sujeito com a sua própria histeria. Isso é notável porque, ao mesmo tempo, a observação de Freud relaciona alcoolismo e adolescência. Inúmeros debates interrogam, hoje, o aumento de alcoolização nos adolescentes, ou seja, os homens, cada vez mais jovens, se embebedam. É notável esta articulação entre alcoolismo e histeria, entre alcoolismo e a dificuldade do sujeito se haver com a sua posição na partilha dos sexos, porque histeria é isso: sou homem ou sou mulher? Provavelmente o fato de beber é uma forma do sujeito evitar ter que se posicionar sexualmente como homem, no início da adolescência, de fazer a escolha da posição masculina na adolescência”.

1.1.1.5 Alcoolismo e impotência para o trabalho

Freud (1888) afirma, ainda, que a histeria masculina tem a aparência de uma doença grave, pois seus sintomas quase sempre são rebeldes ao tratamento e, nos homens, tem maior importância prática, por implicar uma interrupção do trabalho. Podemos relacionar esta pontuação de Freud com nossas observações na clínica do CRA, pois os pacientes apresentavam muitos problemas no setor de trabalho, em virtude do alcoolismo. Além disso, a histeria, nos homens, é mais grave do que a histeria nas mulheres, porque é mais complexo para o homem, do que para a mulher, ter de se esclarecer sobre a sua bissexualidade, se questionar sobre ser homem ou ser mulher.

É uma característica da histeria uma certa destituição da máscara fálica já que o sujeito histérico sempre se queixa de que “não dá conta”, de que “não consegue fazer” inúmeras diligências. Por conseguinte, a impotência para o trabalho do histérico masculino deve ser entendida como uma modalidade desta “desfalicização”. Então, muitos problemas do alcoolista no trabalho podem se relacionar muito mais à sua natureza histérica do que ao alcoolismo propriamente. Por outro lado, é importante debater ainda a questão da simulação que, no âmbito profissional, não é de pouca importância. Num sintoma, tem-se o benefício primário e o benefício secundário com a doença. Se existe o benefício primário da fuga para a doença através do alcoolismo em virtude do mal estar do trabalho, a isto se soma a pensão recebida no caso de afastamento do trabalho, que é um exemplo típico de benefício secundário. Ademais, temos a polêmica sobre a simulação. Se um sujeito apresenta uma contratura ou uma lombalgia que lhe permite ser afastado do trabalho, não se pode, a partir disso, dizer que se trata de simulação. Contudo existe um aspecto de engodo na histeria, que Freud (1895) discute na primeira mentira histérica. Este engodo é próprio do inconsciente. Existe verdade mas também existe mentira. Existe verdade na mentira, pois o sujeito pensa que é uma coisa porém é outra, já que a verdade está recalcada e ele só tem acesso à mentira. É como se a mentira fosse o aspecto manifesto da verdade latente. Assim, pode-se dizer que a histeria simula mas o sujeito não, pois a histeria é a mentira manifesta da verdade do sujeito do inconsciente. Outro aspecto que nos parece importante frisar sobre as relações do alcoolista com o trabalho se refere ao fato de

aceitar as exigências provenientes do seu setor de trabalho no sentido de se inserir em um projeto mínimo de tratamento sob pena de sanções.

1.1.2 Alcoolismo e delírio de ciúmes

Encontramos três momentos na obra de Freud, em que ele faz referências ao delírio de ciúmes alcoólico:

- No “Rascunho H” (Paranóia), 1895, ele diz que o alcoolista não admite que sua impotência sexual seja decorrente do uso abusivo de álcool. Por não aceitar essa fração de conhecimento, passa a culpar a mulher, apresentando delírios de ciúmes.
- A segunda pontuação de Freud (1900) encontra-se em “A interpretação dos sonhos”, na parte H (“As relações entre os sonhos e as doenças mentais”), na qual este autor fornece contribuições essenciais, enriquecidas com as respectivas descrições clínicas, a partir de suas pesquisas em vários autores, no que diz respeito às relações clínicas e causais que podem ser estabelecidas entre a vida onírica e as desordens psíquicas. Ele descreve basicamente três aspectos: questões causais e clínicas (um sonho é um equivalente de uma desordem mental, ou a introduz, ou permanece como uma seqüela da mesma); alterações dos sonhos em virtude de um estado psicótico; íntimas analogias entre vida onírica e psicose. Neste contexto, ele cita um sonho de um paciente alcoolista, onde vozes acusavam sua esposa de infidelidade, considerando-o como equivalente a uma paranóia.
- Em 1911, no Caso Schreber, Freud analisa a gramática da paranóia, e o delírio de ciúmes é visto como uma das três modalidades descritas na gramática (que transforma o “eu o amo” em “ela o ama”). O delírio de ciúmes alcoólico se refere a um desejo homossexual projetado na mulher, pois não é raro que o desapontamento com uma parceira leve um homem para o bar, mas isso significa que ele encontra, no bar, a satisfação emocional que perdeu da mesma em casa. Assim, se estes parceiros de copo passam a ser objeto de forte investimento libidinal em seu inconsciente, ele se defende dizendo que não é ele que os deseja e sim ela.

O fenômeno do ciúme pode ocorrer tanto na neurose quanto na psicose. Na psicose, o delírio de ciúmes alcoólico está incluído no capítulo da paranóia, é uma modalidade clássica

de paranóia relacionada ao alcoolismo, descrita pela psiquiatria. Por sua vez, o ciúme também é freqüente no alcoolista neurótico, tomando muitas vezes a feição de um pseudodelírio, em decorrência do conteúdo imaginário. Necessário se faz, primeiramente, proceder ao diagnóstico estrutural, para então concluir se o delírio – ou pseudodelírio - de ciúmes, apresentado pelo sujeito, é uma tentativa de cura, como no caso da psicose, ou a expressão de fantasias, como no caso do pseudodelírio na histeria, por exemplo. É preciso, portanto, caracterizar a estrutura psicótica, por exemplo, ou seja, se existe a presença da forclusão do Nome-do-Pai e a incidência do significante no real, para se estabelecer o estatuto do fenômeno de ciúmes.

Na gramática da paranóia, Freud (1911) concebe a homossexualidade como o fator causal da paranóia e alguns autores, seus contemporâneos, como Ferenczi (1908-12) e Abraham (1908), também assim compreendem. Segundo Freud, a homossexualidade estaria na base do delírio de ciúmes, sendo este tipo de delírio uma modalidade de paranóia. No caso do Presidente Schreber, Freud afirma que o conflito básico do paciente, decorre de desejos homossexuais relativos ao Dr. Flechsig, seu médico. Estes desejos foram reavivados pelo fato de Schreber não ter conseguido ter filhos, episódio que lhe teria permitido sublimar a homossexualidade. Esta última teria sua origem em fixações no pai e no irmão. É o temor da castração, pela submissão sexual a um homem, o responsável pelo delírio de Schreber. Contudo, Ida Macalpine, segundo Lacan (1955-56), faz uma interpretação distinta. Macalpine, ao fazer a tradução para o inglês das memórias de Schreber, questiona a causa da paranóia de Schreber a partir da homossexualidade. Ela afirma que todas as intervenções dos analistas sobre a homossexualidade, em casos de psicose, sempre foram catastróficas, enquanto aquelas que consideravam a não inclusão do psicótico na partilha dos sexos tiveram resultados benéficos. Na psicose, a forclusão do Nome-do-Pai impede a entrada do sujeito na diferença sexual. O psicótico continua como o falo que completa a mãe, se tornando, posteriormente, o falo que completa os homens, o que constitui o empuxe à mulher na psicose. Então, não é de homossexualidade que se trata no delírio de ciúmes psicótico. No delírio de ciúmes, segundo Quinet (2001), o que ocorre é o fato de que o paranóico localiza o gozo em um Outro que o *sacaneia* – no caso, a mulher que o trai. Quanto ao aspecto da projeção na paranóia, ou seja, o fato do sujeito projetar na mulher seus desejos e por isso apresentar delírio de ciúmes, não se trata de projeção na psicose, mas de algo que, foracluído no simbólico, retorna no real. Não se trata de uma perda da realidade, mas daquilo que vem como um substituto para a mesma,

como uma tentativa de cura (Freud, 1924). O homossexualismo, na psicose, é da ordem do fenômeno, de um sintoma que pode ocorrer no processo psicótico, que não é determinante, causal ou estrutural. O que é causal, estrutural e simbólico é a presença ou não do Complexo de Édipo e seu principal avatar na psicose, a forclusão do Nome-do-Pai que produz, por consequência, a impossibilidade do sujeito se reconhecer como homem ou mulher.

Na paranóia, o delírio é uma peça que se solda onde alguma coisa falta. Schreber constrói a metáfora delirante de ser a mulher de Deus, como uma forma de circunscrever o gozo de um Outro não barrado, uma forma de aceitar a castração no real, pois não possui a castração simbólica. Por outro lado, Quinet afirma (2004), partindo de Freud, que o pseudodelírio na neurose histérica é uma encenação da fantasia imaginária e uma defesa contra desejos eróticos. Exemplifica, assim, com os delírios eróticos de Norbert Hanold e de Christoph Haizmann. Norbert se defende dos desejos por Zoé em virtude de sua posição histérica de aversão ao sexo, enquanto Haizmann se defende de sua posição feminina relativa ao pai, pelo delírio de possessão demoníaca. Em Hanold, como se trata de uma formação de compromisso, tem-se o desejo e a defesa presentes em seu delírio erótico. Na psicose, portanto, não se trata de uma defesa contra o erotismo, ou contra desejos homossexuais que, projetados na mulher, produziriam delírios de ciúmes. O delírio psicótico é uma modalidade de reinvestimento do mundo externo, de reinvestimento dos objetos.

Em *O seminário, livro 3, As psicoses*, Lacan (1955-56), analisa o delírio de ciúmes. No caso da neurose, ele diz que os ciúmes de um homem, por sua mulher, são uma projeção nela de seus próprios *pecadilhos*, de suas próprias infidelidades. Na psicose, sobre a transformação gramatical de “eu o amo” para “ela o ama”, Lacan situa, em primeiro plano, um outro mecanismo, uma identificação ao outro semelhante, mas numa alienação invertida. O sujeito faz o outro, semelhante, levar a sua mensagem, o ego se faz falar pelo alter ego, que nesta mudança alterou o sexo. O delírio de ciúmes está no registro da alienação invertida. A pessoa, à qual o paciente está identificado, por uma alienação invertida, a sua própria mulher, ele a torna mensageira de seus sentimentos, não dirigidos a apenas um outro homem, mas, como se vê na clínica, a um número indefinido de homens. Talvez esta explicação de Lacan possa ser entendida na consideração de Correa (2003: 55), que diz que “o delírio se trata de uma alteração profunda de todo o sistema do outro, pela qual o psicótico recebe sua própria mensagem do outro”.

Continuando a perspectiva lacaniana de *O seminário, livro 3, As psicoses*, o delírio de ciúme, propriamente paranóico, repete-se de maneira sem fim, influenciando todas os aspectos da vivência, podendo envolver quase todos os sujeitos que surjam na perspectiva, mesmo que aí não estejam presentes. Freud (1911) já se referira que, a repetição infindável de objetos, na paranóia, ocorre porque a paranóia decompõe, assim como a histeria condensa, ou seja, o paranóico decompõe, em vários, o objeto que um dia foi amado na infância; por isso o grande número de objetos do ciúme paranóico.

1.1.3 Alcoolismo e repetição

No “Rascunho K”, Freud (1896) investiga a causa diferencial das neuroses de defesa. Quando se refere à neurose obsessiva, ele fornece o exemplo da compulsão a beber como um sintoma obsessivo secundário de defesa. Na neurose obsessiva o que ocorreria seria uma experiência sexual prazerosa na infância. Quando a experiência fosse posteriormente lembrada, provocaria um desprazer e uma autocensura consciente. Mais tarde, haveria um recalçamento da lembrança e da autocensura com a formação do sintoma primário da escrupulosidade. Quando do retorno do recalçado, seriam formadas as idéias obsessivas da seguinte forma: a autocensura retornaria sem modificação mas de maneira a não atrair atenção para si. Assim, esta se ligaria a um conteúdo distorcido em duas modalidades, no tempo e no conteúdo; no tempo porque se liga a algo atual mas, na verdade, se refere a algo muito anterior, e no conteúdo porque se vincula a alguma coisa da mesma categoria, análogo mas distinto. A autocensura, então, pode ser transformada em ansiedade, hipocondria, delírios de perseguição ou vergonha. A partir daí, se começar a haver uma luta do eu contra os sintomas obsessivos, que são vistos como estranhos ao eu, esta luta por si só pode provocar os sintomas secundários de defesa, que são uma intensificação da escrupulosidade. Estes sintomas secundários ocorrem se a compulsão é transferida para a esfera motora. Para exemplificar, Freud inclui a compulsão a beber (dipsomania) junto da compulsão a ficar cismático, rituais protetores e loucura da dúvida.

Na compulsão a beber, pode-se ver um dos aspectos mais importantes da clínica em geral: a compulsão à repetição. Contudo, como a repetição se verifica no alcoolismo? Ela se verifica naquilo que chamamos de destino, ou seja, o que retorna sempre para o mesmo lugar, uma herança de um destino familiar. O alcoolismo, como uma repetição, também está

presente em dois outros textos de Freud (1894), em que ele aborda a repetição pela somação - algo que se soma, que se adiciona. No texto de 1894, “Sobre os critérios para destacar da neurastenia uma síndrome particular intitulada ‘neurose de angústia’”, Freud discute a importância dos fatores atuais da sexualidade como potenciais predisponentes a crises de angústia através da somação como, por exemplo, a submissão ao coito interrompido durante muito tempo. Os indivíduos aparentemente suportariam, sem distúrbios, o coito interrompido, mas ficam por ele predispostos a uma neurose de angústia, que pode irromper espontaneamente ou a partir de um trauma fortuito, que normalmente não seria suficiente para isso. E utiliza o uso crônico do álcool como um exemplo desta somação, que pode vir a provocar uma cirrose ou alguma outra doença, ou por influência de uma febre, levar o paciente a cair vítima de um delírio. No texto de 1895, “Uma réplica às críticas do meu artigo sobre neurose de angústia”, Freud faz a mesma asserção anterior sobre a somação, relativa à causa dos ataques de ansiedade. Um fator pode vir a se apresentar durante um certo período sem produzir o seu efeito, mas apenas uma predisposição. Não basta que a perturbação exista, é preciso que ela atinja uma certa intensidade. Por somação, pode deflagrar o distúrbio, se há a adição de mais uma quota da perturbação específica ou se ocorre a perturbação banal, que se soma a um certo nível da perturbação específica. Neste texto, Freud trata da causa dos ataques de ansiedade e exemplifica esta somação com os efeitos do álcool, que são um exemplo padrão de causalidade por somação. Pode-se concluir que os efeitos do álcool são um exemplo padrão de causa por repetição. Sabe-se que a compulsão à repetição é própria da pulsão de morte, e que a pulsão é do corpo, do real, marca o corpo como impossível. Não busca prender o objeto, se satisfazendo no movimento de repetição. Ou melhor, a repetição é o movimento, a pulsação que busca atingir um objeto, uma coisa (*das Ding*) impossível de ser atingida, a busca de uma satisfação para sempre perdida. Se a repetição, o gozo, está no movimento de busca, talvez por isso se diga hoje, segundo Bahia (2004), que o gozo está na fissura pelo álcool e não em sua própria ingestão, ou seja, o gozo está no intervalo em que se fica sem ingeri-lo, mas querendo o uso.

Um outro exemplo de compulsão à repetição em articulação com o alcoolismo, pode-se ver na “Carta 79”, de 22/12/1897, em que Freud faz uma correlação entre a masturbação, como o grande vício primário, dos quais todos os outros vícios, tais como o álcool, a morfina, o tabaco, etc. são apenas um sucedâneo. É também digno de nota observar que, nesta carta, Freud afirma que a localização em que o recalcado irrompe é a representação verbal e não o

conceito a ela vinculado, mais precisamente a memória verbal. Por que a masturbação é o grande vício primário? Ele fornece a resposta em uma referência à mania de jogo, em 1928, no final de “Dostoiévski e o parricídio”. Dostoiévski fora viciado em jogo durante uma parte de sua vida e perdera todos os seus bens várias vezes neste período. A propósito, Freud diz que o vício da masturbação surge na infância, como um desejo do menino de manter relações sexuais com a mãe, desejo proibido sobre o qual ele se sente culpado, e o interditor deste desejo é sempre o pai, daí a questão do parricídio. O jogo, em Dostoiévski, é um sintoma no qual ele realiza o desejo e também atinge a autopunição em virtude do mesmo. Freud (1928) fornece, ainda, um outro exemplo na literatura de Stefan Zweig sobre a mania de jogo. Na vida adulta, a mania do jogo seria um sucedâneo da masturbação do adolescente, que fora acompanhada de fantasias de ser iniciado na vida sexual pela mãe. Estas fantasias eram sempre seguidas de culpabilidade e a conseqüente necessidade de punição. No caso do alcoolismo, pode-se também relacionar esta compulsão com a manifestação de desejos proibidos, experimentados por via oral. Freud (1950 [1892-1899]) aborda o alcoolismo em sua relação com a oralidade na “Carta 55”, na qual descreve um caso de dipsomania em um homem de 50 anos, que havia seduzido um de seus pacientes histéricos. Este homem começara a ter ataques de grave dipsomania a partir dos 50 anos, que se iniciavam ou com diarreia, ou com catarro e rouquidão. Estes últimos, Freud relaciona ao sistema sexual oral, como uma reprodução de suas experiências passivas. O impulso da dipsomania seria uma intensificação e um substituto de um impulso sexual correlato. Freud observa ainda que um dos filhos deste homem também era alcoolista.

Para concluir, é evocada uma curiosa reação do organismo à compulsão à repetição, própria ao alcoolismo. As complicações clínicas tão freqüentes no alcoolismo crônico podem levar à morte pelo consumo do corpo. Muitos autores dizem que o alcoolista para de beber quando atinge o *fundo do poço*. Além disso, quando a pessoa se embriaga excessivamente, em virtude do efeito depressor do álcool sobre o sistema nervoso, a tendência é que todos os órgãos parem de funcionar, levando ao óbito. Antes que isso ocorra, há o “apagamento”, o desmaio na embriaguez, como uma defesa orgânica contra a morte, ou seja, contra a parada de funcionamento de todos os sistemas vitais.

1.1.4 Alcoolismo: uma satisfação sem obstáculos

No texto “Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor”, Freud (1912) analisa a impotência psíquica e as dificuldades de realização plena da pulsão sexual num relacionamento amoroso, já que as relações amorosas sempre deixam muito a desejar para todo parceiro. Isto ocorreria em virtude da separação entre a corrente terna e a corrente sensual, no sentido de evitar uma ligação com o objeto incestuoso. Por conseguinte, para obter mais satisfação, o homem necessita depreciar a parceira para deixá-la bem distante do objeto incestuoso, supervalorizado no inconsciente. E a questão da insatisfação sexual, que provoca a mudança constante de objeto - uma série sem fim - pode ser interpretada pela impossibilidade de se reencontrar o objeto original de satisfação, objeto para sempre perdido. Freud (1912) compara, então, a ligação entre um homem e uma mulher, com o vínculo que se estabelece entre o bebedor e o vinho. Neste caso, se trata de um casamento feliz, pois o bebedor não precisa ficar mudando de bebida para obter satisfação. Pelo contrário, sua relação com o vinho é cada vez mais harmoniosa, o bebedor é um amante satisfeito. E se pergunta: “Por que a relação do amante com seu objeto sexual será tão profundamente diferente?” (Freud, 1912: 171). Indagação que o leva a analisar os entraves nas relações com os objetos de amor, as muitas condições que precisam ser realizadas para se conseguir um pouco de satisfação; e, ademais, o mal estar constante em virtude das muitas renúncias que a civilização impõe à pulsão. Sobre este texto de Freud, Lecoer (1992) comenta que o vinho é um parceiro silencioso e conciliador, que não pede e não reclama nada, que não denuncia a castração no amor que o embriagado lhe confere. Conforme Guerra e Pinheiro (1992), o sujeito faz do consumo de um objeto (álcool/droga) uma tentativa de fazer “um”. Um encontro “possível”, sem brecha para qualquer implicação significativa, em que um sujeito, em busca de satisfação e um objeto definido se completam.

Contudo, este “tamponamento” que o álcool ilusoriamente oferece ao sujeito, cobra o seu retorno nocivo, o seu efeito *phármakon*, de remédio e veneno, quando o bebedor começa a apresentar a destruição do corpo, os delírios e as depressões decorrentes do uso crônico. No “Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos”, Freud (1917) faz uma surpreendente interpretação do delírio alcoólico, que pode-se estender também à depressão alcoólica. Ele está examinando o mecanismo das alucinações em várias patologias. Numa delas, na amênia, em que ocorrem alucinações, ele define estas últimas como uma reação a uma perda que a

realidade afirma, contudo o eu precisa negar, por considerá-la insuportável. Freud, então, afirma que as alucinações da psicose alcoólica podem ser entendidas do ponto de vista da psicanálise como sendo da mesma natureza das alucinações da amênia, ou seja, diante de uma perda inestimável para o eu o sujeito responde com o delírio alcoólico. A perda irreparável que a realidade impõe aqui é precisamente a do álcool. Segundo Guimarães (1992), pode-se afirmar que a supressão do álcool coloca em questão uma perda insuportável imposta ao sujeito, pois é a sua própria divisão subjetiva que o álcool vem ocultar. O alcoolista não quer se haver com o Outro sexo e tenta fazer existir a relação sexual através do *casamento feliz* com a garrafa, como se pode ver um sinal disso no caso de Alberto, relatado mais adiante, em que as mulheres sempre irritavam muito o paciente.

1.1.5 Alcoolismo: uma solução diante do mal estar

Ainda em relação às possíveis funções do álcool na vida psíquica, contudo agora de uma outra ordem, tem-se a pontuação de Freud (1923) no final de “Uma neurose demoníaca do séc. XVII”. Neste texto, Freud está descrevendo um caso de neurose histérica, que apresenta um pseudodelírio constituído por uma possessão demoníaca. O pintor Cristoph Haizmann faz um pacto com o demônio e seu exorcismo é descrito em documentos religiosos do séc. XVII. O pintor apresenta alucinações, histeroepilepsia e um pseudodelírio no qual entra em contato com o diabo. Freud diz que o diabo é um substituto paterno. Ao fazer uma análise do caso, ele compara o pseudodelírio de Haizmann com o delírio psicótico de Daniel Paul Schreber. Conclui que, em ambos, o delírio em um e o pseudodelírio em outro, surgem como uma resposta à castração, sendo que a distinção reside no fato de que Cristoph Haizmann não aceita a castração simbólica e Schreber, por outro lado, se submete à castração mas no real, através da emasculação. A morte do pai atualiza em Cristoph Haizmann sua atitude feminina, sua posição de desejo para com o pai, que o coloca diante da castração simbólica, produzindo conflito no sujeito. Por conseguinte ele faz sintoma, reagindo com as alucinações, convulsões histeroepilépticas e o quadro deliróide demoníaco. Este quadro constitui uma manifestação de defesa diante do desejo em relação ao pai. Há uma expansão da fantasia no “delírio” neurótico. No final, após apelar para a cura através da graça da Virgem Maria de Mariazell - um substituto da mãe - que vem barrar o desejo pelo pai, o pintor entra para uma ordem religiosa. O diabo ainda vem tentá-lo outras vezes para fazer um pacto, mas

isso só ocorre quando “ele bebia vinho em demasia” (Freud, 1923: 99). Para Bruno (1986), trata-se de uma forma de Haizmann restringir seu desejo pelo pai ao estado de embriaguez alcoólica, uma modalidade que ele encontra de limitar e manejar o gozo do Outro.

Em “Os chistes e suas relações com o inconsciente”, Freud (1905) articula o mecanismo do chiste com o do alcoolismo já que, nos dois, o que ocorre é uma economia do dispêndio psíquico pela redução das forças inibidoras, tornando de novo acessíveis fontes de prazer antes renunciadas ou recalcadas. Há uma “passagem por baixo” do recalque, como se expressa Lacan (1964: 31). No texto acima, Freud diz que o bem promovido pelo álcool é permitir ao homem, a mudança de estado de espírito. A supressão tóxica, descrita aqui por Freud, é um dos pontos de partida da proposta de Ernest Simmel, que notabilizou a afirmação de que o supereu é solúvel no álcool como será visto adiante. As forças inibidoras podem ser entendidas como um estágio inicial do supereu, em seu aspecto de lei, de interdito.

Em “O mal estar na civilização”, Freud (1930) apresenta sua mais extensa indicação, não sobre o alcoolismo propriamente, mas sobre a utilização de substâncias tóxicas. Ele está analisando as conseqüências nefastas inevitáveis da vida civilizada, já que a cultura impõe inibições importantes às satisfações pulsionais. Assim, restritas suas possibilidades de gozo, a vida, tal como ela é, é árdua demais para o homem, trazendo muito sofrimento, decepções e tarefas impossíveis. Para lidar com o mal estar, o homem utiliza três modalidades de *construções auxiliares*, quais sejam: derivativos poderosos, para extrair luz de sua desgraça, tais como a **atividade científica**; satisfações substitutivas, que reduzem o mal estar através das ilusões. Isso é eficaz em virtude da importância das fantasias para a atividade psíquica e, além de tudo, contrastam com a realidade externa, como é o exemplo da **arte**. Por fim, a terceira forma de construção auxiliar são as **substâncias tóxicas** que amortecem o sofrimento. As intoxicações agem sobre uma das três principais fontes de sofrimento para o homem, o seu corpo. O método químico é o mais grosseiro, contudo é o mais eficaz método de influência sobre o corpo. Existem substâncias estranhas que provocam sensações prazerosas e alteram a sensibilidade, tornando o homem incapaz de receber impulsos desagradáveis. Freud compara o efeito artificial das intoxicações sobre o corpo ao efeito da mania, como estado patológico endógeno. Este papel de *construção auxiliar*, no sentido de um “medicamento”, pode ser estendido à psicose. A toxicomania ou o alcoolismo podem fazer o papel de suplência ao Nome-do-Pai, sendo utilizados como um “remédio” para estabilização, em geral precária, de uma psicose, sem o uso dos quais o sujeito pode desencadear um quadro pela primeira vez ou

apresentar uma recidiva. Tem-se o sintoma como um quarto nó que amarraria os outros anéis (real, simbólico e imaginário) ao velar pela estrutura. Contudo esse efeito de remédio, no entanto, contrasta com o outro aspecto de veneno. E esta solução que o álcool apresenta ao sujeito, neurótico ou psicótico, pode ser comparada à mesma que o sintoma neurótico em geral fornece, como uma construção auxiliar diante do mal estar. Todavia ela é provisória, algo a ser respeitado durante um certo tempo, mas que não se pode contentar com ela, na neurose ou na psicose, como não se pode satisfazer com o sintoma neurótico.

1.2 CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES PÓS-FREUDIANOS

1.2.1 Karl Abraham: as relações entre o álcool e a sexualidade

Segundo Santiago (2001), o ponto de partida das elaborações dos psicanalistas pós-freudianos sobre a toxicomania é a supressão tóxica (*Unterdrückung* tóxica), estabelecida por Freud (1905) em “Os chistes e suas relações com o inconsciente”. Contudo os pós-freudianos vão além, não se detendo apenas nessa função do álcool. Karl Abraham (1908) afirma que o alcoolismo é o responsável pela supressão de qualquer modalidade de sublimação proposta pelo processo civilizatório, não se restringindo a apenas suprimir as inibições e a crítica. Abraham, em 1908, faz uma análise das vinculações entre sexualidade e alcoolismo. Em sua concepção desenvolvimentista da libido, ele entende o álcool a partir principalmente do seu papel desgenitalizador da mesma. Abraham inicia seu texto dizendo que o álcool é próprio da vida social do homem e não da mulher. Isto porque, no homem, o álcool cria uma reputação, trata-se de uma questão de honra masculina e, assim, afaga o seu complexo de virilidade, enquanto que, para as mulheres, a embriaguez não constitui uma reputação, pois a sociedade, a moral, não exige rigorosamente que a mulher beba, assim como exige dos homens. Pode-se entender que o álcool pode garantir ao homem aceder a uma virilidade, contudo apenas no aspecto imaginário desta virilidade.

Para explicar a sua tese, Abraham faz um apanhado da sexualidade a partir da criança. Assim, segundo ele, a sexualidade se inicia na vida infantil e é bissexual, havendo uma grande semelhança de suas manifestações nos dois sexos durante a infância. Na concepção de Abraham, a pulsão apenas progressivamente encontra uma orientação definitiva que será a

genital. A libido infantil é auto-erótica, perverso-polimorfa, tendendo à satisfação em certas zonas corporais. Contudo, nem todas as energias sexuais da pré-puberdade são utilizadas neste sentido; uma parte essencial é recalcada e assume funções sociais importantes. Abraham afirma que o desvio das representações sexuais recalcadas para objetivos sociais constitui o processo sublimatório e este processo define os limites da pulsão genital em ambos os sexos.

Para ele, o papel das bebidas alcoólicas é agir “sobre a pulsão genital eliminando os obstáculos existentes e aumentando a atividade sexual” (Abraham, 1908: 113). Como a sexualidade genital heterossexual compreende aspectos perversos, as bebidas alcoólicas vão produzir um retorno a estes aspectos que haviam sido reduzidos pela sublimação pois, no início da vida, a sexualidade da criança é totalmente dominada pelas pulsões parciais que, apenas aos poucos, vão se subordinando à pulsão heterossexual. As pulsões parciais, por conseguinte, se submetem ao recalque e à sublimação, surgindo, conseqüentemente, “a vergonha e o desgosto, os sentimentos sociais, morais e éticos, a piedade e o horror, a devoção da criança aos pais, a solicitude dos pais com a criança” (ibidem, 1908). E assim, na medida em que, segundo Abraham, o álcool atinge ou suprime qualquer modalidade de sublimação, um grande número de manifestações da sexualidade pré-genital toma a cena. Santiago (2001) observa que o conceito de sublimação em Abraham é bastante amplo, quase generalizado, constituindo aquilo que edifica as barreiras em razão do recalque, coibindo e transmutando as manifestações perversas da sexualidade infantil. “Deste ponto de vista, é a sublimação que impede a fixação da satisfação nos estágios pré-genitais da libido e a orienta para a fase mais desenvolvida do amor genital” (Santiago, 2001: 115). Também observa que o pano de fundo desta conceitualização abrahâmica é a concepção genético-evolutiva da libido.

A sublimação do par voyerismo-exibicionismo deixa como resultado a vergonha, que atinge não apenas a nudez física, mas também a vida em sociedade, a conversação, etc. Abraham diz que a piada obscena, que representa uma impudícia psíquica, é inseparável da embriaguez e, ademais, a “paquera”, na presença da absorção de álcool, pode se manifestar de maneira crua e repulsiva. Além disso, o par atividade-passividade, que busca atingir o domínio sobre o objeto, ou a submissão ao mesmo, quando sublimado, leva aos sentimentos de piedade, de horror, etc. Na ausência da mesma tem-se as perversões sádicas e masoquistas. Frequentemente observa-se atos de brutalidade ocorrerem na presença de bebidas alcoólicas. Formas mais veladas, como o trote estudantil, onde o universitário mais velho obriga o mais

jovem a beber e a se submeter a toda sorte de atividades humilhantes, estes hábitos estudantis de bebedeiras, relativamente civilizados atuais, resultam de um desenvolvimento progressivo de condutas de terrível brutalidade. No que diz respeito ao incesto, foi necessário um longo passo civilizatório para que se renunciasse aos parentes mais próximos como objetos de amor sexual. A sublimação dos desejos incestuosos dos pais, deixou como herança o devotado amor dos pais pelos filhos. O álcool também levanta a barreira contra o incesto tanto que as filhas de Loth, conhecedoras deste efeito etílico, dão de beber ao pai para se relacionarem sexualmente com ele. Popularmente se diz que *se bebe para esquecer*, e Loth utiliza o álcool para não recordar que era pai das moças com as quais tem um relacionamento sexual. O que o bebedor quer esquecer são as exigências dos ideais ligados ao pai, a quem ele embriaga para poder contornar o interdito.

Abraham (1908) conclui que o dito freqüente de que o álcool elimina as inibições significa, na verdade, que elimina as sublimações de energias sexuais. E esta re-emergência de pulsões recalçadas dão ao sujeito a impressão de uma capacidade sexual maior, o que atua como um estimulante sobre o complexo de virilidade, tão precioso para o orgulhoso macho. Abraham chega a se referir a um complexo de grandeza, que encontra suporte nas lendas dos diferentes povos sobre a origem do mundo, compreendida como uma divinização da capacidade masculina de conceber. Evidenciando ainda as relações entre álcool e sexualidade, a origem da excitação sexual é identificada com a embriaguez, na representação popular, já que ela vincula o sêmen com a bebida embriagante, o que se manifesta na expressão 'embriaguez amorosa'. Os filtros do amor e as lendas de Dionísio permitem reconhecer essa identificação, pois as festas dedicadas a este Deus são festas eróticas. Beber à saúde relaciona o vinho como um representante da força vital, pois o vinho é símbolo de concepção e de fertilização, identificado ao sêmen. Além disso, aquele que não bebe tem reputação de fraqueza pois o álcool é sinônimo de potência. Contudo, o álcool acaba por trair o bebedor pois o uso crônico e dependente provoca a impotência sexual. Ademais, o conteúdo sexual está claramente presente nas manifestações patológicas do alcoolismo, como o delírio de ciúmes do alcoolista. Ele se afasta da mulher em proveito do álcool, recalca este afastamento que lhe é muito penoso e, posteriormente, seu sentimento de culpa desloca-se para acusações contra a mulher. Ainda segundo Abraham (1908), dentre as múltiplas relações entre o alcoolismo, a sexualidade e a neurose pode-se observar que doentes mentais, ao receberem uma injeção de narcótico, interpretavam o ato como uma violação sexual.

Santiago (2001) conclui que a proposta abrahamiana compreende reduzir o álcool a um objeto parcial. A visão de objeto parcial de Abraham se submete à sua noção evolutiva da libido por estágios, cuja etapa final se constituiria no amor genital. Conforme Santiago, a dificuldade dos pós-freudianos reside na sobreposição incorreta do objeto da pulsão sobre o objeto da escolha amorosa e é esta interpretação que leva à dicotomia entre pulsão parcial e genitalidade. O objeto da pulsão é aquilo através do qual a pulsão se satisfaz: pode ser parcial, auto-erótico, funcionar antes da constituição de um eu. Por outro lado, o objeto de amor se refere à paixão (amor ou ódio) de um eu total, não podendo ser restrito a uma pulsão parcial, mas tampouco pode representar todas as tendências sexuais, ou seja, não se trata de um primado da genitalidade, pois esta não existe. Mesmo assim, a primeira proposta dos alunos de Freud influencia todas as abordagens seguintes da toxicomania e do alcoolismo.

1.2.2 Sándor Ferenczi: o álcool não é a causa

Para Ferenczi (1908-12), assim como para Abraham (1908), o que importa no alcoolismo não é o álcool em si, mas suas relações com a neurose e importa também que, no alcoolismo, o que sucede é um dismantelamento das sublimações. Este dismantelamento das sublimações significa que há um retorno da libido a formas de satisfação anteriormente abandonadas ou há um retorno ao próprio eu. Ferenczi aborda o alcoolismo pelo viés da paranóia, ao publicar um artigo no qual investiga a causa da paranóia. A sua hipótese é de que a paranóia seja produto de um conflito do sujeito em relação a seus impulsos homossexuais. Nos quatro casos apresentados no artigo, o mais extenso trata de um delírio de ciúmes num paranóico alcoolista, que era empregado doméstico em sua residência, casado com sua empregada. Este sujeito era extremamente solícito para com o próprio Ferenczi, todavia espancava e ameaçava a esposa, acusando-a de estar se relacionando com Ferenczi e com seus pacientes do sexo masculino, alcoolizando-se cada vez mais. Este paranóico havia sido casado uma primeira vez, na qual também acusara a esposa de traição e se alcoolizava. Entre os dois períodos conjugais, ficara supostamente sóbrio e; somente depois do segundo enlace recomeçara a beber. A paranóia deste sujeito é compreendida como uma projeção na esposa dos seus próprios desejos homossexuais. O papel do álcool apenas consistiria na destruição da

sublimação, acarretando a revelação da verdadeira estrutura sexual psíquica do indivíduo, ou seja, uma escolha de objeto do mesmo sexo.

Como já dito, Lacan (1955) faz uma análise diversa do homossexualismo na paranóia, ou nas psicoses de uma forma geral. Nesta análise ele utiliza as contribuições de Ida Macalpine que a considera a partir da indefinição de identidade sexual, podendo, portanto, o psicótico se relacionar com homens ou com mulheres sem que se possa dizer que se trata de homossexualidade ou heterossexualidade. No caso descrito, provavelmente a proximidade excessiva de Ferenczi e da esposa pode tê-los transformado em perseguidores - um Outro não barrado que goza do sujeito. A mulher como o Outro que *sacaneia* porque trai e Ferenczi também como aquele que o *sacaneia* porque se relaciona sexualmente com sua esposa. Na paranóia, a recriminação vem de fora, pois o sujeito não crê na recriminação. Retomando a obra de Ferenczi (1908-12), neste trabalho descrito acima, ele inclui uma nota na qual descreve uma pesquisa, que corrobora suas concepções sobre as medidas antialcoólicas. Neste levantamento, realizado no exército alemão, o médico investigador concluiu que medidas antialcoólicas, tomadas no âmbito da tropa, haviam elevado o índice de neuroses e psicoses no referido grupo. Ferenczi (1908: 160) afirma:

“A atividade de agitação partidária dos antialcoólicos tenta esconder o fato de que o alcoolismo é apenas uma das conseqüências, certamente grave, mas não a causa das neuroses. O indivíduo só pode curar-se pela análise, que descobre e neutraliza as causas que levam a refugiar-se na droga”.

Afirma, ainda, que a aparente vitória, pois há uma redução do índice de alcoolismo, só acarreta um falso progresso na saúde, pois o psiquismo encontra saída em outras neuroses ou psicoses. Por conseguinte, tesouros de energia são desperdiçados na luta contra o alcoolismo, com muito boa vontade, contudo na ótica errada.

Eugen Bleuler, renomado psiquiatra da Universidade de Zurique, ataca violentamente esta nota do artigo de Ferenczi sobre as campanhas antialcoólicas, a propósito de que ele estaria sendo utilizado no sentido de favorecer os interesses do álcool. Sustentando-se em supostos desvios encontrados nos estudos estatísticos sobre os quais Ferenczi se baseara, Bleuler afirma que a morbidez neurótica e psicótica é independente da morbidez alcoólica. Ferenczi se retifica no que diz respeito às estatísticas, porque, em psicanálise, não se pode trabalhar com estatísticas, contudo mantém sua posição sobre a causalidade psíquica no alcoolismo. Ele ainda faz outras observações interessantes, que mantém sua atualidade, nas

quais nota que a intolerância ao álcool, que se identifica como uma hipersensibilidade aos venenos, não está desprovida de elementos psicogênicos. Ele registra casos de indivíduos que mergulhavam na embriaguez após algumas gotas de um líquido muito pouco alcoolizado. Em dois casos, a simples vista de um copo cheio fora suficiente para provocar a embriaguez. Em ambos os casos, houve uma liberação do recalque, com um abandono às fantasias, ou respostas agressivas, que eram acompanhadas de uma melhora do estado neurótico. Por outro lado, a embriaguez sem álcool acarretava os mesmos mal-estares de que uma ingestão real.

Ferenczi observa, já naquela época, a utilização do álcool como um “medicamento”. Sujeitos “intolerantes ao álcool”, utilizavam a bebida como uma tentativa de autocura pelo veneno, enquanto outros neuróticos corriam o risco do alcoolismo crônico ao empregarem o produto conscientemente e com êxito, como remédio. Conta o caso de um agorafóbico, refratário a toda medicação que, com um único gole de bebida forte, obtinha coragem para atravessar uma ponte de meio quilômetro de largura. Toda a sua vida foi uma oscilação perpétua entre o álcool e a neurose. Ferenczi faz uma analogia entre os efeitos maníacos do álcool e a “substância” euforizante na psicose maníaco depressiva e diz que a embriaguez apresenta uma semelhança com a loucura circular; por isso os neuróticos se refugiam na bebida para compensar a sua incapacidade endógena de produção da substância. Ele conclui que o alcoolismo ameaça mais aquele que precisa recorrer, freqüentemente, a fontes de prazer que não existem em si mesmos.

1.2.3 Ernest Simmel: “o supereu alcoólico é solúvel no álcool”

Ernest Simmel estabeleceu, nos arredores de Berlim, durante 5 anos, de 1926 a 1931, uma clínica para tratamento de toxicômanos e, especialmente, alcoolistas – a Clínica Tegel. Tal experiência pioneira na prestação de atendimento analítico a pacientes que necessitassem de internação, foi vista de forma muito positiva por Freud. Contudo, em 1931, em parte em função da conjuntura política alemã, Ernest Simmel, judeu, precisou emigrar, dirigindo-se inicialmente para a Suíça e depois para os Estados Unidos. Desta experiência, o que temos é sua célebre frase, “o supereu alcoólico é solúvel no álcool”, assertiva que se notabilizou muito mais do que o próprio autor. As concepções de Simmel estão baseadas na psicanálise pós-freudiana das relações de objeto e também, como Abraham (1908), ele considera o alcoolismo como uma forma de regressão, que provoca uma desgenitalização da libido. Simmel concebe

o alcoolismo como uma defesa narcísica, mas que não se trata de uma verdadeira psicose, pois utiliza mecanismo obsessivos. Estes mecanismos obsessivos estão relacionados a um supereu exigente e severo, responsável por uma forte culpabilidade. O alcoolismo é um ritual obsessivo, como a masturbação, e afirma que o desejo de beber às vezes só repete o conflito ligado à masturbação. Todavia, com a alcoolização crônica, o que sobrevém é um estado melancólico, diante do qual Simmel entende o alcoolismo como uma defesa na qual o sujeito utiliza a mania artificial provocada pela intoxicação.

Quanto à questão da dissolução do supereu no álcool, Lecoeur (1992) contribui com o tema da seguinte forma: o fato de que o supereu seja um herdeiro do Complexo de Édipo e, por isso, contenha o caráter do Pai, permite que seja aceita a proposta de Simmel, desde que se entenda a sua concepção não como uma maneira de fugir ao caráter do Pai, mas como uma forma de se reduzir as conseqüências devastadoras desta submissão. Estas conseqüências são variações do sentimento de culpa, e a embriaguez daria um tratamento pela palavra à culpabilidade. Por sua vez, o trabalho do recalque se faz entre o sujeito e sua palavra, para que ele não tenha acesso ao *nonsense*. As forças de inibição que operam o recalque, são atenuadas pelo álcool e deixam surgir o *nonsense*, o pensar livre. Lecoeur diz que é o sentido que provoca a culpa, o fato de algo fazer sentido, “quer dizer”, para o Outro, querer que permaneça impenetrável e até proibido ao sujeito” (Lecoeur, 1992: 73).

A proposta de Simmel baseia-se em concepções freudianas iniciais do supereu, a vertente ligada à censura, ao interdito. Assim, o álcool, como o chiste conceitual, permite que se libere fontes de prazer antes inibidas por uma censura interna, como visto acima. Permite que se passe por baixo da barreira do recalque, como se expressa Lacan em 1964. Por outro lado, com Lecoeur, pode-se avançar nesta análise e chegar às concepções freudianas finais sobre o supereu. Em seu estudo sobre o Presidente Wilson, Freud e Bullit (1930-32) afirmam que uma determinação só é confiável se provém de uma poderosa fonte libidinal. Uma determinação que vem do supereu é tão pouco digna de consideração quanto aquela do bêbado inveterado que diz que renunciará à bebida. Isto ocorre porque, em sua acepção final, o supereu é visto como um imperativo que exige o excesso, é um mandamento, uma voz que exige um comportamento, por exemplo “Beba!” e que logo após, pelo seu aspecto de interdito, pune por ele. Ou seja, tanto beber, quanto parar de beber, vão alimentar a ferocidade da mesma instância, impossibilitando qualquer recuperação. Portanto, é preciso ir atrás da

verdade do sujeito que se esconde no alcoolismo, encontrar e arregimentar forças de origem libidinal.

1.3 CONTRIBUIÇÕES DE LACAN

1.3.1 O complexo de desmame

A fixação na *imago* materna é investigada por Lacan (1938) em *Os complexos familiares*, no qual este autor descreve o complexo de desmame como uma das causas das toxicomanias por via oral. Lacan afirma que a representação principal da *imago* materna é constituída pelo complexo de desmame. Este complexo fixa no psiquismo a relação que o cria: a forma parasitária exigida pelas necessidades da primeira idade do homem. Esta é a forma dos sentimentos mais primitivos que ligam o sujeito à sua família. Quando sobrevem o momento do desmame, sendo ele traumático ou não, tem-se uma crise vital que é o modelo de todas as crises posteriores para a vida psíquica. O desmame deixa uma marca permanente da relação que está sendo rompida e parece ser a primeira vez que uma tensão se resolve por uma intenção psíquica. Esta intenção - recusa ou aceitação do desmame - ainda não pode ser atribuída a um eu, ainda rudimentar, segundo Lacan. Ademais, a *imago* do seio materno é ambivalente, já que quem absorve é também plenamente absorvido, havendo uma fusão oral, a qual Lacan define como “canibalismo” fusional, ativo e passivo.

A *imago* do seio materno domina toda a vida do sujeito e só a sua força pode explicar a intensidade, duração e riqueza do sentimento de maternidade, que produz uma grande satisfação à mãe e faz com que ela não abandone o bebê, o que seria fatal para ele. Segundo Lacan (1938), o complexo de desmame não é instintivo, contudo não se pode negar-lhe todo fundamento biológico, sua base material, que cumpre uma função e o liga à sociedade. E este fundamento biológico é o que se observa na dependência vital do indivíduo em relação ao grupo. Entende-se isto como relativo ao desamparo primordial. A força da *imago* materna faz com que a sua sublimação seja particularmente problemática e, se a dependência primordial a ela beneficia o sujeito no início da vida, ela precisa ser sublimada para dar lugar à vida social. Se não ocorrer a superação desta dependência, há uma incidência da pulsão de morte sobre o sujeito. Esta tendência psíquica para a morte, sob a forma que lhe outorga o desmame,

demonstra a sua presença nos suicídios “não violentos”, tais como as greves de fome nas anorexias mentais e o envenenamento lento de algumas toxicomanias pela via oral.

Todos estes aspectos envolvidos no complexo de desmame, descritos por Lacan, podem ser articulados ao alcoolismo: um modo de satisfação oral e que apresenta todas estas características de dependência. Este “parasitismo” com a bebida, que também está presente nas relações conjugais e afetivas, talvez possa explicar o fato de que o alcoolista é visto como um sujeito “carente”, “fraco”, “sem vergonha”, se tornando motivo de descaso e humilhação, como pode ser observado no ambiente de trabalho e na vida social, nos casos estudados para a elaboração desta dissertação. Segundo Costa (2000), é freqüente o paciente alcoolista obsessivo apresentar uma posição de dependência à mãe, que faz com que ele coloque a sua esposa num lugar de mãe e não de mulher. Além disso, Costa ainda observa que o pai de muitos destes pacientes não foi um pai que exerceu adequadamente a função paterna, pois foram pais pouco viris, que não souberam deixar a herança simbólica adequada para o filho. Assim, muitos destes pacientes não assumem uma posição decididamente masculina diante da vida, diante de seus filhos, de sua esposa, de seu trabalho.

1.4 CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES LACANIANOS

1.4.1 Alcoolismo e psicose

A questão no que diz respeito às relações entre alcoolismo e psicose são bastante complexas e não poderão ser devidamente vistas nesta dissertação em virtude de seu objetivo principal, que trata da questão do alcoolismo como um traço mortífero do pai. Evocaremos apenas algumas questões.

Como dito acima, o alcoolismo pode ser visto como um “remédio”. Neste sentido pode ser utilizado na psicose como um fator de suplência do Nome-do-Pai. Segundo Quinet (1997), Lacan reformulou a teoria do sintoma a partir de seus estudos sobre James Joyce. Ele elabora a clínica das suplências nos anos 70, através da abordagem da arte de Joyce como um equivalente do Nome-do-Pai, do Édipo. Lacan começa a dizer de pluralização do Nome-do-Pai e assemelha o Pai ao sintoma como o quarto nó que mantém unidos o real, o simbólico e o imaginário. Diante da forclusão, o sujeito vai sustentar o pai através do sintoma que, no caso

de Joyce é a sua arte de escrever. Na psicose, por outro lado, não se tem a identificação simbólica ao pai, contudo pode-se ter uma identificação imaginária ao mesmo. Além disso, o pai presente na psicose não é o pai da lei, mas o pai do gozo. Quinet, em 1994, ao analisar os estudos de Freud e de Lacan sobre o Homem dos Lobos, se refere à relação do Homem dos Lobos com seu pai. Este caso muito interessa a esta dissertação exatamente por este ponto, já que neste projeto está-se tratando da relação dos pacientes com seus pais. No caso do Homem do Lobos, trata-se de uma relação de passividade sexual diante do pai – um pai do gozo - e também de uma identificação imaginária com o mesmo. Ele faz uma cópia do pai, até porque não se tem uma identificação simbólica, pois não existe o pai da lei, que protege o sujeito. Por sua vez, o pai é uma figura que goza do Homem dos Lobos, e este último se coloca numa posição de passividade diante deste gozo. É uma figura do pai gozador, do pai da horda primitiva, não é o pai simbólico.

Por conseguinte, a psicose talvez possa explicar alguns casos muito graves de alcoolismo, com relevante degradação física e moral e grande número de internações já que, no alcoolismo o diagnóstico estrutural pode ficar difícil de ser definido porque o álcool *tampona* a estrutura. Alvarenga (2004) afirma que, nestes casos, o diagnóstico estrutural ainda tem o seu lugar, para orientar as intervenções nos casos de alcoolismo muito grave, com o

diagnóstico estrutural pois, neste período, a maioria dos casos graves tem inúmeras recaídas ou até abandonam o tratamento sem que se tenha tempo de intervir, se o analista ficar esperando por uma certeza diagnóstica para tal.

Fazer da discreta alucinação um enigma para a paciente, no sentido de torná-la intérprete desta alucinação esta é a direção no caso descrito. Esta posição do Outro faz supor a ela um saber distinto daquele sobre o álcool, um saber que a faça falar e construir algum sentido para a sua vida. E essa nova postura só o Outro pode viabilizar ao sujeito. Supor um déficit no paciente não auxilia em nada, seja ele de qualquer natureza, intelectual, orgânico ou moral. O que pode ser benéfico é fazer consistir um sintoma, que é uma produção do paciente, pois os sintomas produtivos na psicose são tentativas de cura. Isto é importante porque pode surgir uma demanda de se tratar diante deste sintoma, num sujeito que anteriormente se reduzia a somente atuar um modo de gozo auto-erótico.

Tem-se um outro exemplo que articula alcoolismo e psicose: um alcoolista em que há uma suspeita de melancolia, apesar de não haverem fenômenos elementares tradicionais. Trata-se de um paciente que apresenta uma depressão recorrente, que não consegue parar de beber, perdendo casamento, filhos, emprego e sua igreja, laços sociais que havia conseguido manter por mais de 10 anos. Embebeda-se desde os 14 anos e os irmãos e os vizinhos também bebem. O pai era um alcoólatra que bebeu até morrer, tendo sido cuidado pelo filho, quando este tinha 8 anos de idade. São muito comuns estes tipos de caso na clínica do alcoolismo. O paciente afirma que, desde os 14 anos, trava uma luta constante e diz que não pretende desistir, mas combater. Pode-se supor que esta luta seja no sentido se identificar, de ser alguém. O recurso identificatório ao pai se fez presente e fácil para este paciente, só que é a um pai degradado, uma identificação a um modo de gozo do pai, que é reforçado pela identificação com os vizinhos e irmãos. Além disso, o paciente entra na adolescência e escolhe este modo de gozo e não uma escolha sexuada ou uma escolha de objeto. Neste caso o que se presentifica é como se, ao invés do Nome-do-Pai, um pai da castração, houvesse um pai que é apenas um modelo de uma função de gozo. E este tipo de pai é eminentemente aquele ao qual Lacan se refere em seu ensino nos anos 70. O pai como modelo de uma função de gozo funciona ao avesso do pai da lei. O que funciona para o paciente não é o Nome-do-Pai, mas um nome do pai que nomeia o gozo. Todavia, se para ele a Igreja, o trabalho e o casamento foram possibilidades identificatórias que o estabilizaram durante mais de uma dezena de anos, a proposta é apostar no álcool como Nome-do-Pai. Não para permitir-lhe

continuar se embebedando, mas como via de identificação no sentido de continuar sendo tratado no serviço de alcoolismo, já que não se deve abandoná-lo, apesar de suas recaídas. Pois só um investimento do Outro poderá produzir algo que o enlace, levá-lo a um sintoma menos mortífero. Não se apresenta aí, à psicanálise, a tarefa de decifrar o sintoma, mas sim de introduzir o paciente na sintomatização de sua angústia para levar à maior consistência sintomática possível, pois esta só será viabilizada numa crescente subjetivação. Deve-se, portanto, colocar o sujeito para falar já que ele se presta a isto e não abandona o tratamento pois ele mesmo diz que não desistiu de lutar.

Por outro lado, ainda no que diz respeito à melancolia, os estudos de Freud (1917) demonstram que esta última constitui um quadro decorrente de um retorno maciço do objeto perdido sobre o sujeito. Exatamente porque não existe o Nome-do-Pai, como há uma falha na identificação simbólica, o sujeito não herda um traço do objeto mas há uma sobreposição compacta. Ou seja, a identificação retorna de um outro lugar e pode fazer com que o sujeito seja um alcoolista como o pai de uma forma muito mais absoluta. Contudo, em virtude da complexidade deste tema, apenas o estamos registrando sem aprofundá-lo em virtude do objetivo desta dissertação que trata da identificação a um traço cruel do pai.

CAPÍTULO II

O CONCEITO DE IDENTIFICAÇÃO NA TEORIA DE FREUD E DE LACAN

2.1 A CONCEPÇÃO FREUDIANA DE IDENTIFICAÇÃO

Segundo Dias (2000), nos primeiros anos de vida, depois da constatação do desamparo primordial e da carência de representação que possa sustentar o sujeito diante do real das exigências pulsionais, pode-se encontrar um outro caminho a seguir na teoria freudiana. Esta outra via é definida em “Além do princípio do prazer”, texto no qual Freud (1920) estabelece a concepção do *princípio de ligação*, princípio fundamental, anterior ao princípio do prazer, que permitiria ao sujeito aceder a um simbólico apaziguador. Diante das moções pulsionais, o princípio de ligação seria uma operação primária que permitiria dominar o pulsional, vinculando a excitação a uma representação. O princípio de ligação trás o simbólico ao real, fornece um nome ao real pulsional. Assim, a identificação caminha na trilha do simbólico pois, no capítulo VII de “Psicologia de grupos e análise do ego”, Freud afirma que a identificação é a mais remota expressão de uma *ligação* sentimental com outra pessoa. E por conseguinte, no citado capítulo pode-se encontrar a origem da constituição do sujeito na constituição do significante, como indica Lacan no seminário 9, a partir do *traço unário*. (*einzigster Zug*). Não se trata mais da formação de um eu, como ocorria em “Sobre o narcisismo: uma introdução” (1914), em que há uma passagem do auto-erotismo ao narcisismo, mas sim de uma operação lógica e não cronológica, através do recurso da linguagem, momento no qual o sujeito do significante pode surgir.

Na obra de Freud, o capítulo VII de “Psicologia de grupo e a análise do ego” (1921) é um sumário de quase tudo o que ele construíra ao longo de sua obra, até aquele data, sobre o conceito de identificação. Neste texto, ele faz uma classificação das identificações a partir de três fontes. Esta classificação será interpretada de diversas formas por vários autores. Contudo, a interpretação de Lacan, considerada clássica, encontra-se no seminário 24, RSI (1974-75): identificação ao pai, identificação ao traço e identificação histórica. Em virtude de sua importância, estes três modos de identificação merecerão uma descrição de cada uma

delas em separado. No referido capítulo VII, Freud (1921), após iniciar o texto afirmando que a identificação é a mais remota expressão de um laço afetivo com outra pessoa, ele prossegue descrevendo que a primeira e mais importante identificação de todo indivíduo é aquela para com o pai. É uma identificação primária, anterior ao estabelecimento do Complexo de Édipo, em sua própria pré-história pessoal e que pode, com o desenrolar dos fatos, perder-se de vista. Ele trata desta identificação ao pai apenas no que diz respeito ao menino, que, então, desde o começo, aspira “crescer como ele, ser como ele e tomar seu lugar em tudo, [...] toma o pai como seu ideal” (Freud, 1921: 133). Aqui o menino não está se dirigindo ao pai como objeto, mas como um modelo. Este primeiro tipo de laço, “ser” como o pai, já é possível antes que qualquer escolha de objeto se faça, contudo já prepara o caminho para o advento do Complexo de Édipo.

Em conjunto com esta ligação com o pai, ou um pouco depois, o menino apresenta um laço sexual com a mãe, ou seja, um investimento objetal com a mãe. Estas duas formas de laço coexistem durante algum tempo até se unificar e confluir para o que se denomina Complexo de Édipo. O menino começa a perceber que o pai é um obstáculo a seu anseio pela mãe e passa a apresentar também hostilidade para com ele, a querer substituí-lo em seu lugar ao lado de sua mãe. Neste momento, Freud observa que a identificação é, desde o início, ambivalente, pois se comporta como um remanescente da fase oral, na qual o sujeito incorporava o objeto amado, comendo-o e assim o destruía. Isto significa tanto se afeiçoar a alguém como desejar suprimi-lo. Se, com o desenrolar dos fatos, o menino vier a apresentar uma inversão, tomando o pai como um objeto diretamente sexual, esta primeira identificação a ele é utilizada como uma preliminar. Na inversão, o menino deseja “ter” o pai. A distinção entre as duas formas de laço ao pai reside em que o fator interessado seja ou o sujeito ou o objeto do eu. Por conseguinte, a identificação já ocorre em tempo anterior a qualquer investimento objetal e ela significa conformar o eu analogamente a outro tomado como modelo.

Freud continua investigando a identificação, utilizando agora a formação de sintoma e afirma que, neste ponto, a identificação se vincula a uma conjuntura bem mais complexa. Uma menina pode apresentar o mesmo sintoma de tosse pertinaz de sua mãe. Isso pode ser explicado de duas formas. A primeira refere-se ao Complexo de Édipo: a menina se identifica com a tosse da mãe, o objeto não amado, porque assim ocupa o lugar da mãe junto ao pai, todavia, simultaneamente, a tosse responde à sua culpabilidade relativa a este desejo

moralmente proibido. Assim, ela ocupa o lugar da mãe, contudo no que concerne a seus sofrimentos, pagando desta forma o preço pelo desejo censurável. Por outro lado, um sintoma de tosse de uma menina pode estar relacionado ao mesmo sintoma de tosse do pai, objeto amado. Isto ocorre em função de uma *regressão* do investimento objetal para a identificação. Esta formação de sintoma se dá em consequência do recalçamento, sob o regime dos mecanismos inconscientes. Freud diz que “é de notar que, nessas identificações, o eu às vezes copia a pessoa que não é amada e, outras, a que é” (1921, 135). Freud conclui que causa estranheza uma característica destas duas formas de identificação pelo sintoma: elas tomam um **único traço** (*einzigster Zug*) da pessoa-objeto. Observa-se aqui a questão do traço significante, o *traço* que Lacan denominará *unário*, como será analisado adiante. Já estamos no tempo da constituição de um sujeito e não de um eu. Já temos a presença da representação, de algo que dê um nome ao real da relação libidinal da criança aos pais. Lacan afirma, ao final do seminário 9, que ele espera ter tornado impensável o segundo modo de identificação a não ser pelo traço unário. E, como veremos, toda identificação se faz por um traço.

Uma terceira fonte de identificação se desenrola sem que haja qualquer investimento sexual com a pessoa imitada. Freud fornece como exemplo as moças de um pensionato. Trata-se da identificação tipicamente histérica. Uma delas recebe uma carta de seu secreto amor, que lhe provoca ciúmes, sentimento ao qual ela reage com um ataque histérico. Pouco depois, por “infecção psíquica”, várias outras jovens do internato apresentam o mesmo ataque. Esta identificação é tornada possível pela aptidão ou vontade de se colocar no mesmo lugar da outra pessoa. Um dos eus nota uma importante analogia em um ponto comum com o outro eu e produz uma imediata identificação neste aspecto. Esta identificação expressa um sinal de contato entre os dois, dado que deve se manter recalçado. No caso das moças, o ponto comum é um grau de sentimentalismo igualmente pronunciado. Ademais, Freud ainda assinala que esta identificação ocorre não a partir de uma simpatia entre as pessoas envolvidas, pelo contrário, é a identificação que pode vir a produzir simpatia e laço entre as pessoas envolvidas. “A identificação por meio do sintoma tornou-se assim o sinal de um ponto de coincidência entre os dois egos, sinal que tem de ser mantido recalçado” (Freud, 1921: 136).

Neste ponto do texto Freud (1921, 136) estabelece três (3) fontes para a identificação:

“Primeiro, a identificação constitui a forma original de laço emocional com um objeto; segundo, de maneira regressiva, ela se torna um sucedâneo

para uma vinculação de objeto libidinal, por meio da introjeção do objeto no ego; e, terceiro, pode surgir com qualquer nova percepção de uma qualidade comum partilhada com alguma outra pessoa que não é objeto do instinto sexual. Quanto mais importante essa qualidade comum é, mais bem sucedida pode tornar-se essa identificação parcial, podendo representar assim o início de um novo laço”.

É também sob o regime da identificação resultante de uma característica comum entre pessoas, que Freud entende o laço recíproco que ocorre nas massas e nos grupos. Ele diz que esta ampla comunidade afetiva nas multidões é o laço de todos com o líder – este é o ponto comum entre os membros da massa. Freud defronta-se aqui com a ‘empatia’, a qual desempenha um importante papel no nosso entendimento de aspectos estranhos de um outro eu.

A seguir, Freud discute a identificação como uma causa freqüente do homossexualismo masculino. O processo seria o seguinte: um menino apresenta uma ligação libidinal com sua mãe, no sentido do Complexo de Édipo, de forma muito mais prolongada do que o ordinário e de maneira bastante intensa. Na chegada da puberdade, quando ele deveria renunciar a este vínculo e transferi-lo para outro objeto, há uma mudança inesperada de rumo: ele não renuncia à mãe, se identifica com ela, se transforma nela e passa a escolher objetos com os quais se relaciona, assim como a mãe com ele se relacionou. Ele procura objetos que vão substituí-lo a si mesmo e os ama e cuida como a mãe um dia o amou e cuidou. A amplitude da transformação operada pelo processo identificatório expressa-se na mudança de um aspecto tão importante como o caráter sexual. O eu se altera para o sexo do objeto amado, que foi renunciado ou perdido, sem que se possa saber se a renúncia é total ou o objeto permanece conservado no inconsciente.

A substituição de um objeto abandonado ou perdido por uma identificação, pode ser diretamente observada em crianças. Freud evoca o caso de um menino que, diante da morte de seu gatinho, passa a dizer que agora ele era o gatinho, a andar de quatro, negar a se sentar à mesa, etc. Um outro importante exemplo deste tipo de identificação ocorre na melancolia, afecção que conta como uma de suas principais causas a perda de um objeto. Neste quadro clínico se observa uma divisão do eu em duas instâncias, em que uma dirige à outra implacáveis críticas. A instância que é submetida à crueldade pela outra é aquela que recebeu a introjeção do objeto perdido e as críticas, então, são dirigidas, na verdade, a este último. Por outro lado, a instância que submete e humilha o eu é o supereu, aqui denominado por Freud

de Ideal do eu pois, neste texto, ele não os distingue a ambos, já que são tão imbricados. O supereu é o responsável pela consciência moral, pela auto-observação, pela censura onírica e é a principal influência no recalçamento.

Em “O ego e o id”, Freud (1923) retoma o tema da identificação. Ele diz que a substituição de um laço de amor por uma identificação no eu, como ocorre na melancolia, trata-se de um processo muito mais comum e típico do que se podia imaginar primeiramente. Responsável por uma contribuição essencial na forma tomada pelo eu, o processo identificatório constitui uma parcela essencial daquilo que é denominado como o “caráter” do eu. Como será visto na leitura lacaniana, entende-se que a identificação constitui o sujeito do inconsciente, através dos significantes mestres, o enxame de S1, os traços que o sujeito escolhe na alteridade. Assim, Freud retoma o conceito de identificação visto em “Psicologia de grupo e análise do eu” e aprofunda outros aspectos. Inicialmente, na fase oral, não há uma distinção entre investimento libidinal e identificação. Quando ocorre de uma pessoa ter de renunciar a um objeto, ele se instala dentro do eu, provavelmente ao modelo da introjeção, que ocorre na incorporação e Freud se indaga se esta não seria a única condição que permitiria ao id aceitar a perda de um vínculo. Este processo, muito comum nos períodos iniciais do desenvolvimento, faz com que o eu seja formado pelos precipitados destas experiências e carregue consigo a história destas escolhas. Naturalmente, desde o início, existem graus de resistência às influências das escolhas eróticas que foram, por algum motivo, renunciadas. Segundo ele, em mulheres que tiveram muitos laços amorosos parece fácil identificar os traços dos objetos em seu caráter. Pode ocorrer, ainda, que o investimento e a identificação aconteçam simultaneamente.

A transformação de um investimento libidinal em uma identificação no eu pode ser também, uma forma do eu desenvolver controle sobre o isso, colocando-se como um objeto para o último. Trata-se de uma maneira do eu aprofundar suas relações com o isso e por isso mesmo, implica também em sujeitar-se ainda mais às suas exigências. Ademais, a transformação da libido objetual em narcísica implica em dessexualização, num abandono de objetivos sexuais, como uma modalidade de sublimação. Freud se pergunta se este não seria o caminho típico da sublimação que, através de uma mediação do eu, promove um desvio da libido do objeto para o eu e, posteriormente, fornece-lhe outro objetivo não sexual. Indaga-se se esta transformação não poderia também dar como resultado outras vicissitudes pulsionais como, por exemplo, promover a defusão de pulsões que antes encontravam-se fundidas.

Adiante, quando será discutida a instância do supereu, Freud examina detidamente a desfusão pulsional.

As identificações objetais do eu no início da vida levam a melhor e, se forem em número muito excessivo, incompatíveis entre si e indevidamente poderosas, podem produzir conflitos no interior do eu com resultado patológico. O fenômeno denominado “personalidade múltipla” (Freud, 1923: 45) pode se referir a que estas identificações se apresentem sucessivamente à consciência. De qualquer forma, conflitos que afinal de contas não podem ser descritos como patológicos, talvez ocorram se o eu encontra-se dividido entre diversas identificações. Por conseguinte, nos primeiros anos de vida o eu encontra-se fraco diante das identificações, não conseguindo se opor a elas. Com o desenvolvimento, ele começa a apresentar resistência e consegue se desviar parcialmente de outras influências.

“... mas os efeitos das primeiras identificações efetuadas na mais primitiva infância serão gerais e duradouros. Isso nos conduz de volta à origem do ideal do eu; por trás dele jaz oculta a primeira e mais importante identificação de um indivíduo, a sua identificação com o pai em sua própria pré-história pessoal. Isso aparentemente não é, em primeira instância, consequência ou resultado de um investimento de objeto; trata-se de uma identificação direta e imediata, e se efetua mais primitivamente do que qualquer investimento do objeto. Mas as escolhas objetais pertencentes ao primeiro período sexual e relacionadas ao pai e à mãe parecem normalmente encontrar seu desfecho numa identificação desse tipo, que assim reforçaria a primária” (Freud, 1923: 45).

Em nota de rodapé Freud completa:

“Talvez seja mais seguro dizer ‘com os pais’, pois antes de uma criança ter chegado ao conhecimento definitivo da diferença entre os sexos, a falta de um pênis, ela não faz distinção de valor entre o pai e a mãe”.

Segundo Taillandier (1994), esta primeira identificação com o Outro a quem se demanda o amor consiste também em identificar-se com o Outro da necessidade. Ele se pergunta se se trata da mãe, como sugerem alguns autores, ou do pai segundo a linha freudiana, ou da mãe enquanto portadora da metáfora paterna primordial.

2.1.1 Complexo de Édipo

O complexo de Édipo é um tema diretamente vinculado ao conceito de identificação. Por sua complexidade, dar-se-á especial atenção a este complexo mas apenas no que diz respeito ao menino, em virtude da natureza desta dissertação, que trata do alcoolismo masculino. Os investimentos libidinais ao pai e à mãe, que constituem o complexo de Édipo, são caracterizados por dois aspectos fundamentais: a bissexualidade constitucional e o caráter triangular da experiência. Na modalidade simplificada do Complexo de Édipo, o positivo simples no menino, assim os acontecimentos se sucedem: numa idade muito precoce, ele situa sua mãe como objeto de amor, investimento este anteriormente relacionado ao seio materno, e que é o protótipo de uma escolha de objeto anaclítica. No mesmo período, ou até antes, ele trata o pai identificando-se com este. Na medida em que os desejos sexuais por sua mãe se tornam mais intensos, o pai passa a ser visto como obstáculo e aí tem sua origem o Complexo de Édipo. Sua relação ao pai assume um caráter hostil, pois o menino deseja livrar-se dele para assumir o seu lugar junto à mãe. Esta ambivalência, que se instala na relação com o pai, parece ser apenas a expressão manifesta de uma ambivalência inerente à identificação desde o início. Com a dissolução do Complexo de Édipo, o investimento em sua mãe deve ser abandonado e, em seu lugar, algo se instala: uma identificação com a mãe ou uma intensificação de sua identificação com o pai. Se o resultado for o último, sua masculinidade está preservada e, em certa medida, sua relação afetuosa com a mãe também estará mantida.

Estas identificações não constituem o esperado se for considerado o conceito de identificação como um sucedâneo para o objeto renunciado, mas este resultado também pode acontecer, sendo mais comum nas meninas do que nos meninos. Contudo, o que mais se registra nas meninas, é uma identificação com o pai, após o seu abandono como objeto e, assim, há uma colocação em proeminência de sua masculinidade – seja lá o que isto possa consistir. Pareceria portanto que, para os dois sexos, é a correlação de forças relativas às disposições sexuais masculina e feminina, que determina a saída da experiência edipiana e que isto se dá em virtude da bissexualidade constitucional.

Todavia trata-se de uma exposição simplificadora, pois, na maior parte dos casos, o Complexo de Édipo simples parece ser apenas fruto de uma necessidade de esquematização para facilitar o entendimento. Em decorrência da bissexualidade, o que na verdade se tem é que tanto o menino quanto a menina tomam seus dois genitores como objetos de amor, com

todas as vicissitudes decorrentes. Freud afirma que, num ato sexual, estão presentes quatro pessoas. Isto significa que o menino não possui apenas uma ligação libidinal com a mãe e uma hostilidade para com o pai, ele também se comporta de maneira feminina, apresentando uma atitude de afeto para com o pai e um ciúme e uma ambivalência dirigidos à mãe. Freud chega a dizer que pode ser que a ambivalência vivida no relacionamento com os genitores resulte inteiramente da bissexualidade e não da identificação decorrente da rivalidade. Em geral, e especialmente no que diz respeito aos neuróticos, deve-se considerar o Complexo de Édipo completo, pois a experiência analítica demonstra que, num certo número de casos, um ou outro dos fatores se desvanece, salvo por pequenos traços. O que se tem é uma série, com o complexo de Édipo positivo numa extremidade e o negativo na outra, enquanto suas expressões intermediárias apresentam sua modalidade completa, com um ou outro dos fatores em maior relevância. Assim, com a dissolução do Complexo de Édipo, as quatro tendências produzirão duas identificações, uma paterna e uma materna. A identificação paterna preserva a relação de objeto com a mãe, correspondente ao Complexo de Édipo positivo e, concomitantemente, substitui a relação de objeto com o pai, que pertencia ao esquema invertido. Da mesma forma ocorre, com as devidas modificações, no que diz respeito à identificação materna. O jogo de forças das duas identificações, em qualquer pessoa, reflete a intensidade de cada uma de suas disposições sexuais constitucionais, masculina e feminina.

Em 1924, Freud retoma o Complexo de Édipo a partir de sua dissolução. Ele diz que o Complexo de Édipo, após ser o fenômeno central do período sexual da primeira infância, é seguido por sua queda, que determina um período de latência sexual. Freud fornece duas causas para a sua destruição: os desapontamentos penosos (visão ontogenética), e a realização esperada de um programa hereditário (visão filogenética). As duas concepções, ontogenética e filogenética, são compatíveis pois tanto se deve acompanhar o desenvolvimento do programa hereditário, como se deve observar como ele é executado e como nocividades acidentais exploram este programa.

A primeira causa da queda do Complexo - os desapontamentos penosos - pode ser assim descrita. O menino supõe que sua mãe é sua propriedade; contudo, um dia, se desaponta ao perceber que ela transferiu seu amor para o irmão que acaba de nascer. Por outro lado, a menina, que se julga o principal objeto de amor do pai, em um determinado momento é atirada fora do seu paraíso romântico. Isto ocorre quando ela sofre alguma dura punição do pai ou ele dá um outro bebê à sua mãe e não a ela. Todavia, ainda que nada de especial

aconteça, a ausência da satisfação desejada, a negação do bebê esperado, levam a criança a voltar as costas ao seu desejo sem esperança. Assim, o complexo de Édipo rui por sua própria impossibilidade interna, pelo seu insucesso. Ademais, na visão filogenética, o complexo de Édipo se dissolveria de qualquer forma, porque chegou a hora determinada já que, embora cada sujeito o experimente de forma singular, ele é um fenômeno hereditário, fadado a findar de acordo com um programa, segundo Freud (1924).

Na primeira infância, então, o desenvolvimento sexual da criança avança até a fase fálica, até o ponto em que o órgão genital assume o papel principal. Este órgão é apenas o masculino, o pênis; o órgão feminino permanece irrevelado. Esta fase faz parte do complexo de Édipo, que não se desenvolve até a organização genital definitiva, mas é submersa e sucedida pelo período de latência. Todavia, este término se faz de maneira típica. O interesse pelos genitais, o menino o demonstra pela manipulação freqüente que começa a apresentar e diante da qual é desaprovado por aqueles que o cercam. A enurese noturna também é uma expressão da fase fálica, do interesse da criança pelas partes genitais, da excitação genital. A enurese noturna, segundo Freud, pode ser comparada à poluição noturna dos adultos.

Mais ou menos direta ou brutalmente o menino ouve a ameaça de castração, ou seja, a ameaça de que podem lhe tirar essa parte do corpo que tem em tão alta conta. É esta ameaça de castração a responsável pela destruição da organização fálica do menino. Contudo, experiências anteriores já vinham preparando a criança para a realidade da perda de partes estimadas de seu corpo, tais como, o complexo do desmame e a exigência cotidiana de soltar os conteúdos dos intestinos, mas nada prova que essas vivências tenham tido efeito até aqui. O que positivamente faz com que caiam as hesitações do menino é a visão do órgão genital feminino. Esta é a nova experiência que o leva a efetivamente avaliar a possibilidade da perda de seu órgão e a ameaça de castração obtém “seu efeito adiado”, nas palavras de Freud (1924: 220).

Voltando agora ao tema anterior da bissexualidade constitucional, Tc=0.ca,-1.725 TD0:000225 s3

próprio corpo, que o pênis está envolvido nas relações sexuais, relações sobre as quais ele não tem uma noção satisfatória. Até então ele não tivera ocasião de duvidar que as mulheres tinham pênis, e o reconhecimento disto põe fim às duas possibilidades de satisfação. Neste conflito que se instala entre o eu e o investimento libidinal, há um triunfo do eu. Há, então, um retorno ao narcisismo através da renúncia à mãe em prol do narcisismo. As tendências libidinais são em parte dessexualizadas e sublimadas, aspecto freqüente em toda identificação como já dito, e em parte inibidas em seu objetivo e transformadas em afeição. O processo preservou o órgão contudo o paralisou, levando ao período de latência, pela interrupção do desenvolvimento sexual da criança.

Contudo, o conjunto do processo nunca ocorre de modo completo e ideal. Se o eu não atinge mais do que um recalçamento, o Complexo de Édipo persiste no Id e manifestará mais tarde seu efeito patológico. Ademais, Freud faz uma distinção importante sobre o complexo de castração ao dizer que o menino vê a castração como uma ameaça, enquanto a menina aceita a realidade da castração como fato consumado. O resultado geral de todo o processo se precipita na formação do supereu que será visto no item a seguir.

2.1.2 Pai da lei e pai do gozo

Como estamos tratando da identificação a um traço do pai, analisaremos as duas versões do pai, o pai do gozo e o pai do desejo, que vão auxiliar a compreender a hipótese deste estudo. Estas versões do pai estão diretamente relacionadas ao aspecto paradoxal do supereu, pois o pai tirânico é relacionado ao Id e o pai edípico é um herdeiro do Complexo de Édipo. Além disso, abaixo será feita uma tentativa de desenvolvimento da distinção entre o supereu e o ideal do eu que, segundo Quinet (2002), pode ser compreendida através da diferença entre as duas versões do pai presente

e no Édipo: o pai da horda e o pai edípico. Segundo Lacan (1973: 55) o mito “é a tentativa de dar forma épica ao que se opera na estrutura”. O que se opera na estrutura no Édipo é a proibição do incesto, pois o acesso sexual à mãe é proibido para o filho, o gozo está perdido, sob pena de conduzi-lo ao pior. Tem-se assim uma vinculação entre o desejo e a lei, pois é a lei da interdição que permite a assunção do desejo. E é o pai edípico o responsável por esta articulação. Se não se pode gozar da mãe-coisa pode-se desejar outras mulheres. Por sua vez,

numa leitura lacaniana, “Totem e Tabu” é uma forma de dizer sobre a impossibilidade do gozo, do real como impossível de ser vivido. E assim, através do mito pode-se atingir parcialmente a verdade, que é sempre não-toda, pois através do Édipo se encontra a verdade do desejo e, em “Totem e Tabu”, a verdade do gozo.

Se o pai edípico une o desejo e a lei, o ideal do eu é o herdeiro desse pai pacificador, do amor narcísico e da lei do desejo. Já o mito do pai da horda, em que no final também tem-se a lei universal do tabu do incesto, encontramos a questão do pai, contudo sob o prisma do gozo. O pai primitivo impedia o gozo sexual de todos os seus filhos, pois privava de todas as mulheres do clã, que pertenciam apenas a ele. Por isto os filhos vão matar o pai. Contudo, este assassinato não vai permitir aos filhos o gozo de todas as mulheres do clã, pelo contrário, o assassinato, pelo sentimento de culpa, faz com que os filhos erijam um totem, uma lei que interdita as mulheres do seu clã, e eles tem que buscar mulheres de outras tribos, ou seja, impõe-se da mesma forma aí uma lei, um limite ao gozo. Por isto Lacan afirma que o pai só adquire a sua função simbólica enquanto morto. O pai vivo é o pai terrificante, que corresponde ao supereu com seu imperativo sem limites. O pai primevo, é o pai do olhar, enquanto objeto *a*, que persegue o sujeito, diante do qual o sujeito treme, precisa baixar a cabeça, temendo uma retaliação. O pai da horda, o *Urvater*, mostra o gozo primitivo do pai vivo que não aparece no mito de Édipo.

É a partir de 1923 que Freud aborda, no complexo de Édipo, a outra versão do pai, não o pai da lei, mas o gozo do pai diante do qual a criança permanece indefesa. Como foi descrito acima, Freud afirma que existe, para o menino, duas possibilidades de satisfação, ativa e passiva, e que todas duas remetem à castração. Para além da função do pai de interditar a mãe, este duplo Édipo só deixa para os filhos a atitude passiva, como a da menina, e não aquela de afronta. Este pai do gozo, segundo Quinet (2002), pode ser relacionado ao supereu.

Segundo Rinaldi (1996), Lacan afirma que a lei está articulada ao desejo, todavia de uma forma distinta de Freud. Freud aborda a questão mais sob o prisma da proibição e Lacan sob o prisma do impossível. Conforme Rinaldi, a Lei a que Lacan se refere não é constituída pelas leis e normas que, de uma forma ou de outra, em diversas comunidades, prescrevem os atos permitidos ao homem. Não se trata também da lei kantiana, enquanto máxima universal, onde se manifesta o peso da razão. A Lei sobre a qual Lacan se debruça é a lei do significante, local de onde se aguarda o surgimento do sujeito. O anseio pelo gozo sexual da mãe não pode ser atingido, porque ele significa o fim do universo da demanda, que é o que estrutura o

inconsciente humano. É a distância da mãe-coisa que ordena o desejo, que é condição da palavra e isto é reafirmado pela lei, que indica a impossibilidade de satisfação completa do desejo. Não se trata do proibido, mas do impossível. Sob a face do proibido surge o real, e a lei moral é o meio através do qual o real se faz presente. A lei, como entendida por Lacan, é uma lei positiva e não pode ser reduzida a uma proibição. Por outro lado, na concepção de Coutinho Jorge (2002), Freud também aborda a lei sob a vertente do impossível na medida em que afirma que toda pulsão está sempre fadada à insatisfação, pois a consecução de seus objetivos é sempre parcial. Nos dizeres de Lacan, a satisfação pulsional é *não-toda* e ele enfatiza a estreita relação entre o desejo e a lei, ao afirmar que todo aquele que busca um gozo sem limites sempre encontra obstáculos cujo importância não deixam de supor algo único na raiz.

2.1.3 Supereu

Segundo Freud (1923), o resultado geral do complexo de Édipo é a formação de um precipitado no eu, constituído de alguma forma pela união das duas identificações decorrentes da bissexualidade. Este precipitado é o ideal do eu (neste texto igualado ao supereu), que possui um posição de destaque no eu. O supereu, não obstante, além de ser um representante das primitivas escolhas objetais, é também uma violenta reação contra estas escolhas. Se ele prescreve: “Seja como seu pai!”, também diz: “Você não pode ser como ele!”, pois certas coisas são privativas dele. Este duplo aspecto se deve ao fato de que o supereu tem como missão reprimir o complexo de Édipo, escopo de sua existência. Recalcar a consecução dos desejos edipianos não era tarefa fácil. Como o pai era visto como obstáculo para a realização destes desejos, o supereu pega por empréstimo força ao pai e erige dentro da própria pessoa o obstáculo representado pelo pai. Quanto mais poderoso e mais rapidamente o complexo de Édipo sucumbir ao recalque pelas forças sociais (autoridade, religião, estudos escolares e leitura), mais severa será a dominação do supereu sobre o eu, como sentimento inconsciente de culpa e rigidez da consciência moral. Por conseguinte, na dissolução do complexo de Édipo, os investimentos são substituídos por identificações, e a autoridade do pai ou dos pais é introjetada no eu, formando o núcleo do supereu, que assume a severidade do pai e perpetua a proibição do incesto, defendendo o eu do retorno do investimento libidinal.

O supereu, segundo Freud (1923), tem sua origem em dois fatores, um de ordem biológica e o outro de ordem histórica - o longo período de desamparo e dependência infantil e o complexo de Édipo. A diferenciação do supereu a partir do eu representa as características mais importantes do desenvolvimento do indivíduo e da espécie, pois, contendo permanentemente a influência dos pais, mantém atualizados os aspectos que o produziram.

A psicanálise sempre foi criticada por desconsiderar os aspectos morais elevados e suprapessoais da existência do homem. Censuras injustas, pois, desde o começo, estes aspectos do eu foram designados como os responsáveis pelo incentivo e produção do recalque e, além disso, a psicanálise não se constituiu em sua origem de forma completa. Ela foi sendo construída, degrau por degrau, a partir da investigação clínica. Como, inicialmente, voltou-se para os conteúdos psíquicos recalcados, não houve necessidade de ansiosamente investigar os aspectos mais elevados do homem. Todavia, agora que se detém sobre o eu, e nele se situam as tendências éticas e morais, a psicanálise pode dizer que é no ideal do eu ou supereu, o representante dos vínculos parentais, que se encontram estas tendências. Quando crianças, toma-se conhecimento da natureza elevada dos pais, eles são admirados e temidos e, posteriormente, erigidos no próprio eu, sendo que a admiração e o modelo se referem ao ideal do eu e o temor ao supereu.

Se constitui o lado elevado do homem, o supereu também é a expressão dos impulsos libidinais do id e todas as suas vicissitudes. Se o eu dominou o complexo de Édipo através da formação do supereu, por outro lado o eu se vê assim também submetido ao id, muito próximo do id. Enquanto o eu é o representante do mundo externo, da realidade, o supereu é o representante do mundo interno, do id. Os conflitos resultantes representam então, as diferenças entre a realidade externa e o psíquico. Aquilo que compunha a “parte mais baixa da vida mental de cada um de nós” torna-se o setor mais elevado de nossa escala de valores, constituindo o supereu (Freud, 1923: 51). Ele responde a tudo que se espera de mais alto na natureza humana e, como um substituto do pai, é o ponto de onde todas as religiões se desenvolveram. A auto-crítica, que revela que o eu nunca consegue atingir seu desempenho ideal, é a responsável pelo sentimento religioso de humildade, e o sentimento de culpa é o que resulta dos conflitos entre as exigências e a prática que a pessoa consegue produzir. O senso social também surge das identificações com terceiros e se fundamenta no fato de terem o mesmo ideal.

Três dos mais importantes aspectos, representantes do lado elevado do homem, a religião, a moralidade e um senso social, decorrem do complexo paterno, como já havia dito Freud (1913) em “Totem e Tabu”. A religião e a repressão moral advém da necessidade de proibição de desejos incestuosos e o sentimento social provém da necessidade de conter a rivalidade ciumenta que restou entre os membros antes dominados pelo pai da horda primitiva. Já que a hostilidade não pode ser colocada em prática, surge uma identificação com o rival. A pesquisa, sobre “casos brandos de homossexualidade” (Freud, 1923: 52), demonstra que trata-se de uma identificação em que uma escolha objetal afetuosa veio em lugar de uma posição hostil. O supereu, portanto, é uma formação reativa contra o complexo de Édipo, e os investimentos libidinais edípiacos, provenientes do id, vão continuar atuando no supereu. Esta ligação básica entre o supereu e as pulsões inconscientes explica como ele pode permanecer, numa parte considerável, inconsciente e inacessível ao eu.

Na tentativa de se fazer uma distinção entre o ideal do eu e o supereu, pode-se dizer que o ideal do eu é aquilo que exalta, o modelo que o sujeito admira e quer seguir. O supereu é o que constrange através da exigência de seguir o ideal, da proibição, da censura, da lei, do interdito. Se o supereu proíbe o gozo da mãe e aí traz uma lei que apazigua, por outro lado, paradoxalmente, como se verá melhor mais adiante, ele também possui o aspecto de imperativo, de mandamento de gozo. Segundo Quinet (2002), o supereu deve ser identificado ao pai da horda primitiva. Trata-se de um pai violento, ciumento, que priva de todas as mulheres e expulsa do clã os filhos à medida em que eles crescem. Este pai só se interessava pelos outros na medida que serviam às suas necessidades, pois nunca amava ninguém além de si mesmo. Este pai, como foi visto antes, é um personagem diante do qual o menino só pode ter uma atitude passivo-masquista, entregar a própria vontade. Para Freud, essa atitude faz parte da herança arcaica do indivíduo.

2.1.4 Ideal do Eu

Como já descrito, o complexo de castração constitui o período final do complexo de Édipo para o menino e sua entrada para a menina. Segundo Quinet (2002), o ideal do eu é o herdeiro do narcisismo, do i (a), e o supereu é o herdeiro do complexo de Édipo. O narcisismo está centrado no interesse narcísico do falo, representado fisicamente pelo órgão sexual para o menino, que conduz ao naufrágio do complexo de Édipo, pois a criança decide abandonar o

investimento nos pais para não perder uma parte tão valorizada de seu corpo. O ideal do eu significa a substituição do amor ao órgão pelo amor ao eu, ou seja, trata-se do ponto do Outro (I) a partir do qual o sujeito pode projetar as perfeições do eu infantil - eu ideal, i(a) - que faziam-no reinar como “Sua Majestade, o bebê”, no amor dos pais. Freud conclui em 1932 (84) que não há dúvida de que “o ideal do eu é o precipitado da antiga imagem dos pais, a expressão da admiração pela perfeição que a criança então lhes atribuía”. Quinet (2002) diz que o ideal do eu expressa a admiração pela perfeição que os pais atribuíam à criança.

Assim, como afirma Chemama (1995), com as funções de consciência moral e de autoconservação, o supereu é também portador da função do ideal. Isto porque, segundo Freud (1914: 112)), “não nos surpreenderíamos se encontrássemos um agente psíquico especial que realizasse a tarefa de assegurar a satisfação narcisista proveniente do ideal do eu, e que, com essa finalidade em vista, observasse constantemente o eu real, medindo-o por aquele ideal”. O supereu é o veículo pelo qual o ideal do eu mede o eu: o avalia, o estimula e a cuja exigência por uma perfeição sempre maior ele se esforça por cumprir. Avançando um pouco mais, segundo Florence (1994: 140), para Freud, “o Ideal do Eu é inicialmente ‘o efeito da primeira e mais importante identificação do indivíduo’: a identificação com o pai da pré-história pessoal; ela é direta, imediata, mais precoce que todo investimento objetal”. Pode-se articular este ponto com o que foi dito acima, exposto por Lacan (1960-61) no seminário, *livro 8, A transferência*. Ao examinar o esquema óptico, Lacan afirma que o ponto I no Outro é um primeiro ponto simbólico que garante as primeiras identificações do sujeito, a identificação imaginária, um primeiro esboço de eu. Ainda se está na pré-história, porque o sujeito só se introduz “na historicidade, no tempo como prova do real, através do complexo de Édipo, momento também da prova da castração do Outro (parental) e, conseqüentemente, da diferença dos sexos” (Lacan, 1960-61: 140). Lacan articula, em seguida, este ponto I ao traço unário, articulação que será encontrada também em “Subversão do sujeito e dialética do desejo” (Lacan, 1960: 822):

“O dito primeiro decreta, legífera, sentença, é oráculo, confere ao outro real sua obscura autoridade.

Tomem apenas um significante como insígnia dessa onipotência, ou seja, desse poder todo em potência, desse nascimento da possibilidade, e vocês terão o traço unário, que, por preencher a marca invisível que o sujeito recebe do significante, aliena esse sujeito na identificação primeira que forma o ideal do eu”.

Segundo Quinet (2002:118), esta primeira identificação é articulada por Freud ao pai e se pode fazê-la ser entendida como uma incorporação do Nome-do-Pai. “O traço unário é o risco feito em cima da Coisa para apagá-la, é o traço do Outro, insígnia de sua onipotência que, no entanto, é barrada por esse mesmo traço que constitui a matriz do ideal do eu”. O ideal do eu se constitui a partir do Ideal do Outro, do ponto I, lugar de onde o sujeito aguarda um olhar de amor, aplausos, admiração. Ponto de vista do Outro em que ele me vê “na forma em que me agrada ser visto” (Lacan, 1964: 119). É o ponto de vista do amor.

Segundo Lacan (1964: 253),

“A identificação em questão não é a identificação especular, imediata. Ela é seu suporte. Ela suporta a perspectiva escolhida pelo sujeito no campo do Outro, de onde a identificação especular pode ser vista sob aspecto satisfatório. O ponto do ideal do eu é o de onde o sujeito se verá, como se diz, *como visto pelo outro* – o que lhe permitirá suportar-se numa situação dual para eles satisfatória do ponto de vista do amor”.

Segundo Quinet (2002), com sua demanda que é sempre demanda de amor o sujeito fabrica um pai, um pai ideal que possa se tornar o Ideal do eu que o admire e possa, também, acudi-lo. Este pai ideal, construído pelo sujeito, pode ser Deus ou o analista, que é convidado a ocupar este lugar, para libertar o sujeito da angústia. Mas o pai está morto pois o Outro não existe. O pai é apenas semblante que dá consistência ao traço do Outro. Segundo Florence (1994: 140), “Freud a partir de um certo momento muda de vocabulário: o ideal do eu torna-se supereu, pois a função completa do ideal só se completa quando da *Untergang* (saída, declínio, ultrapassagem) do Édipo”. Por outro lado, segundo Quinet (2002), há uma circunstância em que este pai do amor, o ideal do eu, ao ser encarnado por alguém amado, se conjuga com o objeto *a*, com o supereu em sua versão escópica: na hipnose e na relação das massas com seu líder. A relação hipnótica é uma “devoção ilimitada de alguém enamorado” (Freud, 1921: 145). Isto porque, o sujeito coloca o hipnotizador ou o líder no lugar do Ideal do eu, que é o herdeiro do pai amado, que é o ponto no eu em que está o objeto de amor narcisicamente admirado. E assim a pessoa do líder e do hipnotizador recebem o amor e a admiração que foram um dia dirigidos ao pai amado. Se o sujeito fica submetido ao fascínio desse olhar do hipnotizador é porque há empuxo a um outro aspecto do pai, o pai primevo, o gozo de um Outro super-poderoso, possuidor de um olhar de um esplendor tirânico. “Lá onde o olhar de amor brilha por sua ausência, o olhar da morte cega o sujeito com a sua opacidade”

(Quinet, 2002: 120). Diante deste pai todos precisavam abaixar a cabeça, sob o risco de que algo pior ocorresse, como afirma Freud em “Totem e tabu” (1913).

2.1.5 Imperativo categórico

2.1.5.1 A severidade do supereu

Como dito acima, a lei que apazigua, que coloca um limite estruturante para a vida da criança, possui um paradoxo, o mandamento de gozo. Para estudar este aspecto são apresentadas, a seguir, dentre outras considerações, as concepções de Freud (1923) do capítulo V de “O ego e o id”. Neste capítulo ele retoma novamente o exame da instância do ideal do eu/supereu e explica a razão da severidade e mesmo crueldade na dominação que o supereu exerce sobre o eu. Assim, então, o eu é formado, em grande parte, pelos investimentos abandonados pelo id e a primeira destas identificações constitui uma instância à parte, o supereu. O supereu tem uma posição de destaque porque formou-se quando o eu ainda se encontrava frágil diante das identificações e, além disso, foi o responsável pela inclusão no eu dos objetos primordiais da existência humana, frutos do Complexo de Édipo. Embora sensível às influências posteriores, ele preserva, durante toda a existência, o caráter que lhe foi dado pelo complexo paterno: manter-se à parte do eu e dominá-lo. Além disso, pelo fato de resultar dos primeiros investimentos eróticos do id, o supereu possui uma relação profunda com o mesmo e é responsável por uma importante reação clínica, a reação terapêutica negativa.

Existem pacientes que, quando informados de algum progresso no tratamento, mostram claros sinais de descontentamento e seu estado invariavelmente piora, não podendo suportar qualquer elogio ou apreciação. Toda solução parcial, que normalmente acarretaria uma suspensão temporária dos sintomas, produz uma exacerbação de sua afecção. Ou seja, com o tratamento eles ficam piores ao invés de melhorarem. Se esta reação for analisada como uma resistência normal, ganho secundário ou desafio ao analista, a relevância dormrThora(amp

sente doente) e se recusa a abandonar a punição pelo sofrimento. Este sentimento de culpa é extremamente difícil de ser superado. Nada pode ser feito contra ele direta ou indiretamente, a não ser tornar suas raízes recalçadas conscientes, num longo processo de análise, transformando-o, aos poucos, em um sentimento de culpa consciente. Freud só é um pouco mais otimista sobre a reação terapêutica negativa se ela for herdeira de uma identificação, resultante da renúncia ou perda de um investimento erótico. Neste caso, o sentimento de culpa foi tomado por empréstimo, como na melancolia, sendo o único traço que restou do laço libidinal abandonado, sendo difícil percebê-lo como tal.

Se se puder descobrir esta identificação inconsciente, consegue-se bons resultados; senão, o prognóstico é incerto e dependerá de existir alguma força maior que possa se opor à intensidade do sentimento de culpa. Talvez o tratamento vá depender de o paciente situar o analista no lugar do ideal do eu, e exigir que o analista abandone a regra de abstinência e se coloque como profeta, salvador do paciente, posição que se opõe aos preceitos éticos da psicanálise. Assim, a reação terapêutica negativa talvez seja um dos limites à eficácia da análise, já que a última não promete impedir o surgimento de reações patológicas, mas apenas permitir que a decisão de qual trilha seguir seja uma opção do sujeito. Parece que é precisamente a atitude do supereu que determina, então, a gravidade de uma neurose.

Pode-se encontrar ainda outras formas de expressão da culpa. A culpa normal, consciente, expressa a condenação do eu pelo supereu, a tensão existente entre as duas instâncias. O sentimento de inferioridade também está próximo deste processo. Na neurose obsessiva e na melancolia esta condenação ocorre de maneira cruel, o supereu se volta contra o eu de forma intensa e o sentimento de culpa é terrivelmente consciente. Diante da culpa consciente exacerbada, o neurótico obsessivo se queixa ao médico, pois não vê motivação para ela. Todavia, o analista não deve ir nesta trilha; ele precisa procurar tornar consciente os impulsos censuráveis submetidos ao recalque e, assim, produzir o esperado efeito terapêutico. Por outro lado, na melancolia, o eu não se rebela contra a severidade do supereu. Ele aquiesce com a culpa, pois ela resulta de uma identificação com o objeto perdido: o objeto censurável foi incluído no eu. Na neurose histérica a culpa é inconsciente porque o mecanismo próprio a esta afecção é a manutenção à distância, pelo recalque, das percepções aflitivas. Assim, o eu recalca a percepção que o supereu o ameaça com críticas. Aqui, o eu é o responsável pela permanência do sentimento de culpa no inconsciente. Em geral, o eu efetua recalques a mando do supereu, contudo, no presente caso, o mecanismo age para fugir ao supereu. Na

neurose obsessiva, por outro lado, o mecanismo mais comum é a formação reativa e não a manutenção à distância da percepção angustiante. Freud (1916) afirma que o sentimento inconsciente de culpa leva pessoas a cometerem crimes, principalmente nos casos de criminosos principiantes. Assim, a culpa é o motivo e não a consequência. O delito produz uma tranquilização ao associar a angústia resultante de um sentimento inconsciente de culpa a algo palpável e real.

Como se explica o fato do supereu se apresentar essencialmente como crítico e, além disso, extremo, rígido e severo para com o eu? Na melancolia registramos uma violência impiedosa do supereu, que parece haver reunido todo o sadismo disponível para dirigi-lo contra o paciente. O sadismo, componente destrutivo da pulsão de morte, expressa, na melancolia, a pulsão de morte em estado puro, desvinculada da pulsão de vida, podendo levar o sujeito ao suicídio. Contudo, o acionamento da pulsão de morte na neurose obsessiva se dá pela regressão a estágios pré-genitais, através da transformação dos impulsos amorosos em sádico-anais que, com a regressão, parecem desejar a destruição do objeto. É por reter o objeto que o suicídio é menos comum na neurose obsessiva, em comparação com a melancolia. O eu não possui a intenção de destruir o objeto, lutando contra os impulsos com formações reativas e medidas de precaução, e os impulsos permanecem no id. Contudo o supereu age como se o eu assumisse as intenções do id, e como se estas últimas fossem reais e não fruto de regressão. O resultado é um auto-suplício interminável e uma tortura sistemática do objeto, se ele estiver disponível.

O sujeito, em situações normais, lida com a pulsão de morte em parte ligando-a a Eros e em parte desviando-a para o mundo externo. Segundo Freud (1923), o id é amoral, o eu se desdobra para ser moral e o supereu é supermoral e pode se tornar tão terrível quanto o id. E quanto mais o homem se esforça por controlar a sua agressividade e menos a dirige para o mundo externo mais ela se desloca para o próprio eu. Mesmo a moralidade comum possui um caráter severamente proibidor. A concepção do senso comum de um Deus que distribui castigos inexoráveis resulta da moralidade superegóica. Segundo Freud (1923: 71), “o supereu surge [...] de uma identificação ao pai tomado como modelo”. Esta identificação promove uma dessexualização, após a transformação da libido objetal em narcísica. Esta dessexualização é considerada por Freud como uma forma de sublimação. Quando se tem uma transformação deste tipo, ocorre uma separação entre pulsões de vida e de morte. Esta desfusão faz com que Eros perca o controle sobre Thanatos já que, como se viu acima, uma

das modalidades de controle sobre os impulsos de morte é sua vinculação à libido, impedindo sua ação puramente agressiva. É o “ditatorial ‘Farás!’”, fruto desta defusão pulsional que produz o caráter de extrema crueldade do supereu (Freud, 1923: 71).

Na neurose obsessiva, a defusão é promovida pela regressão pulsional no id ao caráter sádico-anal, estendida até o supereu, que eleva suas críticas sobre o inocente eu. O supereu parece se vingar do eu, que conseguira controle sobre a libido pela identificação, utilizando, para feri-lo, impulsos de destruição que estavam fundidos anteriormente à libido. Como o supereu é um herdeiro do pai, o seu imperativo vem do pai primevo, não do pai da lei mas do pai do gozo, o *Urvater*, o pai vivo da horda primitiva. Este pai terrificante impõe uma lei sem dialética e, como o imperativo categórico de Kant, impossível de ser obedecida. O pai dá consistência a um gozo que apenas um podia guardar somente para si sem dividir com mais ninguém. Este pai impõe a Lei mas não se submete a ela. Para os outros a castração, para si o gozo. Por conseguinte, trata-se de um pai diante do qual o sujeito só pode ter uma atitude passivo-masoquista.

2.1.5.2 A face amável do gozo

Lacan (1963: 780) afirma que “o humor é o trânsito na comicidade da própria função do supereu”. Se há a vertente do supereu com a sua severidade, vamos evocar neste ponto uma outra face do supereu, que também se refere a um mandamento de gozo com origem no agente paterno. O mandamento de gozo não é sempre necessariamente cruel, ele pode ser amável pois, segundo Chemama (1995), se o supereu é agente de depressão, ele pode temperar sua dureza, através do humor. Freud (1905) inicialmente abordou o humor em “Os chistes e sua relação com o inconsciente” do ponto de vista econômico, como uma economia de gasto de sentimento. Em 1927, no texto sobre o humor, ele afirma que existem duas possibilidades de atitude humorística: de uma pessoa isolada ou entre duas pessoas. Na primeira, a pessoa adota a atitude humorística com o próprio eu, tira prazer disto e o espectador também dela deriva prazer. No segundo caso, uma das pessoas é tomada como objeto de contemplação humorística pela outra como, por exemplo, no caso de um escritor/narrador com seus personagens ou pessoas reais. Neste caso, a pessoa objeto pode não tirar nenhum proveito, pois a fruição do humor interessa mesmo é ao escritor e ao ouvinte. Resumindo, uma atitude humorística pode ser dirigida ao próprio eu ou para outras pessoas.

Ocasionalmente o prazer em quem a adota e produção semelhante de prazer é a quota do assistente. A gênese do humor consiste em que, numa situação em que se espera expressão de afeto, a pessoa faz pilhéria, havendo uma economia de gasto sentimental.

Freud continua listando as características do humor: ele é liberador como o chiste e o cômico; há grandeza e elevação: triunfo do narcisismo através de uma afirmação vitoriosa da invulnerabilidade do eu, pois o eu se recusa a ser afligido pela realidade, utilizando os traumas como uma oportunidade de obter prazer. Não é resignado, mas rebelde, pois há um triunfo não apenas do eu mas também do princípio do prazer. Além disso, Freud evoca a semelhança entre o humor e os processos defensivos psicopatológicos. É a rejeição da realidade e a efetivação do princípio do prazer que assemelham o humor a defesas, tais como, neurose, loucura, intoxicação, auto-absorção e êxtase; contudo, no processo humorístico, não se extrapola o âmbito da saúde. Neste sentido, há também uma dignidade do humor em relação aos chistes porque o humor se defende do mundo real com produção de prazer, sem sair dos limites do mesmo, enquanto nos chistes há apenas uma produção de prazer, que pode ser utilizada para a agressão.

Todavia, em que o humor está articulado ao supereu? Retornando à situação em que uma pessoa adota uma atitude de humor para com outra, ela está se comportando como um adulto diante de uma criança, quando identifica e sorri da trivialidade dos interesses e sofrimentos que parecem tão grandes a esta última. O humorista é o pai, e as outras pessoas são as crianças. Ademais, na situação em que a pessoa ri de si mesma ela está se tratando como criança, ou seja, temos a instância narcísica, o eu, dividido entre eu e supereu. Como sabemos, o supereu é um herdeiro do agente paterno e mantém o eu em estrita dependência, tratando-o como os genitores o trataram em seus primeiros anos. Assim, no humor há um grande deslocamento de investimento, há uma retirada da ênfase do eu para o supereu que, inflado, vê o eu como minúsculo e triviais todos os seus interesses. Com essa nova distribuição de energia, é fácil para o supereu reprimir as possibilidades de reação do eu. Freud então dá outros exemplos em que ocorrem grandes deslocamentos de investimento psíquico: no enamoramento, na cura das idéias de perseguição, na paranóia e na alternância entre melancolia e mania. No enamoramento o eu se esvazia em favor do objeto. Na paranóia, idéias de perseguição existem por longo tempo sem efeito até que, em virtude de um acontecimento precipitante, recebem grandes quantidades de investimento. A remissão dessas idéias se dá muito mais pela retirada do investimento das mesmas do que pela sua correção ou

solução. Na alternância do estado de humor melancólico para o maníaco o que se observa é que uma cruel opressão do eu pelo supereu é substituída por uma liberação do eu após esta pressão.

Freud conclui que estes grandes deslocamentos de investimento fazem parte da vida psíquica normal. No humor, o que ocorre é que, subitamente, o sujeito hiperinveste o supereu e, assim, altera as reações do eu. No chiste há uma contribuição ao cômico pelo inconsciente, pois um pensamento pré-consciente é entregue à revisão inconsciente, enquanto que, no humor, há uma contribuição feita ao cômico pelo supereu. Freud afirma então que se trata da face amável do supereu, em que se ele tenta consolar o eu através do humor e protegê-lo contra o sofrimento isso não contradiz sua origem no agente paterno. Assim, pode-se perceber que o mandamento de gozo do supereu não é necessariamente cruel, ele pode também ser amável. Ou seja, ele também pode facilitar para o sujeito a elaboração de experiências de desprazer, assim impedindo que o mesmo precise utilizar o álcool ou outras substâncias tóxicas no combate ao mal estar.

2.2 A CONCEPÇÃO LACANIANA DE IDENTIFICAÇÃO

2.2.1 Estádio do espelho

O estágio do espelho é a tentativa de Lacan de elaboração de uma teoria de constituição do momento fundador da instância do eu. Uma das influências que recebe para esta elaboração provém de Hegel. Segundo Roudinesco e Plom (1998), Lacan inicia-se na filosofia hegeliana em 1933, freqüentando o seminário do filósofo Alexandre Kojève, no qual começa a se indagar sobre a gênese do eu, por intermédio das reflexões filosóficas concernentes à consciência de si. Foi na Sociedade Psicanalítica de Paris (SPP), em 16 de junho de 1936, que Lacan apresenta, pela primeira vez, este conceito. Interrompido por Ernest Jones, ao cabo de alguns minutos, dizendo que nada estava entendendo, Lacan se esquece de entregar sua comunicação, que se perdeu. Sua segunda apresentação será realizada em Marienbad, no mesmo ano, no congresso da IPA (International Psychoanalytical Association). A comunicação a que se tem acesso é uma terceira, feita em 1949, no congresso de Zurique, também da IPA.

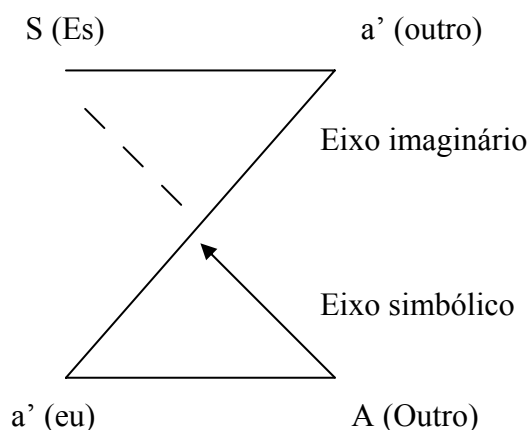
Segundo Lacan (1949), quando a criança nasce, e durante os primeiros meses, ela é bastante prematura. Não consegue coordenar seus movimentos, não possui o controle da marcha ou sequer da postura ereta. Para designar este período, Lacan formulou o conceito de corpo despedaçado. Contudo, mesmo fisicamente prematura, sendo superada em inteligência instrumental pelo chimpanzé, o filhote do homem, não obstante, já reconhece como tal sua imagem no espelho. Este reconhecimento da imagem no espelho pode ocorrer a partir da idade de 6 e se estende até os 18 meses. Quando a criança é posta diante do espelho, a imagem que ela vê não corresponde à sua experiência corporal. Ela divisa um outro completo, uma *gestalt*, e, a partir de então, ela se reconhece nesta imagem. A fase do espelho deve ser compreendida como a transformação, produzida no sujeito, quando ele assume esta imagem completa, constituindo assim o primeiro esboço do eu. E esta assunção da imagem especular é motivo de júbilo para a criança, que ainda está mergulhada na impotência motora e na dependência da amamentação. Ela constitui a matriz em que o eu se precipita numa forma primordial, forma esta que Lacan designa como eu-ideal, $i(a)$.

Lacan evoca o efeito formador da imagem do semelhante sobre o organismo, o efeito de assimilação que se pode apreender na história natural pela observação etológica. A maturação da gônada na pomba possui como condição necessária a visão de um congênere, ou até mesmo apenas seu reflexo em um espelho. E ainda, a evolução do grilo peregrino que, em seu desenvolvimento larvário, numa determinada fase, depende de uma ação exclusivamente visual. Esta ação é obtida pelo encontro com um certo número de traços da imagem de seu semelhante; assim, ele evoluirá segundo a forma solitária ou gregária. Pode-se observar estes fatos em experimentos biológicos. Contudo, o ponto a ser sublinhado neste estágio é que esta *gestalt* situa a instância do eu numa linha de ficção, pois há uma discordância com sua própria realidade. A forma total do corpo antecipa, numa miragem, a maturação de sua potência, em que esta forma é mais constituinte do que constituída. E, assim, a pregnância desta imagem totalizante simboliza a permanência mental do eu, ao mesmo tempo que prefigura sua destinação alienante. O que fica de fora, a divisão subjetiva que a imagem esconde, Lacan (1962-63) denomina, no seminário 10, *A angústia*, com o símbolo $-\phi$, o falo enquanto índice da falta. A imagem completa faz com que o sujeito se sinta inteiro, fazendo-o esquecer momentaneamente da castração que o real inscreve através da pulsão no seu corpo.

Como afirma Pacelli (1999: 36) “a relação do sujeito com o outro é uma relação intrínseca, já que o sujeito só é sujeito enquanto assunção ao campo do outro”.

experiência de se fazer homem, pela primeira vez, através da imagem de um outro semelhante, tem como resultado o transitivismo que se observa nos fenômenos do duplo, e da agressividade, pois é enquanto outro que cada um se vê pela primeira vez e se sente. Assim, a relação dual, imaginária, é marcada por uma confusão entre o eu e o outro, tendo como resultado a ambivalência, a agressividade estrutural do ser. Trata-se, então, de uma imagem que forma, mas também que aliena, faz da criança um “outro” de si mesma. Disto resulta a necessidade do ser humano de ganhar seu lugar sobre o outro, de se impor a ele, sob pena do próprio aniquilamento. Por conseguinte, todas as noções que se referem à imagem totalizante, que completa e não deixa aparecer o furo, ou seja, os ideais, a esfera, o mundo, o pensamento, a significação, compõem a ordem do imaginário. A ordem imaginária, lugar por excelência do eu, se define por seus fenômenos de ilusão, captação e engodo.

Todavia, o que garante a constituição da imagem ideal é o simbólico, a identificação primária, o traço unário. É o Outro que garante a constituição do eu ideal. O imaginário não precede o simbólico, pelo contrário, ele só se faz na pré-existência do simbólico. Lacan (1962-63) afirma que é o traço unário que permite o reconhecimento como tal da unidade da imagem ideal, $i(a)$. É o Outro simbólico que garante para o pequeno sujeito que se olha no espelho que aquela imagem é dele, apaziguando a angústia do corpo despedaçado, dando uma roupagem para o objeto a . Numa leitura de Freud com Lacan, é a linguagem pré-existente, que permite que ocorra a “nova ação psíquica” (Freud, 1914: 93), a passagem do autoerotismo para o narcisismo, pois, se a imagem do corpo é fornecida à criança pela experiência do espelho, e constitui o eu ideal, $i(a)$, para que ela possa se apropriar da imagem é preciso que esteja presente o traço unário. Por conseguinte, é necessário que a imagem seja apreendida através do Outro. No *seminário 8, A transferência*, Lacan (1960-61) exemplifica este fato quando evoca o momento em que a criança se olha no espelho, vê sua imagem completa e busca o olhar da pessoa adulta, que a traz no colo, para autenticá-la, à procura de $e, Tc?$, dando-lhe o lugar de sujeito.



Na esquizofrenia não existe um eu constituído. Ainda se está na fase do corpo despedaçado. O eu pode se apresentar como um recurso “ortopédico”, pois o psicótico não possui um Outro simbólico que garanta a consistência da imagem especular. Nos casos de alcoolismo grave, podem existir muitos pacientes psicóticos, que não apresentam uma psicose completamente desencadeada, pois o álcool disfarça a psicose, sendo utilizado como uma “bengala” através de uma identificação ao alcoolismo de um pai que só pode ser um pai do gozo, já que se trata de uma estrutura psicótica. Trata-se aí de um pai que está na mesma posição que a mãe, numa relação de capricho, fazendo seu filho de objeto. Não se conta com um pai que barra este vínculo, através da lei. Na paranóia, por sua vez, já se tem um eu, só que excessivamente consistente, pois não está marcado pela falta.

2.2.2 Classificação das três modalidades de identificação: uma revisão

Lacan faz várias leituras, durante o seu ensino, do capítulo VII de “Psicologia de grupo e análise do ego”. Faremos agora um pequeno levantamento das referências, em Lacan e em alguns autores lacanianos, sobre as interpretações dos três (3) modos de identificação, descritos por Freud, no referido capítulo. No seminário sobre a transferência Lacan (1960-61: 343) afirma que elas seriam: a identificação ao pai, a identificação regressiva e a identificação histórica, como se pode observar a seguir.

“É extraordinariamente importante guardar que, desde os primeiros passos de Freud na articulação da *Identifizierung*, aos quais voltarei daqui a pouco, pois não se pode escamoteá-los, esta implica, antes mesmo do esboço da situação do Édipo, uma primeira identificação possível ao pai como tal. O pai lhe andava pela cabeça? O fato é que Freud deixa o sujeito fazer uma

primeira etapa de identificação ao pai, e que desenvolve aqui todo um refinamento terminológico, chamando-o de projeto viril.

(1921) e propõe a seguinte classificação que é considerada clássica: identificação ao pai, identificação ao traço e identificação histérica.

“Proponho como termo a esta sessão de hoje a identificação tripla como ele adianta, formulo a maneira como a defino eu: se há um outro Real, não está senão no próprio nó e é por isso que não há Outro do Outro. Este Outro Real, identifiquem-no com o seu Imaginário, terão então essa Identificação do histérico com o desejo do Outro, esta que se passa nesse ponto central. Identifiquem-se com o Simbólico do Outro Real, terão então essa Identificação que especifiquei como *einzigster Zug*, como traço unário. Identifiquem-se com o Real do Outro Real, obterão o que indiquei como Nome-do-Pai, e é onde Freud designa o que a identificação tem a ver com o amor”.

Esta é também a classificação de Rosa que, partindo de RSI, retoma então os três modos de identificação e afirma que a proposta de Freud, em 1921, seria a identificação ao pai, identificação ao traço e identificação histérica e suas considerações serão vistas nos itens a seguir. Este também parece ser o entendimento de Florence (1994). Ele afirma que a primeira identificação, a identificação ao pai da pré-história pessoal é um postulado pois só pode ser deduzida da experiência. Sobre a segunda forma de identificação, ao traço, os exemplos freudianos são eminentemente de identificações resultantes do processo de formação de sintomas, e se dão por um traço ora da pessoa amada ora da pessoa rivalizada. Ocorrem pela regressão de um traço do objeto para o eu após o abandono do investimento. A terceira forma Florence chama de identificação de pensionato, e expressam uma outra trilha para a constituição de sintomas, que se produz em virtude de se observar um ponto comum num outro semelhante. A partir dele ocorre um contágio psíquico. Neste caso, não existe um investimento prévio na pessoa copiada, o laço vai ser uma consequência da identificação. Por isso, esta também é a forma da identificação nos grupos. Florence considera que está seguindo a exposição freudiana e, na segunda forma, ele articula a identificação ao traço com a identificação regressiva, como muitos autores o fazem. Na terceira forma ele relaciona a identificação histérica com a identificação que ocorre nas massas com seu líder, a identificação nos grupos, em que os membros colocam o líder no lugar do ideal – este é o ponto em comum, segundo Freud, entre as pessoas, nas multidões. Os fenômenos de massa, então, seriam relativos a uma histeria coletiva, um “contágio mental” como na histeria? Ribeiro (2003) interpreta os fenômenos de massa através do eixo especular, como se verá abaixo.

Taillandier (1994) apresenta a seguinte classificação. A primeira identificação se dá por incorporação ao Outro da demanda através do apelo de amor. Taillandier questiona se se trata do pai, na interpretação freudiana, ou da mãe como sugerem certos textos, ou ainda da mãe enquanto aquela que conduz a metáfora paterna primordial. A segunda identificação se faz por regressão a um traço unário tomado do Outro, diante do qual o sujeito tem uma posição desejante. A identificação substitui o desapontamento inevitável. A terceira identificação seria a histérica, uma identificação imaginária ao desejo do outro, para evidenciar a característica de insatisfação, o aspecto de falta do desejo inconsciente:

Temos ainda a interpretação de Ribeiro (2003). Para Ribeiro a primeira identificação é a imaginária, especular, na qual o sujeito se mistura com o outro semelhante. É aquele que ocorre nas multidões e nos grupos e é responsável tanto pelo amor quanto pela agressividade: o amor ao líder e a agressividade para alguém discriminado. Na segunda forma, Ribeiro denomina regressiva e inclui a identificação traço e a identificação primária simbólica ao pai que é a referência para a estrutura neurótica. A terceira modalidade é a histérica, pela via do desejo, da falta que dá origem ao desejo. Ela também exemplifica com as jovens do colégio de freiras. A moça que tem a crise nervosa está exprimindo o seu desejo pelo namorado que romperá com ela, e as outras moças que se contagiam pela crise exprimem também o seu desejo de ter um namorado. Ribeiro então interpreta as três formas de identificação como a identificação imaginária, a identificação regressiva e a identificação histérica. Na identificação regressiva ela inclui a identificação ao traço e a ao pai. Como a temática da identificação é bastante extensa, existem várias formas de classificá-las e, como já anteriormente referido, mesmo Lacan faz várias tentativas de reflexão sobre o tema. A seguir, analisaremos as três modalidades clássicas. Contudo, esta posição de Ribeiro parece ser apenas uma forma de listar as identificações, pois a identificação ao pai, ou seja a identificação simbólica deve necessariamente ser a primeira pois é o eixo simbólico, onde se situa a identificação paterna, que sustenta a identificação imaginária, como se pode depreender do esquema L descrito acima.

2.2.3 Identificação ao pai

É quase impossível discorrer sobre um modo de identificação sem falar do outro, ou seja, dizer da identificação ao pai e não dizer da identificação ao traço e da identificação

histórica, porque são momentos lógicos da identificação que remetem um ao outro. De uma certa forma pode-se dizer que ocorre primeiro a identificação ao pai, num segundo momento a identificação ao traço e num terceiro a identificação histórica, ou seja, a constituição final do sintoma através do traço, pelo menos na histeria. E assim o sujeito do inconsciente vai se constituindo através dos traços identificatórios retirados do campo do Outro. Contudo, tentar-se-á conceber os três modos de identificação separadamente, sob pena de repetição, numa tentativa de aprofundamento dos conceitos, que são bastante complexos.

A passagem clássica de Freud (1921), que diz respeito a esta identificação primordial ao pai, é aquela do início do Capítulo VII de “Psicologia dos grupos e análise do eu”. Freud afirma que a forma mais primitiva de laço se dá via identificação e que, desde o início, o menino demonstra um interesse especial pelo pai, quer crescer e ser como ele, substituí-lo em tudo. Ele toma o pai como ideal, como um modelo (*Vorbild*). E não se trata de uma relação feminina com este pai, ou seja ele quer “ser” como o pai e não “ter” o pai como objeto. Esta primeira forma de identificação ocorre via incorporação, como um derivado da primeira fase de organização libidinal. E no sentido da incorporação é que se pode entender o que Lacan afirma que se trata do real do Outro real. E também se refere ao fato de que é o pai real que barra o gozo da mãe sobre a criança. Ainda é sobre a incorporação do pai que Rosa (1994) interpreta que Freud está se referindo ao mito do pai primevo, ao sentimento conseqüente a uma refeição ingerida pelos membros de um clã, que permitiria a eles tomarem a posse de uma substância comum. A referência a “Totem e Tabu” já indica o significado da identificação primordial ao pai, qual seja, o estabelecimento da função paterna.

Em *O seminário, livro 17, O avesso da psicanálise* (1969-70: 82), no capítulo sobre o mestre castrado, Lacan fornece mais uma referência sobre a identificação primária ao pai.

“A propósito do pai, as pessoas se julgam obrigadas a começar pela infância, pelas identificações, e isso é então algo que verdadeiramente pode chegar a uma extraordinária farfalhada, a uma estranha contradição. Falarão da identificação primária como aquela que liga a criança à mãe, e isto com efeito parece óbvio. Contudo, se nos reportarmos a Freud, a seu discurso de 1921, chamado *Psicologia das massas e análise do eu*, é precisamente a identificação ao pai que é dada como primária. É certamente bem estranho. Freud aponta ali que, de modo absolutamente primordial, o pai revela ser aquele que preside à primeiríssima identificação e nisso precisamente ele é, de maneira privilegiada, aquele que merece o amor.

Isto é bem estranho, certamente, e entra em contradição com tudo que o desenvolvimento da experiência analítica estabelece sobre a primazia da

relação da criança com a mãe. Estranha discordância do discurso freudiano com o discurso dos psicanalistas.

[...] O que afirmo, o que vou hoje anunciar de novo, é que o significante-mestre, ao ser emitido na direção dos meios de gozo que são aquilo que se chama o saber, não só induz, mas determina a castração” (op. cit: 82).

Segundo Quinet (2000), neste capítulo Lacan está abordando os seguintes temas: o significante mestre (S1) e o Discurso do Mestre enquanto o avesso do Discurso do Analista. O Discurso do Mestre é o discurso que explicita a constituição do sujeito, é o discurso do inconsciente. Lacan inicia se referindo à identificação primária ao pai até porque ele vai do pai ao S1. Esse primeiro objeto de amor é reduzido a um traço equivalente à incorporação do Nome-do-Pai. O pai é o *um* que se instaura na cadeia significante do Outro fundando-a e inscrevendo a alienação do sujeito. O pai se torna o S1. A mãe é interpretada como o S2, pois estamos no campo do gozo e a mãe está no lugar do saber (S2), pois ela sabe como gozar, ela detém o saber sobre os meios de gozo. O S2, no campo do gozo, é entendido como o saber. E o S2, a mãe, está no lugar do Outro no discurso do mestre. Assim, o pai tem a função de barrar o gozo da mãe, ou seja: o S1 (o pai), emitido em direção aos meios de gozo (S2, a mãe), tem como resultado a castração pois o pai é o agente da castração. Por sua vez, se Lacan afirma que é o pai que merece o amor, e Freud dissera que o pai é tomado como modelo, como “ser” o pai e não “tê-lo”, talvez se possa entender esta afirmação de Lacan no sentido de que o pai inicialmente é o Ideal, o modelo, e na medida em que se torna o Nome-do-Pai ele é aquele que realmente é digno de amor, pois vem no sentido de proteger o filho do gozo do Outro.

Por outro lado, vejamos como se dá o processo de constituição da primeira identificação, segundo a interpretação de Dias (2000). Deve-se considerar que o aparelho psíquico, ainda incipiente, é confrontado com o desamparo primordial ante o real da pulsão, pois o campo do Outro chega basicamente como algo que invade de excitações o dito aparelho. Diante disso, há uma primeira operação intelectual: um juízo de atribuição. Essa atribuição permite uma diferenciação ainda pré-subjetiva de dentro e fora, em que o bom é incorporado, pois é aquilo que solucionou uma tensão de necessidade, deixando assim uma marca mnêmica primeira, que será reinvestida alucinatoriamente. Esta marca primeira mostra que houve uma percepção, sinalizando algo que o sujeito pode incorporar. Esta primeira identificação é o primeiro recurso lógico e, assim, no lugar da ausência do sujeito, essa marca

tomada do Outro como modelo permite o começo de uma cadeia de “notação”, que vai ser um ponto de ancoragem, onde o sujeito poderá advir, posteriormente, na identificação ao traço unário. Na verdade, a marca da primeira experiência de satisfação sustenta o sujeito, expressando sua alienação constitutiva e demonstra que o campo do objeto é de pura perda, corte, separação, já que a primeira experiência de satisfação numa poderá ser repetida da mesma forma, pois o objeto está para sempre perdido. É o tempo do -1 , já que o encontro com o objeto é sempre reencontro, presentificando a falta estrutural. Neste tempo primordial, que é antes do advento do sujeito, é preciso haver um apagamento do rastro da primeira experiência de satisfação, é necessária a existência de uma perda. Antes de se constituir o traço, o S1, o 1, temos o -1 . Este momento primário, relacionado à intrusão da alteridade do pai que é incorporado, destaca o ser do gozo da mãe, promovendo um furo que transforma o corpo em pulsional, pois a primeira transformação do real em sujeito é a pulsão, sob o efeito da demanda, segundo Lacan (1961-62: 373).

Como afirma Miranda (2002) a primeira forma de identificação em Freud é a da consumação do inimigo, do adversário, do pai. Entende-se isto pelo fato de que o pai é aquele que proíbe o gozo da mãe. E, segundo Portugal (1999), esta identificação primária ao pai se situa no campo do gozo. O fato de se dar no campo do gozo e se referir ao real pulsional pode ser relacionado ao que Lacan afirma que se trata da identificação ao real do Outro real. Trata-se de um momento mítico, que encarna a tomada do pai como modelo primitivo de investimento anterior ao investimento da mãe. Este momento constitui o Nome-do-Pai - na pré-história do complexo de Édipo – que está diretamente relacionado à fase fálica, ao complexo de castração.

Segundo Schotte *apud* Oury (1994) a obra de Freud possui uma predominância sucessiva de patologias que influenciam a sua construção do conceito de identificação. A primeira foi reconhecidamente a histeria, tanto que a identificação histérica é a primeira modalidade de identificação suficientemente descrita por Freud. Em seguida temos a melancolia e a identificação ao objeto perdido que pode-se entender como uma identificação simbólica que não se efetivou, frustrada. Contudo, quando se trata da identificação primordial com o pai simbólico, como afirma Lacan, o conceito se abre para um horizonte que se mantém, para Freud, apenas inicialmente desenvolvido. Este horizonte se refere à psicose, sobre o que, segundo Schotte, Freud não conclui esquemas teóricos e práticos tão definitivos como sobre os outros campos. A identificação primordial ao pai constitui a função paterna,

que se concretiza se o Édipo transcorrer como o previsto em seu programa. Por isto se relaciona à psicose, no sentido de que a não inscrição do Nome-do-Pai define a estrutura psicótica. Também por este motivo Kristeva (1994) afirma, retomando o raciocínio de Schotte, que na identificação primária ao pai não se trata de uma interpelação à histeria ou à melancolia. O que está em jogo, e nos obriga a reinterrogar a identificação primária, é a psicose. Entendemos isto no sentido de que é a identificação primária ao pai o que permitirá ao sujeito não ter uma estrutura psicótica, pois a identificação psicótica só pode ser uma identificação imaginária, já que não há uma identificação simbólica na psicose. A identificação ao pai remete à metáfora paterna, àquilo que, de princípio, “pré-historicamente”, vai barrar o desejo da mãe e permitir ao sujeito ingressar no universo simbólico, não permanecendo na relação imaginária, a – a’, com a mãe. Estas considerações são compatíveis com o que Lacan afirma no final do seminário 9, *A identificação*. Segundo ele, a identificação ao pai faz entrar, com efeito, em questão, os problemas de “Totem e Tabu”, temas pouco estudados no seminário 9, afirma Lacan (1961-62: 406), pois seria necessário estar absorvido nos mesmos por completo.

“Eu insistia em marcar que estava ali a etapa prévia essencial, exigindo absolutamente uma antecedência propriamente didática, para que possa se articular convenientemente a falha, a falta, a perda em que estamos para podermos nos referir, com a mínima conveniência, ao que está em causa a respeito da função paterna”.

Complementando estas reflexões, Drummond (1994) afirma que o pai da identificação primária é o pai gozador de “Totem e Tabu” e os seus efeitos só poderão ser entendidos no desenrolar dos acontecimentos. Se a operação do Édipo vem a se efetivar, a identificação inicial equivale ao Nome-do-Pai. Se não há o complemento desta operação, o sujeito permanece identificado à Coisa. Esta forma de identificação primária ao pai, se se pretende lê-la posteriormente, após a operação edipiana, se trata de um traço significativo do pai da interdição, da herança, do desejo. E ela também se faz através do traço unário como afirma Lacan em *O seminário, livro 8, A transferência*. Neste seminário ele afirma que a identificação ao pai e a identificação regressiva se dão através do traço unário. E o traço unário é um traço de corte e não de unificação, relativo à falta, à perda, à castração. Todavia se o Édipo não operou, o sujeito permanece na identificação inicial ao ideal do eu, ao pai gozador.

2.2.4 Identificação ao traço

Existe uma passagem da identificação ao pai para a identificação ao traço. São momentos lógicos da identificação. A identificação ao pai pode ser entendida como o instante de ver, em que o sujeito se forma apagando seus traços, o -1 , se separando da mãe pelo furo trazido pelo Pai. Por sua vez, a identificação ao traço é o tempo de compreender e faz com que o sujeito assine este apagamento pela eleição de um significante, 1. A identificação ao traço unário é colocada em evidência por Lacan (1961-62) no seminário 9, *A identificação*. Segundo Florence (1994), a posição epistemológica de Lacan é diversa da freudiana. Freud permanece parcialmente aprisionado ao empirismo de seus contemporâneos, numa tentativa de tornar as suas descobertas abordáveis por eles. Isto permitiu que a psicanálise fosse erroneamente compreendida como uma psicologia genética, ou se situando no campo do observável. Por sua vez, Lacan (1960: 822), na primeira década de seu ensino, atuando a partir do campo operatório da linguagem, desenvolve a sua episteme a partir das leis do significante e, assim, entende-se porque ele privilegia a segunda modalidade de identificação, que se dá pelo traço unário, um traço significante, simbólico, o S1, “o dito primeiro que [...] legisfera”. Esta forma de identificação está, de um modo ou de outro, presente nas outras, pois toda identificação se dá por um traço e não com a totalidade do objeto.

Lacan parte de Freud, quando ele aborda a forma regressiva de identificação, no Cap. VII de “Psicologia dos grupos e análise do eu” (1921). Regressiva porque está ligada ao abandono do objeto, investimento este que é substituído pela identificação. Freud diz que esta identificação se faz apenas por um traço do objeto, traço único (*einzigster Zug*) da pessoa objetalizada. Lacan designa este traço como unário, segundo Portugal (1999: 84) “para testemunhar aí o *um* como marca do gozo, como marca do Pai, possibilitando o início da ordem”. Lacan privilegia o estudo do traço unário no seminário 9, *A identificação* (1961-62: 69) e afirma que espera ter tornado impensável o segundo modo de identificação, a não ser pelo traço unário.

“[...] nessa espécie de identificação em que o eu copia na situação ora o objeto não amado ora o objeto amado, mas que nos dois casos essa identificação é parcial, *höchst beschränkt* (altamente limitada), mas que é acentuado no sentido de estreiteza, de encolhimento, que é *nur einen einzigen Zug* (apenas um traço único) da pessoa objetalizada”.

Uma das noções que o traço vem demonstrar é o vínculo da identificação com o simbólico, pois a identificação é uma forma de ligação (*Bindung*) da excitação pulsional com uma representação, um traço. Assim entende-se o que é repetido por vários autores, e por Lacan no seminário 9, que o que importa na identificação é propriamente a relação do sujeito com o significante. E como a intenção de Lacan no seminário 9 é a de articular a constituição do sujeito, entende-se que a formação do sujeito se faz no mesmo caminho da constituição do significante, da constituição da escrita. No seminário 10, *A angústia*, Lacan (1962-63: 48) afirma que, desde que o sujeito fala, o traço unário entra em jogo. O traço unário é “a identificação primária neste ponto de partida que constitui o fato de poder dizer um e um, e ainda um, e ainda um e que é sempre de um que se é necessário falar...”. Cada um é um *um*. Não se trata do mesmo ao mesmo, do idêntico, pois o significante não é outra coisa a não ser total diferença, já que em cada lugar da cadeia que ele estiver terá um significado diferente. Partindo do “Curso de Lingüística Geral” de Saussure, Lacan diz que “A” não é igual a “A”, ou seja, o significante não é idêntico a si mesmo.

Contudo, anteriormente, a concepção não era esta, pois há uma divisão entre a era teológica e a era lingüística. Na era teológica, que se estende de Platão a Kant, o um unifica, faz conjunto. É a unidade da igualdade, do todo, da esfera, da imagem, do mundo, do que não tem furo, de Deus, o Outro inteiro. O um do belo, do bem, da verdade, que pressupõe a existência de “O belo”, “O bem”, “A verdade”. A unidade do belo constitui todos os belos corpos, toda a beleza existente nas obras de arte. Este tipo de um institui uma lei, uma norma, na qual diz-se que todos os que possuem aquele um estão situados naquela lei. Na filosofia kantiana, na *Crítica da razão pura*, tem-se a síntese como um exemplo de um que unifica a tese e a antítese. Na *Crítica da razão prática* Kant estabelece o um da norma moral, que vale para todos os homens, que deve ser seguido por todos. Na era teológica há uma identificação do ser com o sujeito, do ser com o pensamento; segundo a lógica cartesiana, “penso, logo sou”. O pensamento dá significação, é um engodo imaginário, que dá consistência, e faz com que Descartes considere que o pensamento é o que ele é. Contudo, o pensamento é imaginário, está na vertente do eu e não do sujeito.

Todavia este tipo de um que coletiviza não é o que constitui o traço unário. A identificação simbólica se faz na distinção. Na era lingüística, surge uma outra concepção, marcada por correlações técnicas, entre as quais o advento matemático, que promoveu um uso ampliado do simbólico, do significante, pois o número é basicamente simbólico, ele diz de

algo que não está ali, ele representa algo da natureza de uma forma completamente diferente deste algo representado. É apenas na medida em que se questiona que um significante é distinto de si mesmo, que se pode avançar no problema da identificação. Por conseguinte, a unidade na era lingüística é da diferença, pois a língua é constituída de elementos, unidades,

traço unário com sua visita ao museu de Saint-Germain-en-Laye. Neste museu ele encontra uma costela de um animal pré-histórico, marcada por uma série de entalhes, que se supõe tenham sido feitos para lembrar os animais que um caçador matou. O primeiro significativo é o entalhe com o qual se marca, por exemplo, que se matou *um* animal e que não se confundirá, mesmo depois de ter matado muitos outros. Então, o sujeito não é um, é um *um*, ou seja, ele pode ser contado. Que cada animal possa ser contado como uma unidade, significa que o traço unário produz um registro que está para além do empírico, está no simbólico. Contudo, no simbólico, os vários traços dão imaginariamente a impressão de que são iguais, escondem que remetem ao um a um de cada animal. Portanto, a diferença dos traços é vista na seriação, pois se eles ocupam lugares diferentes, eles não são os mesmos, referem-se a animais diferentes. Isto porque o significante tem um sentido distinto, dependendo do lugar em que está numa frase. Assim, o sujeito é contável no um a um, pois cada entalhe, na costela do animal pré-histórico, se refere a um animal diferente dos outros que o caçador matou.

No entendimento de Guimarães (1999), o caçador que grava a cada nova caçada um entalhe na caverna, marca uma repetição de um ciclo que se repete, contudo se repete sempre de outro modo. A função significativa introduz a diferença no real e precisa de, a cada vez, mais um traço. Além disso, as diferenças só fazem conservar o ciclo tal que os que o precederam podem ser vistos como sendo os mesmos. Tudo isso nos coloca diante do automatismo de repetição. É um ciclo determinado pela sombra do trauma. O ciclo de comportamento se coloca no lugar do significante recalcado e presentifica o significante que esse ciclo se tornou. Sendo isto que Lacan chama como o sistema do trauma, pois algo ocorreu na origem que tomou a forma de *a* e a repetição faz buscar, ressurgir, este *a*, pois o inconsciente busca retornar a uma identidade do que foi originalmente percebido. O inconsciente quer fazer ligações todavia, por fazê-las pelo significante, isto só pode ocorrer na diferença e a identidade perceptiva nunca pode ser encontrada. Assim, o recalque primário mostra no Outro a falta de um significante, um furo, $S(A/)$.

Para se compreender a constituição do traço unário pode-se também examinar o surgimento das letras do alfabeto. Elas se originaram de figuras que depois desapareceram. A letra “A” surgiu a partir do desenho da cara do boi com chifres. Este desenho inicial desapareceu e o que restou foi a letra “A”. Guimarães (1999) assim entende a gênese da escrita: partimos do homem como tendo uma emissão vocal. Aí tem-se o material pré-histórico, da ordem de traçados, marcas. Em seguida, se apresenta algo muito próximo de uma

imagem, porém, na medida em que vai-se apagando este caráter de imagem, passa a ser visto como um ideograma. Ou seja, há um figurativo apagado que deixa algo da ordem do traço unário já que é como um distintivo que desempenha um papel de marca. E ela exemplifica dizendo que suponhamos que um ideograma designa o céu e o sujeito o chama AN. Depois a posição se inverte e esse ideograma do céu vai ser suporte para a escrita silábica de AN que não tem exatamente uma relação com céu. Ou seja, no advento da escrita algo que já é escrita – se considerarmos que já houve o isolamento do traço significativo - serve de sustentação do som. E é porque é fonetizada que é realmente escrita.

O processo de constituição da escrita se expressa no que Lacan (1961-62) afirma que algo deve ser negado (-1) para haver uma afirmação (1). Contudo se, inicialmente, pareciam dois momentos, ele conclui depois que são três. Lacan fornece o exemplo do rastro do passo de Sexta-Feira na areia, que Robinson Crusoe encontra na ilha, exemplo dado por ele, no seminário 6, “O desejo e sua interpretação”. Robinson apaga o rastro (- 1) e, para localizá-lo, faz uma cruz no local (1). Isto é o significante específico. Lacan afirma que o significante específico é algo que pode ser apagado e, exatamente por essa operação de apagamento, subsiste como tal. Este processo corresponde à negação vinculada à operação do recalçamento. Em “A negativa” Freud (1925) se refere ao fato de que quando o sujeito relata um sonho e afirma: “esta mulher com quem sonhei não é minha mãe”, aí mesmo deve-se atentar, pois houve uma afirmação através da negativa. O que aparece manifestamente é uma mulher, todavia, o que está por trás deste relevo “uma mulher” é o que foi apagado: a mãe. E para que a mãe possa aparecer, apesar do recalque, é preciso que seja sob o véu da negação. Através do apagamento da mãe, pela mulher, pode-se dizer da mãe.

Segundo Fingermann (2004), Lacan afirma que o nascimento do sujeito está relacionado ao segundo tipo de identificação, ou seja, a identificação ao traço unário, ao sujeito que se torna sujeito do significante. Ele desenvolve este tema na primeira parte do seminário 9 e afirma que o sujeito nasce através de um traço que passa a representá-lo, um S1. Em termos de matema isto pode ser expresso como a primeira parte do discurso do mestre: S1. O sujeito se constitui por um apagamento, pois assumir um traço é apagar o rastro de \$

gozo que o marcou inicialmente. Ao se tornar traço, o rastro se torna um representante representativo, e passa a representar o sujeito para outro significante: S1 – S2. É uma parte

\$

do discurso do mestre pois, é no discurso do mestre, que se tem explicitada a questão da identificação, a questão da alienação do sujeito ao dito primeiro que faz oráculo, ou aos ditos primeiros, os S1s que vem do Outro, pois não é apenas um S1, podem ser vários S1s, um enxame, contudo não é qualquer um. O rastro de gozo da primeira experiência de satisfação, a marca, se torna traço. A impossibilidade da identidade de percepção transforma-se em possibilidade de identificação. Fica, então, evidente a alteridade do traço unário, que vem do campo do Outro, que marca o corpo na primeira experiência de satisfação. A identificação ao traço é o tempo da afirmação, do consentimento ao um que transformou o rastro em traço, tempo do 1, depois do -1. E é entrada do pai que faz furo, faz buraco, na relação da criança com a mãe. É a identificação com o pai que produz o -1 que permitirá o devir do 1.

O aspecto regressivo da identificação ao traço:

Como dissemos, Freud (1921: 135), no capítulo VII acima citado, descreve a identificação regressiva dizendo que o sujeito, ao ser obrigado a renunciar a um investimento de objeto, o faz através da regressão pois “a identificação apareceu no lugar da escolha de objeto e que a escolha de objeto regrediu para a identificação”. O investimento objetal regride para o eu pois a libido objetal é substituída pela libido narcísica. A característica da regressão está relacionada à identificação ao traço. Aliás todas as formas de identificação se dão por um traço, pois são sempre parciais. Ao se referir à identificação pela regressão Freud dá como exemplo o fato de que ela se dá por um traço, na estreiteza e não com a totalidade do objeto. Dora, apaixonada pelo pai, se identifica com ele através do sintoma da tosse, este traço de tosse do pai, pois o pai também apresentava problemas nos pulmões. É uma identificação que expressa o amor pelo pai, contudo é uma forma de exprimir também a culpa por este desejo, pois é um sintoma que trás uma doença, um sofrimento para o sujeito. Ela começara a apresentar o sintoma na infância, quando tivera que renunciar ao pai enquanto objeto de amor. O traço unário implica um recobrimento, a tosse no lugar da marca do pai amado e renunciado. Ele estrutura o sintoma em homenagem ao objeto perdido de satisfação. Ademais, neste ponto, registra-se a articulação da identificação regressiva com a identificação histórica.

2.2.5 Identificação histérica

A terceira modalidade de identificação é a histérica, ou seja, a identificação pela via do desejo, do desejo ao desejo, do Outro e do outro. Como já foi dito, no capítulo VII de “Psicologia dos grupos e análise do eu”, Freud (1921) conta o episódio das moças do internato. Uma delas recebe uma carta do namorado, rompendo o relacionamento e apresenta uma crise histérica; então, as amigas, conhecedoras do assunto, pegarão a crise através de uma “infecção mental” e logo o pátio está repleto de jovens em crise semelhante. A fonte desta identificação é a falta que origina o desejo. A protagonista principal havia perdido o namorado, contudo exibia, através da crise histérica, o seu desejo por ele. As meninas se identificam com a falta de namorado, sustentando, assim, um desejo insatisfeito de ter um namorado, próprio da histeria. Por conseguinte, como em toda identificação, na histeria também ela ocorre por um traço. Lacan (1961-62) toma o predicado da parcialidade da identificação no traço unário em Freud e pode-se entender que ele a generaliza. Na histeria, tem-se, então, que buscar o traço identificatório.

Como foi dito num momento anterior, a primeira vez que Freud (1900) estabelece suficientemente o conceito de identificação, ele o faz na histeria, em “A interpretação dos sonhos”, ao examinar o sonho da açougueira espirituosa, como a designa Lacan. Freud já vinha se referindo ao conceito desde as cartas a Fliess. No sonho da Bela Açougueira, Freud afirma que a histérica se identifica com a pessoa com quem tem relações sexuais ou com quem o seu parceiro deseja ou desejou tê-las. A Bela Açougueira conta um sonho no qual quer fazer um jantar com salmão defumado – alimento preferido de uma amiga - contudo não consegue realizar o jantar. Freud então afirma que, no episódio onírico, ela se identifica com a amiga porque esta última é desejada pelo marido. Trata-se, portanto, de uma identificação no eixo especular, como um outro semelhante, e se dá pela via de um desejo insatisfeito, porque a amiga (representante dela no sonho) não obtém a realização do desejo de comer salmão defumado - identificação pelo desejo insatisfeito da amiga. Lacan (1958) examina esta passagem de Freud em “A direção do tratamento e os princípios do seu poder”, no item “É preciso tomar o desejo ao pé da letra”. Neste texto, ele afirma que no sonho da açougueira espirituosa há a construção de uma metáfora, com um mais de sentido, porque o salmão defumado vem substituir o caviar. A açougueira adorava caviar e não se permitia comê-lo (para manter um desejo insatisfeito, segundo Freud), assim como a amiga também adorava

salmão defumado e não iria comê-lo, pois a açougueira não daria o jantar. Na metáfora, a produção de sentido positivo se faz na passagem do sujeito no sentido do desejo.

A açougueira espirituosa também se identifica com o marido, segundo Lacan e, neste processo, ela está fazendo uma pergunta sobre o desejo do Outro: “porque ele deseja a minha amiga, tão magrela, se ele gosta de gordinhas?” A Bela Açougueira se identifica com o marido na medida em que olha a amiga do ponto de vista do marido. Concluindo, a identificação histérica também é imaginária, pois pode-se dar com um outro semelhante, mas também é real pois ocorre na vertente da falta, evidenciada no desejo insatisfeito.

CAPÍTULO III

A SOBERANIA DA CLÍNICA

A seguir, é feita a descrição de cinco casos clínicos. Na investigação dos mesmos pretende-se tentar compreender a função que o álcool apresenta na singularidade de cada um dos pacientes, pois não é o álcool que provoca a dependência, é o sujeito que faz um certo uso

3.1 Alberto: Alcoolismo e histeria masculina

O pai era alcoolista e faleceu quando Alberto contava 11 anos. Alberto disse que começou a beber na juventude e passou a se exceder após o início de desentendimentos conjugais. Quando estavam ainda vivendo juntos, mas já se desentendendo, uma noite em que a esposa ameaça separar-se seriamente, acordou e não conseguiu se levantar da cama. Foi carregado para o hospital, fez exames e *não tinha nada*. Neste período, encontrava-se tão nervoso que, quando um chefe de seu setor de trabalho o irritou muito, Alberto começou a tremer violentamente, sendo necessário ser levado para casa. Apresentou também dois episódios de amnésia em estado de embriaguez nos quais ficou dois dias sem saber onde se encontrava. Num deles tomou consciência de si há várias dezenas de quilômetros de sua cidade.

A esposa começou a tratá-lo com descaso após alguns anos de casados. Alberto chegava do serviço e não recebia nenhum carinho porque ela só se preocupava em lhe pedir dinheiro. Ele sentia como se ninguém tivesse chegado em casa. Não queria se separar mas agora não deseja mais retomar o relacionamento. Deixou o apto. para ela, dá pensão, vê os filhos com frequência, contudo, mesmo assim, ela o irrita sempre que surge uma oportunidade. Um dia, ao deixar os filhos após uma visita, ela não permite que Alberto entre na residência para descansar. Ele pula o muro de tamanha irritação. Estava muito cansado. Neste dia, se embriagou muito. Reclama também dos filhos, que estão imitando o comportamento da mãe: só desejam vê-lo para pedir dinheiro e ainda reclamam se ele não pode comprar tudo o que querem. Está cumprindo pena alternativa – prestação de serviços à comunidade – porque, embriagado, efetuou disparos para o alto. *Mexeram* com ele quando estava em um bar, pois não é respeitado no logradouro onde reside. Disse que tentou, por várias vezes, cumprir a pena e não havia ninguém responsável pelo registro do seu cumprimento. Conta também de problemas com seus vizinhos de prédio, que fazem um barulho horrível; ele reclama e ninguém o atende. As crianças ficam fazendo algazarra no corredor, batendo na porta de sua casa e os pais não tomam providências.

Comecei a atender Alberto após alta de internação psiquiátrica. Havia bebido tanto que ficara deambulando na via pública, em meio aos automóveis. Estava muito entristecido e desamparado. Um dia disse que o pai, já falecido, bebia conhaque, cachaça e cerveja. Mais

adiante pergunto-lhe o que ele bebe. Repete: conhaque, cachaça e cerveja. Assusta-se com o que diz e fica pensativo. Interrompo a sessão.

Queixava-se com frequência de maus tratos no setor de trabalho, porque seus chefes não apresentavam a menor tolerância para com seus problemas. Fora transferido de quartel após a alta psiquiátrica e disseram que não tinham serviço para ele na nova unidade. Mas desejava muito trabalhar. Eleva a ingestão de álcool. Consegue resolver seus problemas no setor de trabalho com a ajuda da equipe. Com os atendimentos, interrompe o consumo de bebidas e começa a cuidar de si, fazendo exames e tratamentos médicos. Queixa-se ainda de problemas com uma colega de serviço, que fica fazendo coisas com o objetivo de irritá-lo. E diz: “Ela fala sem parar, como minha esposa”. As mulheres sempre o irritam muito facilmente. Conta que desenha muito bem mas que, atualmente, parou porque não tem tempo. Pretende voltar a desenhar quando se aposentar. Descobre que seus filhos têm o seu talento para o desenho. Volta a ter um bom relacionamento com eles. Pouco tempo depois, Alberto interrompe o atendimento porque recebia muitas críticas ao sair para tantas consultas. Havia parado completamente de beber. Não relatou nenhum encontro sexual ou amoroso durante o tempo em que foi atendido.

Na análise deste caso foram investigadas, principalmente, a histeria masculina e a identificação a um traço de gozo do pai. Em 1888, Freud afirma que a embriaguez pode propiciar o surgimento de histeria em homens suscetíveis e é listada como um dos fatores contingenciais de desencadeamento do ataque histérico. Alberto afirma que, por duas vezes, apresentou uma pseudoconfusão durante dois dias, após se embriagar e que, de outra feita, ficara deambulando na via pública, em meio aos automóveis, também após um episódio de intoxicação alcoólica. Estes quadros podem ser entendidos como um estar totalmente à mercê do Outro. Além disso, ele dá tiros para o alto em estado de embriaguez. Estas atuações também podem ser vistas como equivalentes a ataques histéricos, pois o álcool pode provocar a irrupção de crises histéricas como dito na fundamentação teórica (Freud, 1888). O quadro pseudoconfuso no qual Alberto esquece tudo o que fez, durante dois dias por duas vezes, trata-se de um quadro histérico. Freud (1893) descreve, em *Anna O.*, um número infindável de sintomas histéricos, dentre eles o estado sonambúlico e a amnésia, nos quais ela chega a esquecer a língua materna, já não sabendo mais falar o alemão, durante um certo período de tempo. A amnésia é produto do recalque. Na medida em que ocorre algo traumático -- uma

idéia inconciliável -- o sujeito tende a enviá-la para o inconsciente. Pode-se concluir que a idéia inconciliável, para Alberto, era a separação conjugal que ele, alcoolizado, conseguiu esquecer durante dois dias.

Ademais, Alberto apresenta conversões. A tendência a passar para o corpo as emoções inconscientes, com as quais o sujeito não consegue lidar, é tipicamente histérico. Alberto apresentou um violento tremor que o impediu de dirigir e trabalhar, tendo que ir para casa de ambulância, e uma paralisia que não lhe permite levantar-se e andar, após a primeira severa ameaça de separação conjugal. Esta passagem para o corpo é um grande enigma para a psicanálise, e é um desafio demonstrar como o corpo é feito de significantes e não apenas de carne e osso, pois há uma equivalência simbólica que faz com que o inconsciente engate no corpo. Segundo Freud, o que produz a conversão é a possibilidade de erogeneização de qualquer parcela do corpo; então, qualquer parte pode se tornar sede de histeria. E a conversão tem um aspecto simbólico, que deve ser investigado e tratado através da análise. O sujeito converte no corpo aquilo de que ele não consegue falar.

Dando continuidade ao debate sobre a estrutura histérica, Alberto, durante as sessões em que foi atendido, alguns meses, não relatou encontros amorosos ou sexuais. Ademais, as duas mulheres que aparecem na análise - sua ex-esposa e sua colega de trabalho – ele se refere a elas com irritação. Estes fatos apontam para uma certa aversão à sexualidade. A aversão ao sexo, como Freud (1905) afirma no Caso Dora, é o sintoma histérico por excelência, que permite afirmar o diagnóstico, pois a conversão é um fenômeno que pode ocorrer em outras estruturas. Na análise de Hamlet, na “Carta 71” (1897) e em “A Interpretação dos sonhos” (1900), Freud também se refere à aversão à sexualidade, sendo que, nestes dois textos, ele está se dirigindo a uma hipótese de histeria masculina, para explicar o fato de que Hamlet se afasta sexualmente de Ofélia, seu objeto de amor. A irritação com as mulheres, apresentada por Alberto, também pode apontar para um outro aspecto da histeria masculina, descrito por Quinet (2004), em sua análise de Hamlet como um caso de histeria masculina. Segundo Quinet, uma das características da histeria masculina é a transferência do ódio ao pai para a mulher. Ele aponta isto na relação de Hamlet com Ofélia. Ofélia e Hamlet (Shakespeare, 1995) estavam envolvidos amorosamente. Hamlet envia várias cartas de amor para ela e, depois, nega seu amor pois perde as coordenadas de seu desejo, em decorrência dos conflitos que estava vivendo. Termina o envolvimento com Ofélia que enlouquece e se suicida.

Por outro lado, uma das indagações principais na histeria é relativa à bissexualidade, à interrogação “sou homem ou sou mulher?” Segundo Freud, as fantasias históricas, que são fantasias sexuais, sempre estão por detrás dos sintomas e ataques histéricos, apresentando um lado masculino e outro feminino, a atividade e a passividade, como ele exemplifica em “Fantasias históricas e sua relação com a bissexualidade” (1908). Há uma condensação, uma identificação múltipla. Se o paciente se irrita tanto com as mulheres, isto pode ser porque ele não quer se indagar sobre a sua virilidade e enfrentar as dificuldades nas relações com as mulheres. A posição histórica aponta para uma dificuldade de Alberto em assumir um papel masculino nas relações amorosas. E o alcoolismo pode ser uma forma do sujeito histórico fugir a este enfrentamento da posição masculina, fazendo consistir uma relação ilusoriamente perfeita com o álcool.

Ademais, Freud, na “Carta 57” (1897: 330) afirma que:

“Nos pacientes histéricos reconheço o pai por trás de seus elevados padrões referentes ao amor, de sua humildade para com o amante ou da sua incapacidade de casar, porque seus ideais são insatisfeitos. Naturalmente, o fundamento disto é a altura desde a qual um pai olha com superioridade um filho”.

O fato do paciente ser maltratado pela esposa durante muito tempo e continuar se submetendo, pois foi ela que quis se separar, ele continuava querendo manter o casamento mesmo sendo diariamente maltratado, parece se relacionar a isto que Freud apontou acima: a humildade do sujeito diante da esposa que simboliza o pai para o sujeito.

Para concluir o tema da histeria masculina, examinamos um outro aspecto da mesma vinculado à impotência para o trabalho. Como o local onde foram atendidos os pacientes se tratava de um serviço relativo à medicina do trabalho, é importante analisar os sintomas apresentados pelos pacientes no que diz respeito ao desempenho regular de suas funções na atividade profissional. Encontrou-se freqüentemente alcoolistas com enorme dificuldade no desenvolvimento de qualquer função. A dificuldade era ainda maior quando havia uma coincidência entre o alcoolismo do paciente em conjunto com um diagnóstico de histeria masculina. Os alcoolistas obsessivos, se afastados da atividade fim, em virtude do alcoolismo, passavam a exercer funções internas com maior regularidade, tais como, de manutenção, pintura, ensino, etc., como se pode constatar em alguns casos. Contudo, na histeria masculina a questão do trabalho se problematiza ainda mais pois está diretamente relacionada à

impotência própria da histeria. Freud (1888) já afirmara isto, como vimos na fundamentação teórica, quando começa a investigar a questão da histeria masculina, a partir dos registros de Charcot. Charcot fizera referência aos grandes acidentes ferroviários nos Estados Unidos ocorridos no séc. XIX. As empresas ferroviárias se preocuparam em investigar porque um grande número de trabalhadores não conseguia retornar ao trabalho, porque eles continuavam a apresentar sintomas que os impedia de retomar suas atividades. Os sintomas não podiam ser explicados por um comprometimento físico decorrente dos acidentes. Constituíam as chamadas neuroses traumáticas que, na verdade, não passavam de neuroses histéricas em homens.

A seguir, é examinado o tema da identificação. No caso de Alberto, há uma identificação com o alcoolismo do pai, porque ele repete as mesmas palavras, quando diz do alcoolismo do pai e do seu próprio. Como se trata de um histérico masculino, pode-se entender esta identificação como um sucedâneo ao abandono do pai como objeto de amor. O investimento de objeto (pai) regride para a identificação e o sujeito passa a ser alcoolista como o pai. Além disso, pode ser uma modalidade do sujeito sustentar o desejo oral do pai. Assim como Dora, paciente de Freud (1905) que, ao descobrir que o pai era impotente, fantasia que ele tem relações sexuais orais com a Sra. K. e a partir de então constitui o sintoma da tosse. E pode ser também uma forma de se punir pela culpa pelo desejo proibido que tivera já que desenvolve um sintoma que é uma doença.

Soler (1991:90) nos afirma que as identificações são denunciadas durante o processo analítico. Ela também afirma: “em todos os casos o sujeito se identifica por um significante e a identificação está governada pela relação com o Outro”. Estes significantes – conhaque, cachaça, cerveja – ditos na mesma ordem e com a mesma entonação, pode-se dizer que são os significantes que denunciam a identificação ao pai? E eles significam algo no caminho de uma desidentificação, já que houve uma completa melhora no alcoolismo do paciente? Segundo Octave Mannoni (1994), a identificação é sempre inconsciente, em diferentes graus, e tomar consciência já significa a entrada em um processo de desidentificação. Por conseguinte, a identificação só se torna consciente senão na desidentificação, pelo menos em um movimento neste sentido. Segundo ele, os efeitos do tratamento analítico não são constituídos por um ensino, nem por uma aquisição de hábitos, mas pelos efeitos da desidentificação. E, se ela se torna consciente, já estamos, pelo menos, no caminho da desidentificação. Nada se pode dizer sobre a identificação, a não ser que já haja começado um

processo de desidentificação. A identificação funciona primeiro como uma resistência. Ela é “uma captura. Aquele que identifica talvez creia que está capturando o outro, mas é ele quem é capturado” (Mannoni, 1994: 196). No mesmo texto, Maud Mannoni *apud* Mannoni comenta que não basta que o analista diga ao paciente “você está identificado com fulano” para que essa identificação desapareça. O que o autor quer mostrar, pois toda a questão está aí, é o que acontece de operatório “quando o paciente se surpreende a si mesmo” (Mannoni, 1994: 192). Ele relata um caso em que a mãe do paciente nunca havia aparecido na análise. Um dia, o paciente se assusta, ao apertar o botão do apagador e afirma: “fiz o mesmo gesto que minha mãe”. A partir daí a mãe começa a ser assunto das sessões, pois ela não aparecia anteriormente. A identificação de alguma forma escondia a mãe. Octave Mannoni prossegue dizendo do destino da identificação. Quando há um processo de desidentificação, a identificação muda de lugar. Ela estava no nível do eu, do macaqueamento, da imagem; torna-se, então, um elemento do caráter ou do supereu. Exemplificando, deixa-se de imitar a mãe e se mantém, dela, algo de suas qualidades no caráter, algo ligado ao ideal.

No caso de Alberto, pode-se observar que ele se surpreende a si mesmo na identificação ao alcoolismo do pai. E há, com os atendimentos, uma mudança substancial em sua relação com sua modalidade de gozo oral, pois ele interrompe totalmente o abuso de álcool e volta a trabalhar. Tratava-se de um paciente com várias internações psiquiátricas por alcoolismo e longos períodos de licença. Indaga-se se pode ter havido um desfazer de nós de uma identificação ao pai, que permitiu a ele dar um passo em direção a uma desidentificação ou, o que ocorreu, foi apenas uma implicação subjetiva?

Por outro lado, é examinado, a seguir, um outro aspecto da identificação, aquela que resulta do luto. O falecimento precoce do pai de Alberto demonstra que o mesmo era um alcoolista grave. Segundo Freud (1923), a identificação faz parte do processo de luto, diante da perda de uma pessoa amada. O eu precisa incluir em si o objeto perdido, pois esta talvez seja a única forma do id aceitar abandonar o investimento objetal. Ao incluí-lo no eu, o id continua tendo para onde dirigir seus investimentos, ou seja, faz do eu seu objeto. No caso de Alberto, o pai falece. Por conseguinte, pode-se talvez concluir que, para Alberto, a identificação é ainda mais exacerbada pelo falecimento do pai, já que se tratava de um pai amado.

A respeito do ato de Alberto de dar tiros para o alto, pode-se fazer uma articulação com “Totem e Tabu” (Freud, 1913). Neste texto, Freud afirma que as leis se originam dos

tabus que, por sua vez, advém das pulsões humanas, que são identificadas aos demônios. Ele afirma que o incesto e o parricídio são desejos humanos, por isso é necessário que se crie uma proibição contra eles. Segundo Freud, a ordem é a seguinte: primeiramente, tem-se o desejo pulsional que passa a ser identificado com os demônios pelos povos primitivos. Em um segundo momento, torna-se tabu aquilo a que estes desejos estão relacionados. Estas proibições então se transformarão em leis na sociedade dita civilizada. O assassinato do pai é um desejo do menino, no complexo de Édipo positivo, pois ele é um obstáculo a seus desejos incestuosos dirigidos à mãe. Na medida em que o pai falece na realidade, a criança pode atribuir a sua morte a seus atos e se culpar. Com a dissolução do Complexo de Édipo a culpa se torna inconsciente e o sujeito passa a agir em conformidade com ela. São os criminosos em decorrência do sentimento de culpa, que vão passar a vida procurando circunstâncias que os faça expiar a culpa. Identificar-se com um traço mortífero do pai, tornando-se um alcoolista como ele, é uma forma de sofrer por este crime?

cumprianda em ,s que s?

muito grave e acabou vindo a falecer. Flávio gosta muito da companheira, única mulher a quem se afeiçoou, à qual considera-se poderosamente fixado. Pensa que ela é a responsável por esta fixação. Ela é mais velha do que ele. A companheira realmente parece se interessar demais apenas pelos proventos financeiros do paciente. Reclama sistematicamente do mesmo, denegrindo violentamente sua imagem. Além disso, supervaloriza-se e se coloca como vítima. Por outro lado, Flávio conta que, como policial, sempre trabalhou muito e gostava de seu trabalho. Dizia que o policial tem de se apresentar sempre como poderoso, corajoso, e terminava por beber para sentir-se assim. Este aspecto da virilidade, em sua faceta imaginária, de se sentir superpoderoso, é freqüente em casos de alcoolismo na polícia.

O pai era alcoolista grave e morreu. Sua mãe também faleceu e quando isto ocorreu ele ficou muito deprimido. Disse que estava tendo os mesmos sintomas que ela teve antes de morrer e conclui que irá junto com a mãe. O paciente está impotente, ocorrência típica do alcoolismo crônico. Quer colocar prótese peniana, mas só irá fazê-lo se a esposa quiser. Chora muito em virtude do abandono e maus tratos da companheira e também quando dizia de suas doenças e da perda da potência. Tudo piorara em sua vida, de dois anos para cá, exatamente quando seus problemas de saúde recrudesceram e sobreveio a impotência. Certamente o complexo de Édipo de Flávio foi vivido de forma a deixar traços duradouros em seu caráter, porque ele apresentava um grande cuidado com a mãe que provocavam ciúmes na esposa. Os cuidados com os pais na vida adulta podem ser vistos como uma resultante dos laços edipianos infantis. O ciúme da esposa denuncia a importância destes laços para o paciente.

A fixação na esposa é um traço que Melman (2000) encontra nos pacientes alcoolistas. E o uso que a esposa faz disto denuncia sua onipotência e o conhecimento desta fixação. Melman faz referência a estas questões quando diz da dificuldade do alcoolista no estabelecimento do laço transferencial com a equipe médica. Segundo Melman (2000: 122), esta resistência reside no fato de que a transferência do paciente é para com sua esposa.

“Com efeito, a dificuldade para suscitar uma transferência no alcoolista é apenas secundária em relação ao fato de esta já estar atuando nele antes de qualquer abordagem terapêutica e visando sua mulher de modo erotomaníaco.

O discurso e o apego que o ligam a ela não poderiam extraviar-se – e ela não se engana quanto a isto, gozando aí de sua onipotência. Do mesmo modo, qualquer relação, mesmo que exaltada na fraternidade homossexual, fracassa diante do inexorável desta fixação.

E mais, não é indiferente observar a disparidade subjetiva que sua relação imprime e esta onipotência, estranha, ávida, nunca saciada, e que, por

mais que ele queira se debater contra ou bater nela, segura-o sem que ele possa alcançá-la nem largá-la”.

Se Melman se refere à erotomania, ele está querendo dizer que o alcoolista se encontra submetido ao gozo do Outro. Não se trata de psicose, contudo o paciente parece submetido à sua companheira de uma maneira quase inexorável. Pode-se explicar esta submissão inexorável à esposa como um resto do parasitismo à *imago* materna, distinguida por Lacan em 1938, no complexo de desmame. Como evocado anteriormente, Lacan afirma que o apego excessivo às relações primordiais com a mãe pode induzir, no adulto, o suicídio gradativo resultante de adições orais. Por outro lado, neste caso pode-se ainda examinar a identificação como resultante de uma perda objetal, que é uma das principais características da identificação, a regressão do laço de amor a um traço incorporado ao sujeito. O amor se expressa no sintoma. Um dos caminhos da difícil renúncia ao objeto, que o id não quer aceitar. Isto pode explicar tanto uma identificação com o alcoolismo do pai quanto o fato de que, a partir da morte da mãe, o paciente começa a sentir dores no pescoço como ela sentira antes de morrer. Como toda identificação se faz por um traço, o traço de identificação com o pai pode ser o alcoolismo e de identificação com a mãe pode ser indicado pela dor no pescoço.

Contudo, esta identificação de Flávio com a mãe, ao apresentar os mesmos estados de doença que ela teve ao falecer, é vista por Freud, sob um outro aspecto, no “Rascunho N” (1897). Freud, neste texto, está analisando a existência de impulsos hostis contra os pais (desejos de que eles morram) como um elemento integrante das neuroses. Estes impulsos são recalcados nas ocasiões em que está ativa a compaixão pelos pais, por ocasião de doença ou morte deles. Nestes episódios constitui manifestação de luto uma pessoa punir-se de forma histérica (por intermédio da idéia de retribuição) com os mesmos estados de doença que eles tiveram. A identificação, neste caso, segundo Freud, nada mais é do que *um modo de pensar* e não nos exime da investigação de sua causa. Então, seguindo a orientação freudiana, deve-se procurar a razão que levou o paciente a apresentar impulsos hostis recalcados dirigidos à sua mãe, que se manifestaram nestas identificações. De estudos anteriores sobre o Complexo de Édipo, é de conhecimento que a hostilidade dirigida a um dos genitores se deve ao fato de ele deve ter sido situado como obstáculo, para a consecução de um desejo sexual, do qual o outro genitor é objeto. Flávio então, deve ter apresentado um investimento amoroso para com seu

pai, e uma atitude de rivalidade para com sua mãe, sentimentos estes que foram recalçados no final do período de desenvolvimento sexual que precedeu o período de latência. Freud também diz, no “Rascunho N”, que os impulsos hostis na neurose obsessiva normalmente desembocariam numa melancolia. Sendo assim, diante de tantos sintomas corporais, tantas conversões, que são sintomas típicos da neurose histérica, somando-se ainda esta identificação histérica e esta posição feminina diante do pai, pode-se caminhar no sentido de uma interrogação sobre uma possível histeria masculina como o diagnóstico de Flávio. Ademais, pode-se levantar a hipótese de que a mulher de Flávio está no lugar do pai, ao qual o sujeito se submete de forma masoquista. Como citado acima, Freud (1897) afirma, na “Carta 57,” que ele reconhece o pai por trás de certas relações de sujeitos histéricos com suas parceiras. Uma das características destas relações é a humildade diante do parceiro e que isto se deve à altura desde a qual o pai mira o filho.

Em virtude dos pacientes serem policiais, é conveniente analisar ainda alguns aspectos relativos à agressividade. Para Abraham (1908), aquele que não bebe demonstra fraqueza, pois o álcool é associado à virilidade, sendo uma questão de honra para o homem, uma forma de criar reputação. A necessidade de demonstrar coragem a qualquer preço e a exigência de se sentir super poderoso no trabalho, foram estabelecidos por Flávio como a causa do seu alcoolismo. E ele afirma que gostava muito do seu trabalho. Sabe-se que esta questão da virilidade, de um homem completo, situa-se na ordem imaginária, e o registro imaginário é o registro que explica a agressividade estrutural do ser. Na instituição policial, o sujeito está submetido à tirania da imagem. É preciso se mostrar inteiro, forte, para ser respeitado. Não se admite qualquer tipo de doença, tudo sendo visto como sinal de fraqueza. Assim, o álcool é utilizado para combater o mal estar proveniente destas exigências e também como uma forma de “tamponar” a castração. O histérico pode buscar a instituição militar como uma forma de afirmar a sua virilidade, já que, por estrutura, ele se questiona sobre a mesma. E, para suportar as exigências militares, o sujeito pode se envolver por adições orgânicas e mortíferas, e perder as coordenadas do seu desejo.

Segundo Abraham (1908) o alcoolismo reduz as inibições porque é capaz de desfazer qualquer modalidade de sublimação. Em seu estudo, “Relações psicológicas entre sexualidade e alcoolismo”, Abraham descreve minuciosamente várias maneiras em que o álcool promove a queda de sublimações, buscando o reverso do que exige a civilização. Um dos aspectos é o

policial é um profissional que, pela natureza do trabalho, exerce a violência legal. Mas isto, para o sujeito do inconsciente, não se faz sem conseqüências. Freud (1933) ainda afirma em “Por que a guerra?” que ele e Einstein eram pacifistas em decorrência de sua cultura. Pois esta caminha contra a violência, contra a manifestação pulsional não sublimada, e constitui uma das poucas esperanças de enfrentamento das ameaças que a pulsão de morte designa para a sociedade humana. Para se entender um pouco mais a questão da prática da violência legal ou abusiva e a culpa correspondente, em pacientes policiais alcoolistas devemos lembrar um caso de um paciente muito jovem. Este policial contava menos de 30 anos e já apresentava alcoolismo muito grave. Relata como causa de seu alcoolismo o seguinte fato: fizera sua inclusão na Polícia e fora trabalhar em uma pequena cidade onde imperava a marginalidade. Para recuperar a ordem pública, seu grupamento começa a utilizar medidas de violência abusiva. Imediatamente após iniciar estas práticas ele passa a apresentar insônia, pois não consegue parar de pensar no que fizera a cada dia de trabalho. Para conciliar o sono, passa a ingerir bebidas alcoólicas que, gradativamente, levam-no a apresentar um quadro de dependência gravíssima e muito precoce. Em vários casos encontra-se a culpa como causa do alcoolismo, em virtude da violência vivida no trabalho, de forma justa ou injusta, real ou fantasiada, ativa ou passiva. Pois o sujeito, se ele não paga a culpa de forma legal ele a faz na vida. Temos um outro caso em que o paciente relata que, trinta anos antes, estando muito angustiado por ter sido abandonado por uma mulher que muito amava, participara de uma ocorrência na qual “fuzilara” muitas pessoas. Entendemos que, no seu íntimo, ele matara naquelas pessoas a dita mulher. Três décadas depois, ao ser atendido, considera que esta ocorrência foi a causa de seu alcoolismo. Ele foi “protegido” e não teve a oportunidade de responder na justiça pelo seu ato. Para o neurótico, a prática da violência, mesmo legal, remete a conteúdos recalçados e o supereu cobra o seu preço através da exacerbação da culpabilidade. Como as práticas violentas, ou seja, a cultura do ato, fazem parte do cotidiano dos policiais militares, este aspecto talvez seja uma das grandes questões no que diz respeito aos estudos sobre as causas do grande índice de alcoolismo entre policiais.

3.3 Anderson: Alcoolismo e neurose obsessiva

Anderson é casado, tem um filho e sua esposa está grávida. É um sujeito extremamente ansioso, deambulando de um lado para o outro em todo lugar, sem parar. Ele chega pela primeira vez a um serviço de urgência hospitalar, desesperado, considerando que poderia ter contraído uma doença sexualmente transmissível em decorrência de um único contato sexual, sem o uso de preservativos, com uma prostituta. Sua esposa estava na casa de parentes, ele saiu com amigos, se embriagou e passou a noite com uma profissional do sexo. Anderson, funcionário exemplar, não consegue ir para o trabalho no dia seguinte e, em forte crise de angústia, busca atendimento. É um funcionário *nota dez*, cumpridor à risca dos horários e dos deveres, o primeiro em tudo o que faz. Com os atendimentos, constrói sua história e recorda. Começou a se embriagar quando tinha um ano de trabalho. Havia ido a uma ocorrência de suicídio na qual um colega muito próximo morre afogado, na tentativa de resgate de um corpo. Este colega era de sua idade, trabalhava diretamente com ele desde que entraram para a instituição, ou seja, quase ele mesmo. A partir deste dia, passou a se embriagar para conciliar o sono e en(6(enthav[(em)8. pâ únic(tira vee que pcisthavs ate teaom um)8.4(e

efetivamente correu, e “bebeu” muita água. Até hoje gosta muito de mergulhar, acha gostoso, relaxante. Estas associações foram sendo feitas sucessivamente. Após produzi-las, houve uma mudança radical em seu estado de angústia.

Anderson considera que nunca atingirá o nível do pai mas, ao mesmo tempo, quer ser sempre excelente em tudo o que faz e sempre consegue. Conta de pesadelos que tem tido. Um deles: seu carro batendo (Pá!). Um sonho rápido, no qual tromba com o impossível e se relaciona à sua angústia e agitação, pois em virtude delas faz tudo muito rápido. Associa com a morte, considerando que possa ser um aviso e fica muito assustado. Apavora-se fácil e frequentemente. Afirma que é muito ansioso, desesperado, quer fazer sempre o melhor e o mais rápido possível. Considera que tem necessariamente de passar em provas em primeiro lugar e articula isto ao pai. A esposa considera que Anderson passou a beber muito mais após o nascimento do filho, com quem o paciente não se dá assim muito bem. Antes, o que ele bebia não a incomodava. O pai da esposa de Anderson era alcoólatra e ela ameaça separar-se se ele não parar de beber. Sobre o filho, ele diz pouco. Apenas que o menino já estava parecendo um militar (como o próprio paciente) e se apavorava, temendo estar educando-o mal.

A mãe é muito religiosa e aparece pouco em suas colocações. O pai se envolvia com outras mulheres. A mãe permanece na posição de vítima do pai. Ele temia que se separassem na infância. Conta ainda que, quando criança, numa festa em sua casa, ele (Anderson) sai bebendo restos de bebida alcoólica dos copos deixados pelos adultos. Fica muito embriagado e vomita muito. Nesta época ele diz que até sua mãe bebia. Afirma, ainda, ter tido uma experiência de enurese, um dia que dormia na cama de seus pais. Após um ano de atendimento, Anderson interrompe mas ainda comparece em algumas poucas sessões. Afirma que estava bem mas que estava muito ocupado fazendo o curso no qual passara, bem classificado, mas não em primeiro lugar “por minha culpa”. Quanto à bebida, conta que estava bebendo, mas de modo controlado, pois diminuía sensivelmente. Anteriormente, seu uso era compulsivo e não interrompia enquanto não tomava a última garrafa que tivesse em casa.

Na construção do caso de Anderson examinaremos a neurose obsessiva. Ribeiro (2003) afirma:

“O obsessivo crê no pai, crê no traço identificatório tomado do pai, e portanto crê nas palavras, crê no pensamento, e é a partir dessa crença que

combate o desejo. O desejo é contra a lei, incestuoso – o desejo proibido pela mãe inclui o desejo da morte do pai. O obsessivo, submisso, se identifica ao traço tomado do pai (identificação simbólica), mas também se identifica imaginariamente ao pai, cujo lugar quer ocupar. E é a partir daí que a culpa cobra seu preço”.

O traço identificatório ao pai, ao qual Ribeiro se refere, está vinculado à Lei do Pai, ao interdito. Se a mãe de Anderson aparece pouco em sua análise pode ser em virtude do recalque, que se produz através do deslocamento do seu valor emocional para outro conteúdo qualquer. Mas ele tinha enurese na cama dos pais, o que parece indicar o desejo incestuoso pela mãe. Na fundamentação teórica foi feito um resumo sobre o processo de constituição do sintoma obsessivo. Anderson é um exemplo de quase todo o repertório da neurose obsessiva descrito naquele texto. Pode-se entender a experiência traumática sexual como o enleio incestuoso dirigido à mãe. Ademais, a escrupulosidade está compreendida na exigência excessiva que o paciente tem consigo. Além disso, ele apresenta alto nível de ansiedade e de hipocondria (medo de ter contraído uma DST) que resultam do temor da autocensura e dos efeitos corporais dos atos pelos quais se culpa. Por fim, ele desenvolve um dos sintomas secundários obsessivos descritos por Freud: a compulsão a beber. Na compulsão a beber observa-se a presença mortífera da compulsão à repetição, que é o principal problema em toda clínica. O paciente apresenta uma compulsão a beber que se articula com crises de ansiedade diante dos problemas com o filho, com a esposa, com o trabalho e com a morte do amigo. E, por fim, com o desejo e a culpa que surgem no encontro sexual com a prostituta.

Por outro lado, podemos articular as crises de angústia a desejos sexuais recalcados, pois a ansiedade corresponde a um afeto sexual que não se efetivou. Assim, a angústia nos sonhos deve ser substituída por excitação sexual não realizada, recalçada ou reprimida. O paciente apresenta uma ansiedade intensa e também pesadelos que lhe provocam muita angústia. A crise mais forte ocorre após a noite em que passa com a prostituta que deve ter-lhe causado muita culpa em virtude do grande prazer que deve ter sentido. Na medida que o filho nasce ele precisa beber ainda mais porque sua esposa, tendo-se tornado mãe, remete ainda mais à própria mãe. O que deve ter feito com que aumentasse a sua ansiedade também em virtude da redução do prazer sexual com esposa e o medo da castração.

Nos seus desenvolvimentos sobre a vida sexual infantil, Freud descobre que a experiência sexual traumática se desenvolve em torno do amor aos pais e propõe o conceito

de Complexo de Édipo, sobre o qual faz um longo comentário em “O ego e o id” (1923), que também foi apresentado acima. Então, pode-se interpretar um aspecto notável da relação de Anderson com o pai, no sentido do Complexo de Édipo. Por que Anderson não poderia aceder a um posto em sua carreira que ultrapassasse, ou pelo menos fosse igual, àquele atingido pelo pai? O concurso que ele faz, para subir na carreira, o impede de chegar ao posto do pai. Entende-se este fato como uma tentativa de interdição, de nunca poder vir a ocupar o lugar incestuoso, o lugar do pai na cama da mãe. Assim como Hamlet, que só consegue matar o tio depois da morte da mãe, pois, antes da morte da mãe, se Hamlet o matasse, o caminho para o incesto estaria aberto. Desta forma pode-se interpretar o que Freud desenvolve na “Carta71” (15/10/1897) e em “A interpretação dos sonhos” (1900) sobre Hamlet.

Freud afirma que o homem dos ratos, apesar de ser um homem culto era muito supersticioso, apresentando uma “religião particular”. Freud conclui que os obsessivos, em geral, possuem esta característica de crer em rituais, nos poderes mágicos das palavras e em sonhos proféticos. Os rituais são uma modalidade de defesa e de proteção contra o surgimento de conteúdos sexuais recalcados, ou atos de penitência por prazeres sexuais secretos. Freud afirma que os atos mágicos revelam a onipotência dos pensamentos do sujeito, resquícios da onipotência infantil que, por sua vez, estaria vinculada à crença que o obsessivo possui na infância, do poder dos pais, da onipotência dos mesmos. Interpreta-se nesta direção o fato de que Anderson, ao ter um pesadelo com uma batida de carro, comece a pensar que é um aviso de morte.

Como um obsessivo, Anderson trabalha para o Outro, numa submissão diária. É um profissional exemplar, escrupuloso, pontual e assíduo, escravo do regulamento. A desculpa é que é escravo do regulamento para não ser escravo do homem, terminando, ao final, escravo do regulamento e do homem. Por outro lado, quando tem um encontro sexual com a prostituta, surge o desejo que traz consigo toda a sua coorte de sentimentos de culpa e autocensura, levando à explosão de uma nova obsessão (hipocondríaca, como foi dito acima): “estou com uma doença sexualmente transmissível grave! Vou morrer!” Neste episódio e em muitos outros, tem-se um outro elemento da neurose, sobre o qual o obsessivo se debruça: a morte. Segundo Ribeiro (2003), a morte é a grande figura da castração contra a qual o obsessivo luta. O obsessivo utiliza-se de todas as estratégias para ludibriar a morte. Um obsessivo pode sofrer intensamente pelo medo da morte da pessoa amada. Trata-se de uma idéia substitutiva, para a representação inconciliável, que provocou gozo e culpa. Porém, a

representação inicial também veio acompanhada do medo de ser morto pelo pai, por ter desejado a mãe. Por conseguinte, a idéia substitutiva é uma forma de desviar a vingança paterna.

Nesta questão da morte há um outro aspecto da compulsão à repetição. O amigo de Anderson morre afogado, como ele mesmo quase morrera na infância. O fato de recordar estes acontecimentos – tanto do afogamento do amigo, quanto de seu afogamento, provavelmente recalcado - pode ter levantado a barreira do recalque e proporcionado reatar os laços entre os dados de sua memória, propiciando um alívio na compulsão a beber. O sujeito faz suas identificações a partir de significantes quem vêm do campo do Outro. No caso de Anderson existem três significantes que se repetem: “relaxante”, “beber” e “mergulho”, que remetem à mesma experiência traumática infantil, de risco de vida, que envolve a ele e ao pai. E esta cena se repete com um novo trauma, o afogamento do amigo, um outro semelhante, que se associa à sua própria morte. É este episódio que Anderson pontua como causa do seu alcoolismo. Na medida em que recorda e elabora, reduz-se a angústia e melhora consideravelmente. Ele tenta decifrar, faz muitas ligações significantes importantes, provavelmente anteriormente recalçados. Há também um efeito sobre os mandamentos do supereu, os ideais que lhe exigiam sempre o primeiro lugar, como o pai. Algo ocorre na identificação ao pai, porque ele consegue não se submeter tanto aos ideais de ser o um ou, pelo menos, algo opera sobre a fantasia. E, por adição, a idéia obsessiva de ter contraído uma doença grave desaparece completamente.

O paciente sem dúvida se identifica com o pai. Existem, neste caso, dois aspectos descritos por Freud em “Psicologia dos grupos e análise do eu”. Este menino quis ser como o pai, teve o pai como modelo, fazendo uma identificação simbólica ao pai da lei, porque se trata de uma neurose. Mas se a lei do pai é apaziguadora ela também traz consigo a vertente do supereu, o imperativo de gozo. E ao assumir a posição de pai quando nasce o filho, recrudescer a exigência superegóica ideal de ser como o pai. Ele afirma que nunca conseguirá ser como seu pai. Um imperativo que também lhe exige ser como o pai, trabalhar como o pai, ser um herói como o pai, mas ao mesmo tempo sabe que ele nunca será como ele. Os significantes beber, mergulho e relaxante denunciam a identificação. Se a identificação o faz também trabalhar como o pai, poderia tratar-se de uma identificação com um traço que talvez seja menos mortífero do que o alcoolismo. Por outro lado, por ser uma exigência ideal reforça as exigências superegóicas, pois o pai profissionalmente é irretocável. E estes mandamentos,

de ser o primeiríssimo, convocam também o álcool como uma forma de lidar com a exigência devastadora do supereu. Assim se pode entender a posição de Ernest Simmel sobre o alcoolista: “o supereu é dissolúvel na álcool”, segundo

Conta que quando estava no serviço e bebia achava que estavam fazendo um jogo com ele. Que mandavam-no subir e descer as escadas, fazer alguma coisa sem motivo. Também, quando estava no bar, se alguém o olhava ele ficava irritado e arrumava briga, perguntava porque o *cara* estava olhando tanto. Mesmo sem beber, achava que todos o estavam olhando, o vigiando, dizendo que ele não sabia trabalhar direito. Conta ainda que havia multado um conhecido, e que este homem começou a persegui-lo, a ameaçar matá-lo. Era um homem muito violento, que também maltratava muito a esposa. Ele ficou com muito medo. Temia por sua vida também porque estavam matando muitos policiais. Estava sempre muito apreensivo. Um dia sonhou que estava presenciando um assalto e acabou disparando contra si mesmo, em seu braço. Quanto à vida afetiva e sexual nunca falou sobre a mesma espontaneamente. Ao ser indagado, disse que teve apenas um namoro que durou um ano e terminou porque a namorada era muito ciumenta. Teve outros relacionamentos sexuais passageiros, sem envolvimento

Trata-se de um paciente psicótico. Tem-se a presença do olhar, enquanto objeto *a* pois ele se sente vigiado pelo Outro. Os indícios de delírio de perseguição encontram-se no fato de sentir que estavam fazendo um jogo com ele, no homem que pretende matá-lo em virtude da multa, e de que muitos policiais estavam sendo mortos. Sente-se basicamente olhado pelo Outro, que o mira para matá-lo. O medo que sente, que até provoca a sua internação, a pedido, possui o estatuto de um delírio: se interna para se proteger do Outro pelos muros do hospital. O muro o separa, o protege do olhar do Outro perseguidor que o faz de juguete. A questão do olhar se encontra ainda nos bares, quando se sente mirado pelo Outro. A bebida, pode-se supor que tenha tido, durante alguns anos, o estatuto de suplência do Nome-do-Pai. Um sintoma na psicose, como quarto nó, para não deixá-lo surtar completamente. Após a sua inclusão na polícia, não consegue mais mantê-lo estabilizado pois, a instituição policial, em si, aumenta a presentificação do Outro do olhar que vigia e pune. A polícia é um representante do supereu, do objeto *a* em sua vertente escópica.

Desde Freud (1900) sabe-se das relações entre vida onírica e loucura. Os sonhos podem ser equivalentes de sintomas psicóticos, podem ser um primeiro indício de desencadeamento, antes que qualquer fenômeno ocorra na vida de vigília. No caso, o paciente sonha que está sendo assaltado. Este fato pode ser visto como um delírio de perseguição. Além disso, o delírio de perseguição pode ser muito plausível, o que parece ser o caso do paciente, pois todos os fatos de conteúdo persecutório que ele teme, frequentemente ocorrem,

e podem até ter realmente ocorrido. Contudo, o paciente se deixa transtornar de uma forma que os fatos reais não justificam.

A questão do pai pode ser analisada de distintos ângulos. O pai com certeza não exerceu a função paterna, não o separa do gozo da mãe. É um filho que recebe cuidados excessivos, mimos da mãe que até o deixam doente na infância. A mãe também não exerce a função paterna. O fato de vir no lugar de um filho que morreu também reforça o gozo da mãe sobre ele. Ademais, o pai não é um homem que protege, é um pai que espanca, que não transmite de maneira alguma e talvez nem a tenha recebido, pois o avô parece ter sido também um fazendeiro muito violento. O alcoolismo é uma herança na linhagem familiar do pai, muitos tios, irmãos. Talvez Ricardo utilize o alcoolismo como um primeiro recurso identificatório especular, numa suplência imaginária. O pai transmite um modo de gozo e não a castração. Ricardo parece se identificar imaginariamente a este modo de gozo, pois nada de mais importante se ressalta deste pai, além do alcoolismo, a não ser a violência e, quem sabe, a psicose. Não se trata de uma identificação simbólica, pois Ricardo não tem a identificação ao pai no sentido da função paterna, do Nome-do-Pai. Apresenta apenas uma identificação imaginária, um bengala imaginária. O que se tem é um recurso identificatório a um modo de gozo que explica a gravidade do caso e sua relutância em parar de beber pois o álcool faz um papel ortopédico do Nome-do-Pai. Além disso, seu pai não exerce a função paterna ainda mais o sujeito não consegue barrar o gozo do Outro e as características do pai retornam de um outro lugar, de um modo avassalador sobre o sujeito, como ocorre na melancolia, em que o sujeito se torna o objeto e não apenas se identifica a um traço do objeto.

CONCLUSÕES FINAIS

As conclusões desta dissertação dão ênfase à histeria masculina, como será melhor explicitado adiante, pois este foi o aspecto escolhido para o aprofundamento da pesquisa. Contudo, outros aspectos importantes da causalidade do alcoolismo em policiais militares foram constatados nesta pesquisa e precisam ser registrados, devendo vir a ser objeto de um futuro estudo, pois talvez sejam as principais causas. Estes outros fatores se referem à violência do trabalho e, são eles:

- a culpa decorrente da prática da violência policial, legal ou abusiva, de forma ativa ou apenas assistida. A cultura do ato deixa marcas importantes na vida psíquica dos sujeitos, provocando uma série de distúrbios, dentre eles o alcoolismo;
- a necessidade de recorrer a uma virilidade imaginária, para se sentir super poderoso, no ambiente intra-institucional e no atendimento às ocorrências, talvez em virtude da falta de condições de trabalho mais adequadas, ao risco de vida e do receio de demonstrar qualquer tipo de falta;
- o sofrimento psíquico em virtude dos traumas que sempre retornam à lembrança compulsivamente, resultantes do atendimento às ocorrências de alta complexidade: embates com marginais, desabamentos, salvamentos, suicídios, acidentes rodoviários, etc, onde o policial socorre adultos e crianças muito feridos e mortos ;
- e, enfim, o mal estar decorrente do sistema militar, baseado na rigidez da hierarquia e no rigor da disciplina, em que se presentifica o discurso do mestre e o olhar onipresente de um supereu para vigiar e punir, elevando a angústia persecutória.

Retornemos, então, à histeria masculina, aspecto que privilegiamos nesta dissertação. Na histeria masculina há um papel preponderante do pai do gozo. Na histeria masculina o pai da lei está presente, mas também o pai do gozo. Esta pesquisa partiu da investigação da possibilidade do alcoolismo dos pacientes ser causado por uma identificação ao alcoolismo crônico apresentado por seus pais. Isto porque a maioria dos pacientes atendidos, também tinham o pai alcoolista grave. O que o psicanalista poderia dizer sobre esta constatação? Como isto pode ocorrer, ou seja, o alcoolismo dos filhos como um sucedâneo ao alcoolismo dos pais? No levantamento teórico observamos que, na neurose, o romance familiar infantil se “resolve” através das identificações, já que o sujeito passa a apresentar sintomas que foram

buscados nas figuras parentais abandonadas, após o naufrágio do complexo de Édipo. Ou seja, o sujeito do inconsciente, que é o que comanda o ser, se constitui através das identificações, dos S1s tomados no campo do Outro. Ademais, sabemos que a identificação é parcial, se faz por um traço único, segundo Freud. Lacan retoma o traço único de Freud e acrescenta que a identificação se dá pelas leis do significante, pelo traço que ele passa a denominar 'unário', constitutivo do sujeito. O desapontamento amoroso infantil se expressa em um sintoma, que herda um traço do objeto. O sujeito se paramenta num sintoma que homenageia o objeto de satisfação renunciado. Como esta identificação pode-se dar na histeria masculina? Observamos que a identificação ocorre como um sucedâneo do desejo, como uma identificação regressiva a um traço de um pai investido pelo filho e depois renunciado como objeto. Ou seja, o pai do paciente, desejado por este filho, é alcoolista. O paciente, ainda criança, durante o desenvolvimento de sua sexualidade infantil, no complexo de Édipo, desenvolve uma relação de objeto com este pai, na qual se coloca numa posição passivo-masoquista, de submissão a ele. Contudo, esta posição desejante é proibida pelo tabu do incesto, segundo Freud, produzindo um conflito no sujeito. Segundo Lacan, esta realização desejante é impossível, porque o objeto está desde sempre perdido, na medida em que o sujeito entra nas leis da linguagem. É a lei da fala que constitui a lei da castração. Há algo que se perde para sempre, pois o significante em si representa uma ausência, uma falta, a castração. Por conseguinte, retornando a Freud, o sujeito se depara com a ameaça de castração, condição *a priori* de ser amado pelo pai. Neste momento se define a estrutura. Se o sujeito aceita a interdição paterna e desiste de sua posição de amor ao pai, o Complexo de Édipo se efetiva, os desejos são recalcados e substituídos pelo sintoma.

Assim, aquilo que era uma identificação primordial ao pai gozador que prepararia o complexo de Édipo se incorpora no significante do Nome-do-Pai. Por conseguinte, vários pacientes renunciam a esta satisfação sexual com o pai, pois são sujeitos neuróticos, em que a identificação ao Nome-do-Pai está presente. Contudo, se, inicialmente, o menino havia tratado o pai como modelo, na vertente do ideal do eu, um pai idealizado, um pai do amor, este pai do ideal do eu também possui a face do pai primevo, do pai da horda primitiva, que submete o filho ao seu gozo. Um pai hipnotizador, que é colocado no lugar do ideal do eu. Nestes casos, há uma conjunção entre o ideal do eu e o objeto *a*, em que olhar de amor do pai I(a) está efetivamente unido ao olhar do supereu enquanto objeto *a*, que vigia o sujeito. Todavia, se o Édipo cumpre a sua função de interdito, esta primeira forma de identificação se completa na

dissolução do Complexo de Édipo, e o pai assume a sua posição simbólica, deixando de ser do gozo para assumir a função de lei, não se apropriando do filho enquanto objeto de seu uso privativo e terrificante. Impõe a si mesmo um limite, que também será respeitado pelo filho. Se o Édipo não faz obstáculo, o filho permanece na identificação ao pai enquanto Coisa, enquanto um representante da mãe.

Por conseguinte, o sujeito neurótico renuncia a este objeto de investimento libidinal. Como isto ocorre? Para renunciar a este objeto ele precisa escolher um traço deste pai com o qual se identificar, para que o id aceite esta renúncia objetual e conserve de alguma forma esta relação de objeto, fazendo agora o eu de objeto, garantindo o recalçamento. Pois nenhum sujeito abandona nenhuma forma de gozo, o que ele consegue é fazer apenas uma

supereu. Ou seja, o sujeito aproveita para se punir através do alcoolismo. Além disso, ele também tenta, pela embriaguez, *embebedar* o supereu, se fazer de *ficar livre* do supereu através do amortecimento produzido pelo alcoolismo, que lhe permite passar sob a barra do recalque e recuperar fontes de prazer antes inibidas. Contudo, isto é um engodo, pois o supereu continua impedindo o sujeito de se exercer enquanto desejante, já que ele não bebe porque quer, ele se embriaga porque se mantém capturado, alienado, submetido a uma identificação regressiva, já que a identificação é uma alienação no campo do Outro, como se disse anteriormente. É um ato compulsivo, uma escolha forçada e não um beber por um prazer proveniente da libido. O sujeito não bebe porque quer, mas pela determinação da injunção de um S1 proveniente do Outro. Um imperativo de gozo oral proveniente do supereu.

Ademais, por que é tão difícil parar de beber, como se observa nos casos clínicos? Houve um caso em que foi descrito o óbito de um paciente. Segundo as palavras de Freud, o bebedor crônico tem uma grande dificuldade de parar de beber porque uma decisão só consegue ser levada adiante se nascer de uma forte corrente da pulsão de vida, de Eros. E a decisão do alcoolista tem origem em um mandamento do supereu, aquele mesmo que lhe determina, por injunção identificatória, que ele beba. O supereu obriga o sujeito a beber e depois pune e exige que o sujeito interrompa esse modo de gozo. Ele comanda a ingestão e depois provoca um sentimento de culpa por este ato e a culpa aumenta a cada novo e diário embebedar-se. Por conseguinte, trata-se de um ato sem saída, para um sujeito que anda em círculos, enredado em um gozo além do princípio do prazer. E como o pai destes pacientes, em geral, também apresenta uma deficiência em seu projeto viril, não deixam como herança um limite apaziguador para este filho. Se o Outro não existe, o alcoolista que tem um pai também adicto em álcool, mais do que os outros neuróticos, não conta com um pai real que responda com uma virilidade organizadora, que conduza o desejo da mãe, que consiga separar o filho do parasitismo ao gozo oral vinculado ao Outro materno..

Por outro lado, por que se aventa a hipótese de que estes pacientes tenham escolhido o pai como objeto de investimento amoroso? Porque, nesta pesquisa, se levantou a hipótese na presença de casos de histeria masculina, pacientes que apresentavam um grande número de sintomas conversivos e de outras características propriamente histéricas, como a bissexualidade inconsciente e a escolha de amor ao pai na infância, que é típica da histeria masculina. O que também dificulta ao sujeito assumir uma posição viril diante da mulher e

fazer suas escolhas sexuais. Assim, o alcoolismo crônico pode ser uma manifestação externa de uma dificuldade sexual latente do sujeito diante das dificuldades de laço com uma mulher. E, para concluir, diante de todas as questões que envolveram esta pesquisa no que diz respeito ao supereu, terminamos esta dissertação com a seguinte interrogação: e afinal, o que é o supereu?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAHAM, Karl. As relações psicológicas entre a sexualidade e o alcoolismo (1908). In: *A direção da cura nas toxicomanias*, revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre. Porto Alegre: APPOA, no. 24, 2003.
- ALBERTI, Sônia. “O sintoma, a toxicomania”. *Stylus*. Rio de Janeiro, n.6, p. 50-56, 2003.
- _____. Transcrições de aulas da Pós-graduação em Psicanálise e Mestrado da UERJ. Rio de Janeiro: 2003/2004.
- _____. “O adolescente e o Outro”. Notas de palestra proferida em Belo Horizonte. 17/09/04. EPCL - Fórum BH.
- ALVARENGA, Elisa. “Fissura e crise”. In: *A fissura na clínica das toxicomanias*, 17ª Jornada do Centro Mineiro de Toxicomania. FHEMIG, outubro de 2004, p. 10-16.
- BAHIA, Idálio Valadares. Notas de reunião clínica sobre um caso de alcoolismo na EPCL- Fórum BH, em 06/10/2004.
- BRUNO, Pierre e cols. “1886-1986: La histeria masculina”. In: *Histeria e obsesion*. Buenos Aires, Manantial: 1986.
- CHEMAMA, Roland. *Dicionário de Psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- CORREA U., Jorge Enrique. *De Freud a Lacan, el Presidente Schreber*. Medelín: Editorial No Todo, 2003.
- COSTA, Regina Teixeira da. “Alcoolismo e vida social – estratégias do sujeito alcoolista para exílio da vida social”. Belo Horizonte: Dissertação de mestrado no Depto. de Psicologia Social da FAFICH – UFMG, 2000.
- COUTINHO JORGE, Marco Antonio. *Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.
- DIAS, Lícia Mara. “Três momentos lógicos da identificação”. *Transfinitos*. Belo Horizonte, ano 2, no. 1, p. 35-41, 2000.
- DRUMMOND, Maria Cristina Paixão. “A identificação ao traço”. *Curinga*. Belo Horizonte, n. 3, p. 25-27, 1994.
- Ferenczi, Sándor. “O papel da homossexualidade na patogênese da paranóia (1908-12)”. In: *Obras Completas, Psicanálise*. São Paulo, Martins Fontes, 1992, v. I, p. 155-171
- FINGUERMANN, Dominique. “A temporalidade do sujeito”. *Stylus*. Rio de Janeiro, n. 8,

p. 11-17, abril de 2004.

- FLORENCE, Jean. “As identificações”. In: *As identificações na clínica e na teoria psicanalítica*. Maud Mannoni et al. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.
- FREUD, Sigmund. “Histeria (1888)”, ESB, v. I, Rio de Janeiro, Imago, 1980.
- _____. “Alguns pontos para um estudo comparativo das paralisias motoras orgânicas e histéricas (1893)”, ESB, v. I, Rio de Janeiro, Imago, 1980.
- _____. “Sobre os critérios para destacar da neurastenia uma síndrome particular intitulada ‘neurose de angústia’ (1894)”, ESB, v. III, Rio de Janeiro, 1980.
- _____. “Uma réplica às críticas do meu artigo sobre neurose de angústia (1895)”, ESB, v. III, Rio de Janeiro, 1980.
- _____. “Projeto para uma psicologia científica (1895)”, ESB, v. I, Rio de Janeiro, 1980.
- _____. “Rascunho H, Paranoia” (1895). In: “Extratos dos documentos dirigidos a Fliess”. ESB, v. I, Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- _____. “Rascunho K: as neuroses de defesa (um conto de fadas para o Natal)” (1896). In: “Extratos dos documentos dirigidos a Fliess”. ESB, v. I, Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- _____. “Rascunho N (31/05/1897)”, ESB, v. I, Rio de Janeiro, 1980.
- _____. “Carta 55” 11/01/1897. In: “Extratos dos documentos dirigidos a Fliess”. ESB, v. I, Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- _____. “Carta 57 (24/01/1897). In: “Extratos dos documentos dirigidos a Fliess”. ESB, v. I, Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- _____. “Carta 71” (15/10/1897). In: Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. ESB, vol. I. Rio de Janeiro: Imago: 1980.
- _____. “Carta 79” (22/12/1897). In: “Extratos dos documentos dirigidos a Fliess (1950 [1892-1899])”. ESB, v. I, Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- _____. “Estudos sobre a histeria (1893-1895)”, ESB, v. II, Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- _____. “A interpretação dos sonhos (1900)”, ESB, v. IV, Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- _____. “Fragmentos da análise de um caso de histeria (1905)”, ESB, v. VII, Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- _____. “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905)”, ESB, v. VII, Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- _____. “Os chistes e sua relação com o inconsciente (1905)”, ESB, v. VIII, Rio de Janeiro: Imago, 1980.

- _____. “Fantasias históricas e sua relação com a bissexualidade (1908)”, ESB, v. IX, Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- _____. “Notas sobre um caso de neurose obsessiva (1909)”, ESB, v. X, Rio de Janeiro, Imago: 1980.
- _____. “Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância (1910)”, ESB, v. XI, Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- _____. “Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (*Dementia Paranoides*) (1911)”, ESB, v. XII, Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- _____. “Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (1912)”, ESB, v. XI, Rio de Janeiro: Imago: 1980.
- _____. “Totem e tabu (1913)”, ESB, v. XIII, Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- _____. “Sobre o narcisismo: uma introdução (1914)”, ESB, v. XIV, Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- _____. “Os instintos e suas vicissitudes (1915)”, ESB, v. XIV, Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- _____. “Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico (1916), III – Criminosos em consequência de um sentimento de culpa”, ESB, v. XIV, Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- _____. “Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos (1917 [1915])”, ESB, v. XIV, Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- _____. “Uma criança é espancada: uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais (1919)”, ESB, v. XVII, Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- _____. “Psicologia de grupo e a análise do ego (1921)”, ESB, v. XVIII, Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- _____. “O ego e o id (1923)”, ESB, v. XIX, Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- _____. “Uma neurose demoníaca do século XVII (1923 [1922])”, ESB, v. XIX, Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- _____. “O problema econômico do masoquismo (1924)”, ESB, v. XIX, Rio de Janeiro, Imago: 1980.
- _____. “A dissolução do complexo de Édipo (1924)”, ESB, v. XIX, Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- _____. “A perda da realidade na neurose e na psicose (1924)”, ESB, v. XIX, Rio de Janeiro,

Imago: 1980.

- _____. “Algumas notas adicionais sobre a interpretação dos sonhos como um todo (1925)”, ESB, v. XIX, Rio de Janeiro, Imago: 1980.
- _____. “A negativa (1925)”, ESB, v. XIX, Rio de Janeiro, Imago, 1980.
- _____. “Dostoiévski e o parricídio (1928 [1927])”, ESB, v. XXI, Rio de Janeiro, Imago: 1980.
- _____. “O humor (1927)”, ESB, v. XXI, Rio de Janeiro, Imago: 1980.
- _____. “O mal estar na civilização (1930)”, ESB, v. XXI, Rio de Janeiro, Imago: 1980.
- _____. “Conferência XXXI, A dissecção da personalidade psíquica – Novas conferências introdutórias sobre psicanálise (1933 [1932]). ESB, v. XXII, Rio de Janeiro, Imago, 1980.
- _____. “Por que a guerra? (1933)”. ESB, v. XXII, Rio de Janeiro, Imago: 1980.
- _____. FREUD, Sigmund, BULLIT, William C. *Thomas Woodrow Wilson: um estudo psicológico* (1930-32). Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- GUERRA, Eliane Fernandes, PINHEIRO, Raquel Martins. Impulso e pulsão. In: A entrada no tratamento, V Jornada do Centro Mineiro de Toxicomania. FHEMIG, outubro de 1992. P. 67-69.
- GUIMARÃES, Denise Alves. Saber e Módulo. In: A entrada no tratamento, V Jornada do Centro Mineiro de Toxicomania. FHEMIG, outubro de 1992. P. 23-27.
- GUIMARÃES, Leila Mariné. “Sobre a identificação”. *Transfinitos*. Belo Horizonte, Autêntica, ano 1, no. 0, p. 94-101, 1999.
- INEM, Clara. *Corpo em evidência: corpo de gozo*. Registros inéditos de palestra proferida nas V Jornadas de Formações Clínicas do Campo Lacaniano. Rio de Janeiro, 2003.
- KRISTEVA, Julia. “O real da identificação”. In: *As identificações*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994
- LACAN, Jacques. “Motivos do crime paranóico: o crime das irmãs Papin (1932).” In: *Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade, seguido de Primeiros escritos sobre a paranóia* (1932). Rio de Janeiro: Forense-universitária, 1987.
- _____. “Os complexos familiares (1938)”. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.
- _____. “O estágio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica (1949)”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- _____. “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose (1955-56)”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

- _____. “O seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise (1954-55)”. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.
- _____. “O seminário, livro 3: as psicoses (1955-56)”. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1988.
- _____. “A direção do tratamento e os princípios do seu poder (1958)”. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- _____. “Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano (1960)”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.
- _____. “Kant com Sade (1963)”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- _____. “A ciência e a verdade (1966)”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- _____. “O desejo e sua interpretação”, seminário 6 (1958). Inédito.
- _____. “O seminário, livro 7: a ética da psicanálise (1959-60)”. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.
- _____. “O seminário, livro 8: a transferência (1960-61)”. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992.
- _____. “O seminário, livro 9: a identificação (1961-62)”. Inédito.
- _____. “A angústia, seminário 10 (1962-63)”. Inédito.
- _____. “O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964)”. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.
- _____. “O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise (1969-70)”. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992.
- _____. “O seminário, livro 20: Mais, ainda (1972-1973)”. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.
- _____. “Televisão (1973)”. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.
- _____. “RSI”, seminário 24 (1974-75). Inédito.
- LECOEUR, Bernard. “O homem embriagado: estudos psicanalíticos sobre toxicomania e alcoolismo”. Belo Horizonte: Centro Mineiro de Toxicomania/FHEMIG, 1992.
- MANNONI, Octave. “A desidentificação”. In: *As identificações na clínica e na teoria psicanalítica*. Maud Mannoni et al. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- MELMAN, Charles. “Clínica psicanalítica: artigos e conferências”. Salvador: Ágalma Ed. UFBA, 2000.

- MIRANDA, Elisabeth da Rocha. *Debilidade mental e estrutura clínica*. Rio de Janeiro, 2002, 127F. Dissertação. (Mestrado em Pesquisa e Clínica em Psicanálise) – Instituto de Psicologia. Universidade Estadual do Rio de Janeiro.
- OURY, Jean. “Sobre a identificação”. In: *As identificações*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- PACELLI FERREIRA, Ademir. *O migrante na rede do outro*. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Te corá, 1999.
- PORTUGAL, Ana Maria. “A identificação”. *Transfinitos*. Belo Horizonte, Autêntica, ano 1, no. 0, p. 77-93, 1999.
- QUINET, Antonio. “O Homem dos Lobos”. In: *Curinga*. Belo Horizonte, Setor Mineiro do Campo Freudiano – Iniciativa Escola, n. 2, março – 1994, p. 6-9.
- _____. *Teoria e clínica da psicose*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- _____. “As estruturas clínicas no campo do gozo (2000)”, seminário inédito, proferido no Instituto de Previdência do Estado de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2000.
- _____. “Paranóia: a auto referência mórbida (27/10/01)”, seminário inédito, proferido no Instituto no Instituto de Previdência do Estado de Minas Gerais. Belo Horizonte.
- _____. “O número um, o único”. In: *Na mira do Outro: a paranóia e seus fenômenos*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2002.
- _____. *Um olhar a mais: ver e ser visto em psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.
- _____. Registros do Seminário de Estudos Avançados de Formações Clínicas do Campo Lacaniano - Sem. XX de Jacques Lacan: Mais, Ainda. Rio de Janeiro, 25/03/04.
- _____. Registros da Rede de Pesquisa de Psicose de Formações Clínicas do Campo Lacaniano do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1º semestre de 2004.
- _____. “O Um – do impasse ao passe”. In: *Stylus*: revista de psicanálise, n.9, outubro de 2004. Rio de Janeiro: Associação Fóruns do Campo Lacaniano.
- _____. *A neurose obsessiva*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- RINALDI, Doris. *A ética da diferença*. Rio de Janeiro: EdUERJ: Jorge Zahar Ed., 1996.
- ROSA, Márcia. “As identificações e as saídas de análise”. *Curinga*. Belo Horizonte, n. 3, p. 6-8, 1994.
- ROUDINESCO, Elisabeth, PLON, Michel. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

- SANTIAGO, Jésus. *A droga do toxicômano: uma parceria cínica na era da ciência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- SHAKESPEARE, William. *Hamlet e Macbeth*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.
- SOLER, Colette. “Identificação e interpretação”. In: *Artigos clínicos: transferência, interpretação, psicose*. Salvador: Fator, 1991.
- TAILLANDIER, Gerôme. “Resenha do Seminário ‘A identificação’, de J. Lacan”. In: *As identificações*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)